



VERTICALIZAÇÃO CRESCENTE

Espigões transformam paisagem dos bairros da capital paraibana

Foto: Carlos Rodrigo

Atualmente, 43,2% dos domicílios de João Pessoa são apartamentos, um índice quase cinco vezes maior que a média regional.

Página 17



Treze celebra centenário com música, visita a santuário e queima de fogos

Dirigentes e torcida reúnem-se para festejar um dos times mais tradicionais do estado, hoje, durante eventos em Campina Grande.

Páginas 25 a 28



“Independência ou Morte” criou idealização do 7 de setembro

Mais de 200 anos depois da separação política entre Brasil e Portugal, a pintura de Pedro Américo sobre o fato histórico continua viva no imaginário coletivo.

Página 13

Paraíba registra alta expressiva de denúncias pelo Disque 100

Dos 194 casos de violência contra crianças e adolescentes, no ambiente virtual, notificados de janeiro a agosto deste ano, 178 ocorreram apenas no último mês, coincidindo com a repercussão nacional das denúncias realizadas pelo *youtuber* Felca.

Página 7

Cacimba de Dentro recebe última etapa do Festival de Inverno das Serras

Após passar por outros cinco municípios, o circuito turístico do Curimataú encerra edição de estreia, reunindo atrativos em cultura e gastronomia. Evento começa na quarta-feira (10) e segue até sábado (13), com objetivo de fortalecer a economia local.

Página 8

Ninguém precisa suportar tudo sozinho. BUSQUE AJUDA.



■ “Dos três ou quatro canais de televisão que temos, dois deles passam a tarde inteira com a câmara nas taras, nos ladrões pequenos, dada a inviabilidade de formar um público para coisas mais edificantes”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “À parte a singularidade do texto em si, Augusto dos Anjos é um poeta incomum. Não são poucos os que o enaltecem. Maiores, medianos e menores pagam o devido tributo ao legado que ele deixou”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Editorial

Um desfile diferente

As potências econômicas e militares, quando sentem-se ameaçadas por uma ou várias de suas rivais, costumam promover ciclôpicos desfiles de suas Forças Armadas, trazendo a público, por exemplo, uma mostra de seus artefatos bélicos — sempre mais modernos, portanto, mais destrutivos e fatais. Com isso, passam um claro recado aos seus oponentes, como quem diz: “Isso é o que temos para lhes oferecer, caso vocês nos ataquem”.

A China fez isso há poucos dias. E convidou, para assistir à sua portentosa parada militar, realizada em Pequim, alguns de seus prováveis aliados, numa eventual guerra com os archi-inimigos Estados Unidos da América: o russo Vladimir Putin e o norte-coreano Kim Jong-un, também adeptos de impressionantes demonstrações de força. Como sempre, os mísseis balísticos intercontinentais concentraram as atenções.

O que fará agora a maior potência ocidental — ora em declínio — presidida pelo conservador, destemperado e contraditório Donald Trump, para responder à musculosa exibição da considerada, por muitos analistas, hoje, a maior potência do planeta, no caso, a República Popular da China de Xi Jinping, império comunista que não dispensa estratégias puramente capitalistas para expandir-se política e economicamente ao longo do mundo?

Tudo é possível. As batalhas podem continuar desenrolando-se umas no plano verbal, outras escancaradas (como acontece na Ucrânia e na Faixa de Gaza), com outros jogos sujos transcorrendo por baixo da mesa. Mas pode repetir-se o que já aconteceu muitas vezes na história: o acirramento das disputas políticas materializando-se em uma guerra mundial, com as consequências que a memória da humanidade lembra tão bem.

Que bom seria se tudo fosse diferente. Imagine, como diria John Lennon, que em vez de desfiles protagonizados por milhares de soldados bem armados, tendo ogivas nucleares como vedetes, fossem apresentados e reconhecidos, nas praças e avenidas, os homens e as mulheres responsáveis pelos avanços em áreas capitais, como Cultura e Saúde, por exemplo. No estandarte maior, *in memoriam*, os rostos dos criadores da anestesia.

Os homens e as mulheres inventores de uma pedagogia capaz de desenvolver o potencial criativo de crianças, jovens e adultos; os autores e autoras de obras geniais, em todos os ofícios artísticos e científicos; os administradores e administradoras públicos que corrigiram as desigualdades sociais... Aplausos, enfim, ao vivo e em cores, para as pessoas que, efetivamente, contribuem para tornar o mundo um lugar melhor para se viver.

Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com

Impunidade é convite ao golpe

Enquanto a Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal dá curso ao julgamento para punir os principais envolvidos na trama golpista de 2023, lideranças políticas movimentam-se na produção de manobras em favor de uma anistia ampla, que beneficiaria todos os acusados pelos atos de 8 de janeiro, incluindo articuladores e financiadores. O tema tem suscitado muitas críticas, classificando esses movimentos como um ataque frontal à ordem constitucional, com grave risco de institucionalizar a impunidade. Não há dúvidas de que se trata de mais uma ameaça à democracia.

Percebe-se, claramente, tratar-se de uma jogada casuística para livrar da prisão as principais lideranças da intentona. Divulgada como se fosse motivada pelo desejo de perdoar também os “peixes pequenos” — a massa de manobra que participou da invasão e depredação das sedes dos Três Poderes, em Brasília —, a proposta, na verdade, tem outro objetivo: mirar o calendário eleitoral e possibilitar a candidatura de alguém da extrema direita na condição de herdeiro do capital político do ex-presidente, já que este, mesmo sendo anistiado, continuaria inelegível.

Mais do que jurídicas, essas articulações carregam forte apelo personalista, configurando-se como afronta à Constituição e abrindo caminho para uma grave crise institucional entre os poderes Legislativo e Judiciário, já que o projeto em debate, inevitavelmente, seria questionado pelo STF. A proposta, originada entre parlamentares da Câmara Federal, encontra obstáculos no Senado, onde seu presidente já se posicionou contrariamente, trabalhando na elaboração de um texto alternativo com redução de penas para os participantes dos ataques de 8 de janeiro, excluindo, contudo, os organizadores e financiadores do plano golpista. Essa alternativa conta, inclusive, com a simpatia de ministros do STF.

Uma sociedade que perdoa episódios violentos de ataque à democracia não aprende com eles e tampouco busca evitar sua repetição. É indiscutível que há correlação entre a impunida-

de de crimes do passado e a recorrência destes em tempos futuros, tanto na perspectiva individual quanto social — sobretudo quando se trata de crimes contra o Estado Democrático de Direito e de tentativas de rupturas institucionais. A responsabilização pelos crimes cometidos nesses movimentos golpistas não pode ser confundida com atos de vingança ou de afastamento arbitrário de atores da esfera pública.

Historicamente, a impunidade tem gerado consequências catastróficas no Brasil. A Lei da Anistia de 1979 é o exemplo mais recente. É possível identificar uma série de violações perpetradas por indivíduos que jamais foram responsabilizados, incluindo levantes e tentativas de golpes ao longo do período republicano. Mesmo diante de crimes brutais cometidos durante o regime autoritário — que envolveram torturas, estupro, desaparecimentos forçados e assassinatos políticos —, militares e civis criminosos foram perdoados pelo Congresso, sob o pretexto de garantir a transição para a democracia.

Essa tradição de impunidade precisa ser rompida agora, com a responsabilização dos que tentaram dar um golpe de Estado, incluindo um ex-presidente e militares de alta patente, além da necessária revisão da Lei da Anistia de 1979. Esse tem de ser um grito nacional, independente de cores partidárias: Ditadura nunca mais. Sem anistia. Viva a democracia.

“

Uma sociedade que perdoa episódios violentos de ataque à democracia não aprende com eles

Opinião

Foto Legenda



Foco na cobertura

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Redator de obituários?

A posse justa, meritória, tal como se inscreve na letra estatutária de uma entidade acadêmica, não só merece como cobra a presença solidária, sobretudo de todo um plenário de confrades a se sentir prestigiado.

Fui conferir e vi ter sido dessa ordem a posse, terça-feira passada, do escritor Gil Messias na nossa APL. Mas chovia lá fora, fazia frio, e mesmo encapotado, com camisa de forro, rendi-me às sequelas do enfisema, contentando-me em acear da janela do carro o imprensado de guarda-chuvas querendo entrar de vez pelas ombreiras coloniais de uma casa comum, há mais de oitenta anos convertida em portal sem ornatos, simples como o calcário do seu interior.

Desde que me convenci, ainda em tempo, de que viria dali a única névoa de sobrevida do meu ser literário, que passei a frequentá-la, uma vez que sob a simpatia sem igual de Oscar de Oliveira Castro, escritor, biógrafo de Arruda Câmara e médico a quem o governo de José Américo confiou a gestão dos seus programas de política social.

Então, pedi ao confrade José Nunes que me assegurasse a leitura dos discursos, já que o rádio e a televisão de hoje e de sempre, aqui e talvez no resto do mundo, fora uma Bruxelas, não vê Ibope no palco das academias e já não digo na ópera, mas mesmo nas sinfônicas. Dos três ou quatro canais de televisão que temos, dois deles passam a tarde inteira com a câmara nas taras, nos ladrões pequenos, nos pequenos bandidos dada a inviabilidade de formar um público para coisas mais edificantes. A Academia, mesmo a Brasileira, só entra em pauta quando o imortal não pode mais dar seu recado ao vivo ou aos vivos.

Tornei-me leitor de Gil Messias quando entrei a me despedir do batente e a me sentir um velho de emoções retardadas. Já encontro não apenas o cronista que “está trocando em miúdos as exigências de sua vocação” — como lamentava Fernando Sabino — mas o ensaísta bem preparado que se vale da crônica para ajudar no entendimento do leitor, situá-lo ou complementá-lo naquilo que o autor bem soube explorar do muito que leu. Leitores enfadados como eu, que julgava conhecer Sobral Pinto até parar na página que Gil lhe dedica. E assim a sucessão de páginas do seu livro mais recente,

“

Tornei-me leitor de Gil Messias quando entrei a me despedir do batente e a me sentir um velho de emoções retardadas

de texto no papel, que é o que não me foge aos olhos e à paciência. Só me vem um porém: por que o título “O redator de obituários”? Quantos mortos ou insertos no anonimato eu deixei em seu livro? Eu não encontraria jamais, na minha esquina — e não vou ao cinema desde que o Municipal fechou suas portas —, a livraria sonhada por uma viúva entediada, perdida numa cidadezinha inglesa que olha com estranheza o que vem de fora. Isso deu filme e veio cair entre as ocorrências mais requeridas pelo meu gosto particular. É óbito? É não. Mais dois exemplos, a mim que vivi a repercussão das figuras: há gente mais viva na memória política e cívica deste país que Sobral Pinto ou Milton Campos? Quanta coisa a leitura de Gil me acrescentou! Das 400 páginas saí bem melhor do que entrei.

Falei muito de mim, mas até nisso estava previsto à página 158: “Retrato do cronista” E vem de presente uma de Freud: “Quando Pedro me fala sobre Paulo, sei mais de Pedro que de Paulo”. Então, recordei aqueles que juram contemplar apenas o texto puro de Augusto dos Anjos, sem ouvir a dor do homem que o escreveu. E pensei nos que diminuem Lima Barreto, porque em sua obra pulsa a confissão de sua própria vida. Mas talvez não compreendam que a poesia e a prosa nascem da alma, e toda vez que o autor se entrega a elas, é o humano que floresce, eterno.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

NO ESTADO

ESP-PB é referência na formação para o SUS

Instituição qualifica profissionais de saúde nos 223 municípios paraibanos

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A Escola de Saúde Pública da Paraíba (ESP-PB) vem se firmando como uma importante estratégia para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) no estado. Com a missão de inovar nos serviços e qualificar os profissionais de saúde, a instituição atua nos 223 municípios do estado e conta com residentes e bolsistas em programas alinhados às necessidades da rede pública de saúde. Criada em 2021, a ESP-PB foi instituída pela Lei nº 11.380, ampliando o trabalho desenvolvido pelo Centro Formador de Recursos Humanos (Cefor-RH). O antigo Cefor-RH foi criado em 1994, sendo um dos primeiros centros de formação para os profissionais da saúde do país, chegando a formar mais de 10 mil pessoas. Durante o lançamento da ESP-PB, o governador João Azê-

vedo destacou a importância da qualificação profissional e a atuação do SUS durante a crise da Covid-19. Na ocasião, o governador salientou que “através da ciência, do aprendizado, do estudo, da formação, da qualificação profissional e da difusão do conhecimento, vamos vencer a maior crise sanitária dos últimos 100 anos no mundo. E, mais do que isso, vamos construir um novo futuro. Nesta escola, vamos fortalecer e ampliar as etapas de formação dos trabalhadores e trabalhadoras dedicados à saúde pública”. Um dos grandes diferenciais das formações oferecidas pela escola é a realização *in loco*, buscando se aproximar da realidade de cada profissional. “A nossa missão basicamente é qualificar e formar trabalhadores e trabalhadoras do SUS, dentro do processo de trabalho. Então, a gente não tira a pessoa e coloca na sala de aula, mas fazemos um processo cha-

mado de educação permanente”, pontua o diretor-geral da ESP-PB, Matheus Sprícido. A Educação Permanente em Saúde foi uma metodologia desenvolvida no âmbito do SUS, a partir de 2004, com o lançamento da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (Pneps), que visava à transformação das práticas de trabalho a partir da problematização do cotidiano dos profissionais da rede pública, considerando a pluralidade do país. A diretora acadêmica da ESP-PB, Raiana Mariz, ressalta que um dos principais desafios da ESP-PB consiste em conciliar o conhecimento científico com a experiência prática dos profissionais em serviço, lidando com “a diversidade de formações, perfis e realidades territoriais, tornando indispensável a contextualização dos conteúdos”. “O profissional formado pela escola não apenas domina técnicas em saúde, mas tam-

bém desenvolve competências relacionais, éticas e humanísticas, estando preparado para lidar com diferentes contextos sociais, culturais e econômicos presentes nos municípios paraibanos, fortalecendo o cuidado integral e humanizado”, complementa a diretora.

“
A nossa
missão
basicamente
é qualificar
e formar
trabalhadores
do SUS

Matheus Sprícido

Formação de 10 mil profissionais em 2025

Atualmente, a ESP-PB oferece residências, pós-graduações, cursos técnicos e de qualificação profissional nas áreas de Saúde Coletiva, Educação na Saúde, Saúde e Ciências Humanas, com um total de mais de 600 bolsistas, 50 funcionários e 216 residentes. Além disso, a escola desenvolve o apoio e acompanhamento de projetos de pesquisa desenvolvidos por seus alunos. Até julho de 2025, a escola já qualificou cerca de 6.500 profissionais e prevê totalizar 10 mil profissionais formados até o fim do ano.

O Núcleo de Pós-Graduação oferece cursos de especialização e qualificação nas áreas de Gestão de Riscos e Segurança do Paciente, para profissionais de nível superior atuantes em UTIs; Saúde da Família com ênfase Materno-Infantil, voltada para profissionais de nível médio e superior, com foco na Atenção Primária e à Rede Materno-Infantil; e Preceptoría para Educação Profissional em Saúde, em parceria com a Fiocruz e escolas do SUS, direcionada à Atenção Primária e Vigilância em Saúde. “Tem agente comunitá-



Foto: Divulgação/ESP-PB

Escola desenvolve o apoio e acompanhamento de projetos desenvolvidos por seus alunos

rio de saúde fazendo esse curso [de Saúde da Família], além de médicos da Atenção Primária, fonoaudiólogos, psicólogos, nutricionistas e fisioterapeutas. A gente sempre divide os nossos cursos baseado nos trabalhadores”, pontua o diretor-geral da instituição. A Residência em Saúde possui 23 programas distribuídos nas áreas médica

(18), uniprofissional (três) e multiprofissional (duas). São oferecidos programas de anesthesiologia, cirurgia geral, obstetrícia e medicina de família e comunidade na área médica. Já o Núcleo de Investigação Científica (NIC) busca regular e monitorar pesquisas na Rede Estadual de Saúde da Paraíba (Resu-PB), garantindo uma regulação

ética e qualidade científica, além de contribuir para políticas públicas e inovação no SUS. O núcleo já regulamentou mais de 590 pesquisas, alinhadas aos eixos da Secretaria de Estado de Saúde (SES-PB), como atenção integral, vigilância sanitária, saúde digital, gestão da atenção, educação em saúde e atenção especializada.

Quatro novos programas de residência médica

Uma das principais expectativas para o ano que vem é a criação de quatro novos programas de residência médica em oncologia, oncologia clínica, cirurgias oncológicas, patologia e radioterapia. O diretor-geral da ESP-PB aponta a deficiência de profissionais qualificados e a recente modernização da área na rede pública como justificativas. “Estamos inaugurando um acelerador linear em Patos e não tem profissional. A gente solicitou para

o ano que vem a realização de um curso técnico em Radioterapia também, nessa mesma perspectiva de que falta profissional”, afirmou o diretor. Além disso, existe a expectativa de criação de um curso voltado à Atenção Primária, por conta da pós-graduação em Saúde da Família. Segundo o diretor da ESP-PB, “a gente vai fazer um curso como esse para a Atenção Primária, pegando todas as equipes de Saúde da Família,

que são os postinhos. Nós temos aqui 1.556 equipes, sendo cada uma composta por seis agentes de saúde: um médico, um enfermeiro, um técnico, agente de saúde bucal e um técnico de Enfermagem”. A instituição prevê ainda a expansão em outras áreas estratégicas, com destaque para a criação das residências em Otorrinolaringologia e Oftalmologia. Também são previstos cursos técnicos em Hemoterapia, Vigilância em Saúde,

Saúde Bucal, Radioterapia, pós-técnico em Saúde Bucal com foco em Oncologia e técnico em Órtese e Prótese.

■
A instituição
prevê
ainda
a expansão
em outras
áreas
estratégicas

Eduardo
Augusto
eduardomelosocial@gmail.com

A tinta invisível

Há uma máquina de escrever em algum canto do mundo, talvez em Genebra, talvez em Nova York. Ela é pesada, imponente, feita de um metal brilhante que reflete a imagem de um mundo que se acha civilizado. Seus rolos giram com um zumbido solene, alimentados por tratados e protocolos. Suas teclas, cunhadas com palavras como “paz”, “direitos”, “humanidade”, batem com força no papel. Clac, clac, clac. O som ecoa em salões envidraçados, é traduzido simultaneamente para seis idiomas e vira notícia de primeira página.

O problema é que o papel não tem fibras, a tinta é invisível e as palavras, por mais altissonantes que sejam, não pesam nada. Não têm a densidade de um tijolo de uma casa desfeita por um míssil. Não têm o sabor salgado do sangue que escorre sob os escombros. Não têm o calor do último suspiro de uma criança que ainda acreditava que o mundo era bom. Enquanto isso, do outro lado do mesmo mundo, há outra máquina em funcionamento. Esta é feita de aço, silício e uma frieza calculista. Suas teclas são botões vermelhos. Seu papel é a geografia viva de Gaza. Sua tinta é fósforo e fragmentos de metal. Ela não escreve comunicados; escreve epitáfios em massa. Bum, bum, bum. O som não ecoa em salões, mas nas câmaras de eco da nossa consciência, quando nos permitimos ouvi-lo.

“
E assim, a
crônica do
horror se
repete. A
máquina de
aço escreve
seus capítulos
em sangue,
sobre o corpo
do povo
palestino

E entre a máquina de escrever e a máquina de matar, existe um vácuo. Um silêncio ensurdecedor dos que se dizem “civilizados”. É um silêncio diferente da quietude. É um silêncio ativo, escolhido, financiado e armado. É o silêncio de um discurso diplomático que condena “ambos os lados” quando um lado é a potência ocupante e o outro, a população ocupada.

É o silêncio de um veto que bloqueia a paz no Conselho de Segurança da ONU, aquele organismo que parece ter segurança apenas no nome.

Esses pais “civilizados” do globo vestem ternos caros e gravatas de seda. Assinam embargos contra nações menores, mas encontram sempre uma justificativa legal, um eufemismo estratégico, um “direito à defesa” desproporcional para abastecer a máquina de morte. Lavam as mãos com águas termais de estâncias luxuosas, enquanto as crianças de Gaza tentam saciar a sede com água salobra. A sua civilização é seletiva: termina onde começam os seus interesses geopolíticos e os seus contratos de armas.

A ONU, nesse teatro macabro, tornou-se o mestre de cerimônias da impotência. Ela emite relatórios. Muitos relatórios. Documenta crimes, lista números, chama de “tragédia” o que é, na verdade, um massacre metódico. A sua voz, outrora um farol de esperança pós-guerra, agora é um sussurro rouco, abafado pelo rugido dos F-35 e pelo chiado dos deslocados. Ela pede “pausas humanitárias”, como se a humanidade pudesse ser pausada e retomada conforme a conveniência dos carrascos. Ela gerencia a miséria em vez de impedi-la.

E, assim, a crônica do horror se repete. A máquina de aço escreve seus capítulos em sangue, página após página, sobre o corpo do povo palestino. A máquina de metal brilhante, a que escreve com tinta invisível, produz a capa elegante que tenta encadernar essa atrocidade dentro de um arquivo esquecido.

Mas o sangue, ah, o sangue é uma tinta indelével. Ele não seca com a poeira dos escombros. Ele não some com as rolagens de tela das redes sociais. Ele penetra na terra e, um dia, mesmo que leve gerações, essa terra há de florescer com a justiça que hoje lhe é negada. A questão que fica, ecoando no vácuo da nossa inação, é: quantas páginas ainda precisarão ser escritas em vermelho antes que as teclas da nossa indiferença finalmente emperrem?



Foto: Leonardo Ariele

André Rabelo

Delegado-geral da Polícia Civil da Paraíba

“Crime digital se reinventa a cada dia, mas estamos preparados”

Em entrevista, líder da instituição detalha os avanços conquistados e os desafios da corporação em combater o crime organizado

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

A Polícia Civil da Paraíba vive um momento de consolidação e transformação. De um lado, reforça sua função essencial dentro do sistema de segurança pública: investigar, formalizar e encaminhar inquéritos ao Judiciário e ao Ministério Público, atuando de forma técnica, planejada e republicana. De outro, amplia sua estrutura administrativa, fortalece a inteligência investigativa e busca se aproximar, cada vez mais, da sociedade com atendimento humano e acolhedor.

Entre os destaques recentes, estão a redução quase total dos assaltos a bancos e carros-fortes no estado, a criação de delegacias especializadas — como a de Crimes Cibernéticos —, a expansão das Delegacias da Mulher e a inauguração da nova sede, que concentra as 13 diretorias estratégicas da corporação.

À frente dessa caminhada está o delegado-geral André Rabelo, que, em entrevista ao jornal **A União**, detalhou os avanços conquistados, os desafios da corporação e a missão de equilibrar firmeza no combate ao crime e sensibilidade no atendimento ao cidadão. Confira:

Entrevista

■ *Qual é, de forma simples, o papel da Polícia Civil dentro do sistema de segurança pública da Paraíba?*

A Polícia Civil exerce duas funções principais: a de polícia judiciária e a de polícia investigativa. Cabe a nós formalizar e encaminhar as investigações ao Ministério Público e ao Judiciário, mas também realizar nossas próprias operações. Diferentemente da Polícia Militar (PM), que atua de forma ostensiva, a nossa atuação é voltada para a apuração e elucidação de crimes. Também recebemos demandas de outras forças, como PM e Polícia Rodoviária Federal (PRF), e damos o encaminhamento jurídico necessário. É importante destacar que seguimos rigorosamente a Constituição e o Código de Processo Penal, garantindo que cada ação seja pautada pelo devido processo legal. Nosso papel é dar respostas técnicas e republicanas à sociedade, com seriedade e responsabilidade.

■ *A Polícia Civil da Paraíba é considerada jovem em comparação a outros estados. O que isso representa em termos de maturidade de atuação?*

Nossa instituição é relativamente recente: nasceu, oficialmente, em 1981, ou seja, completou 44 anos agora, em agosto. Enquanto estados vizinhos, como Pernambuco, já possuem polícias civis quase bicentenárias, nós ainda estamos consolidando etapas. Conquistamos desconcentração administrativa, financeira e orçamentária em 2019-2020 e, logo em seguida, enfrentamos a pandemia, o que retardou a estruturação. Foi apenas a partir de 2021 que conseguimos planejar e executar com mais autonomia, fortalecendo setores estratégicos e criando novas diretorias. É um processo de construção de identidade como uma polícia moderna, eficiente e planejada.

■ *O que muda com essa desconcentração administrativa conquistada nos últimos anos?*

A mudança é profunda. Antes, qualquer decisão administrativa dependia do despacho do secretário de Defesa Social, desde liberar

um diário de viagem até transferir um servidor. Isso engessava a gestão e atrasava ações urgentes. Hoje, a Polícia Civil administra-se diretamente: temos orçamento próprio, setores de Planejamento, Engenharia, Finanças e Comunicação. Continuamos subordinados à política geral de segurança do Estado, mas com autonomia para gerir o dia a dia. Deixamos de ser um apêndice e passamos a ser reconhecidos como uma instituição autônoma, capaz de pensar e executar seu próprio futuro. Isso trouxe agilidade, transparência e eficiência. Mais que burocracia, significa que servidores da própria instituição estão pensando a Polícia Civil e moldando o futuro da corporação.

■ *Quais avanços concretos essa estrutura já trouxe?*

Houve um salto impressionante. Em 2020, registramos cerca de 250 operações. Já em 2024, foram mais de 4.800. Criamos novas delegacias especializadas, como a de Crimes Cibernéticos e a Dzarm [Delegacia Especializada de Combate à Circulação e Comercialização Ilegal de Arma de Fogo, Munições e Explosivos], fortalecemos a Draco [Delegacia de Repressão ao Crime Organizado] e o GOE [Grupo de Operações Especiais], além de ampliar a inteligência e a integração com outras forças. Hoje, a Polícia Civil aparece pouco, mas entrega muito: o foco não é a espetacularização, mas dar respostas técnicas e republicanas à sociedade.

■ *A inauguração da nova sede representa um marco nesse processo?*

Sem dúvida. Durante décadas, funcionamos em pequenas salas na antiga Secretaria de Defesa Social, sem sequer ter um endereço institucional próprio. Até pouco tempo atrás, funcionávamos em duas ou três salas da Secretaria de Defesa Social, sem endereço próprio. Isso reforçava a ideia de que éramos apenas um “apêndice” da secretaria. A nova sede simboliza a consolidação de 44 anos de história e a afirmação da nossa identidade. Agora, temos um espaço mo-

Um policial motivado e capacitado entrega muito mais à sociedade.

■ *A violência contra a mulher é uma preocupação crescente. Como a Polícia Civil tem atuado nesse tema?*

O governador tem insistido, com razão, na criação de Delegacias da Mulher em todas as regiões do estado. Nos últimos quatro anos, implantamos sete novas unidades e outras três já foram anunciadas, em cidades como Itabaiana, Juazeirinho e Princesa Isabel. Esse modelo especializado garante um atendimento mais humano e uma resposta mais rápida. Paralelamente, capacitamos servidores para lidar com esse tipo de ocorrência — que exige preparo e sensibilidade — investimos em campanhas educativas e firmamos parcerias para prevenção. Nosso desejo seria que esses crimes não existissem, mas, enquanto a violência persistir, nossa missão é proteger vítimas e punir agressores com rigor.

■ *A Polícia Civil tem atuado intensamente no combate ao tráfico de drogas no estado. Como é realizado esse trabalho?*

Nosso foco é desarticular organizações criminosas, atingindo suas estruturas financeira e logística. Atuamos de forma integrada com outras polícias estaduais e federais, usando inteligência e tecnologia. É um enfrentamento permanente, porque sabemos que o tráfico alimenta grande parte da violência. Nesse sentido, mudamos a lógica de concentrar efetivo apenas nas grandes cidades e estamos investindo massivamente na interiorização das ações. Os primeiros colocados no concurso, por exemplo, foram lotados em municípios como Uiraúna, Teixeira, São Bento, Catoilé do Rocha e Cuité. Isso deu mais capilaridade, aumentou a elucidação de crimes e aproximou a Polícia Civil das comunidades.

■ *E no combate aos crimes cibernéticos, como a instituição vem avançando?*

Até 2022 não tínhamos sequer uma delegacia específica para crimes cibernéticos. Com apoio do governo, criamos a unidade, adquirimos equipamentos modernos e, sobretudo, recebemos novos servidores capacitados após o maior concurso da história da Polícia Civil. Essa juventude trouxe novas concepções e habilidades tecnológicas. Hoje, investigamos golpes virtuais, fraudes e crimes de alta complexidade digital. É uma área em constante evolução, que exige atualização permanente, mas já temos conseguido resultados expressivos. O crime digital se reinventa a cada dia, mas estamos preparados para acompanhar esse ritmo e dar respostas rápidas à sociedade.

■ *Recentemente, a Paraíba praticamente zerou os assaltos a bancos e carros-fortes. Como foi possível chegar a esse resultado?*

Foi fruto de muito investimento, integração e dedicação. Em 2016

e 2017, vivemos o auge desses crimes, chegamos a registrar mais de 120 ataques. De 2019 para cá, conseguimos reduzir drasticamente, chegando a praticamente zerar. Isso só foi possível com inteligência, monitoramento e integração. Tivemos equipes que passaram 50, 60 dias monitorando quadrilhas até prendê-las. Também qualificamos operações e fortalecemos o GOE e a Draco. Esse é um exemplo claro de que planejamento, paciência investigativa e apoio governamental podem transformar a realidade. É um trabalho silencioso, mas altamente efetivo, que transformou a Paraíba em referência nacional nesse tipo de enfrentamento.

■ *Como funciona a estrutura investigativa da Polícia Civil hoje?*

Nossa base é a investigação. Temos cerca de 2.900 servidores distribuídos em quatro superintendências, 24 seccionais e dezenas de delegacias especializadas. Entre elas, estão a Delegacia de Crimes Cibernéticos, a Draco (crime organizado), a Decot (crime tributário), a DRFPC (roubos e cargas), além dos núcleos de homicídios. Todos contam com apoio de inteligência, tecnologia e perícia científica. O objetivo é padronizar procedimentos e garantir que uma investigação em Uiraúna, por exemplo, tenha a mesma qualidade de uma em João Pessoa.

■ *A Polícia Civil também tem ampliado a cooperação fora do estado?*

Sim, e isso é um grande avanço. Participamos de operações interestaduais, como a erradicação de plantações de maconha em Pernambuco, em parceria com a Polícia Federal e o Ministério da Justiça. Também realizamos prisões em estados como Bahia, Paraná e Mato Grosso, sempre em conjunto com as polícias locais. Só em 2023, mais de 90 pessoas foram presas fora da Paraíba em ações articuladas. Isso mostra maturidade institucional e capacidade de atuação em rede. O crime é interestadual, e a resposta da Polícia Civil também precisa ser integrada e além das fronteiras.

■ *Quais são os principais desafios e perspectivas para o futuro da corporação?*

Nosso maior desafio hoje não é apenas tecnológico ou operacional, mas humano. Precisamos preparar o servidor para oferecer atendimento digno ao cidadão, desde o registro de um boletim até as grandes operações. Também precisamos investir continuamente em ciência e perícia, porque a prova técnica dá mais segurança aos processos. Outro desafio é manter o equilíbrio: sermos firmes contra o crime, mas próximos da sociedade. O futuro passa por mais delegacias padronizadas, fortalecimento das unidades de investigação e valorização dos policiais. Crescemos muito nos últimos anos, mas a responsabilidade cresce junto, e nossa missão é responder com qualidade e seriedade.

DESAFIOS E RESISTÊNCIAS

Mulheres provedoras são a maioria

Estado acompanha tendência nacional e destaca-se no Nordeste, com 51,7% de famílias lideradas pelo sexo feminino

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

A tendência de que os homens são os provedores da família mudou no Brasil. Um estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que, no final de 2024, o percentual de mulheres chefes de família superou o de homens. Elas comandam 51,7% das unidades familiares, representando 41,3 milhões de pessoas. Do quarto trimestre de 2012 ao mesmo trimestre de 2024, houve um aumento de 87%. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua 2024), de um universo de 77.330 responsáveis por domicílios no Brasil, 40.149 são mulheres e 37.181 são homens. Na Paraíba, de um total de 1.471, elas são 765 contra 706 de homens.

O estudo da FGV mostra que a maioria das mulheres que chefiam seus lares no Brasil é negra (53%). Nesse grupo, houve um crescimento de 104% em relação a 2012, sendo formado predominantemente por mulheres de baixa escolaridade — 43% concluíram apenas o Ensino Fundamental. Em relação à renda, o levantamento aponta que o rendimento médio dessas mulheres é 32% menor do que o dos homens. A desigualdade é ainda maior em lares chefiados por mães solo (mulheres com filhos e sem cônjuge), em que a diferença de rendimento chega a 41% na comparação com homens na mesma condição. O maior percentual de provedoras de família está entre as casadas com filhos (32%), seguidas das mães solo (30%). No entanto, o grupo que apresentou a maior expansão foi o das casadas sem filhos, com aumento de 227% — passando de 1,9 milhão em 2012 para 6,1 milhões em 2024. Em seguida, aparecem as casadas com filhos, com crescimento de 143%, alcançando 13,3 milhões. Já entre as mães solo, o número de chefes de família aumentou 29%, somando 12,3 milhões de mulheres.

Na Paraíba, o Censo Demográfico 2022, do IBGE, confirmou a tendência de crescimento da presença feminina na chefia dos lares. Entre as 1,37 milhão de pessoas identificadas como responsáveis por suas respectivas unidades domésticas, 51,7% eram mulheres, superando o percentual de homens (48,3%).

Em 2010, o cenário era inverso: apenas 38,8% dos lares tinham mulheres como responsáveis, contra 61,2% de homens. Na época, o índice paraibano de mulheres chefes de família ficou acima da média nacional (49,1%) e um pouco abaixo da média do Nordeste (52%), posicionando o estado como o 8º maior do país nesse indicador.

Quanto à cor ou raça, o levantamento mostra que, no Brasil, há um percentual ligeiramente maior de homens brancos responsáveis pelos domicílios (44,4%) em relação aos pardos (43,3%). Entre as mulheres, ocorre o inverso: 44,5% são pardas, enquanto 42,8% são brancas. As pretas representam 11,9%, também acima da proporção registrada entre os homens (11,5%). No estado, os negros (pretos e pardos) predominam na chefia dos lares em ambos os sexos: 66,39% das mulheres e 64,45% dos homens. Já os brancos somam 34,82% entre os responsáveis masculinos e 32,78% entre os femininos, acompanhando a tendência nacional de que a maioria das mulheres que lideram os domicílios são negras.

Mudanças sociais

Segundo a doutora em Sociologia da UFPB, Anna Kristyna Barbosa, o aumento de mulheres chefes de família, apontado pelo IBGE, está ligado à maior participação feminina no mercado de trabalho e na vida pública. “Nas últimas décadas, houve avanço na escolarização, inserção em profissões de prestígio e conquista da independência financeira, o que reflete transformações sociais e a persistência feminina em ocupar espaços historicamente negados”, explica.

A socióloga ressalta, porém, que a maternidade solo expõe a sobrecarga causada pela ausência paterna, tanto financeira quanto no cuidado dos filhos. Mesmo em lares com companheiros, a divisão doméstica ainda é desigual: ambos trabalham fora, mas a responsabilidade da casa e do cuidado geralmente recai sobre a mulher. “Isso é reflexo cultural da desigualdade de gênero, impactando sua carreira, ascensão profissional e saúde mental”, afirma.

Entre os principais desafios, estão a dupla jornada, a desigualdade salarial, a precarização do trabalho e os preconceitos, especialmente contra as mães. Para mudar esse qua-

dro, a socióloga defende políticas públicas de apoio, como ampliação de creches, licença parental, valorização do trabalho doméstico e campanhas educativas que reforcem a responsabilidade compartilhada. Também aponta a importância de as empresas adotarem flexibilidade de horário, igualdade salarial e programas de apoio à parentalidade.

Rotina sobrecarregada

A escritora e gestora cultural, Aline Cardoso, conta que foi mãe solo por seis anos. Hoje ela está casada, vive com seu esposo, sua filha e os animais de estimação. “Divido as demandas financeiras com meu esposo, mas a chefia do lar é minha responsabilidade, pois envolve o planejamento doméstico tanto da micro quanto da macroestrutura da vida familiar”, explica. Ela conta que busca equilibrar sua atuação profissional com o trabalho doméstico, a maternidade, a vida cotidiana e os estudos, já que atualmente ela também cursa Comunicação Social. “É um malabarismo imenso, principalmente quando se é a principal responsável pela manutenção da casa e da dinâmica de vida das pessoas. Em meio a tudo isso, preservar o descanso também é fundamental. Eu já tive *burnout* e vivo lidando com cautela para evitar as sobrecargas. Permito-me descansar e planejar bem a minha rotina para conseguir me manter saudável e com qualidade de vida”, comenta a escritora, dizendo que o descanso ainda é tido como privilégio para a realidade de muitas mulheres.

Mulher negra e editora independente, Aline relata que busca compreender sua trajetória e a das que vieram antes dela, sem se cobrar tanto. “É muito bom saber que tudo o que construí é fruto do meu trabalho e que supero estatísticas a todo momento. Desde 1500 vivemos em desigualdade ampliada, atravessadas por raça, classe e gênero, além do racismo estrutural”, destaca.

Ela observa que, embora trabalhem muito, mulheres negras ainda enfrentam precarização, baixa remuneração, desigualdades sociais, fome e insegurança alimentar, reflexo da falta de acesso a melhores condições de vida. “Precisamos de mais políticas públicas de combate frontal a essas desigualdades. Poucas de nós conseguem furar esses bloqueios e alcançar melhores salários, segurança e qualidade de vida”, ressalta.

Elizandra Rodrigues, também mulher negra e mãe solo há nove anos, mora com sua filha e um gato de estimação. “Eu não tenho quem contribua com as despesas da casa, é tudo por minha conta. Tenho a pensão da minha filha, que cobre metade dos gastos com ela, o resto tenho que me virar”, relata. Ela comenta que sua rotina é muito corrida, tendo que se dividir entre várias atividades. “Quando engravidei estava trabalhando e estudando, e tive que largar os estudos para trabalhar e cuidar da minha filha. Voltei a estudar agora, estou tentando terminar uma graduação, é uma loucura conseguir conciliar, mas Sofia [sua filha] me



Na casa da designer Katiúcia de Sousa convivem, cotidianamente, ela, sua mãe e seu filho

dá muita força para estudar”, relata, ressaltando a contribuição de sua mãe, de 80 anos, nos cuidados com a filha.

Hoje, Elizandra mantém dois vínculos empregatícios, começa sua rotina às 5h e encerra à noite, após a universidade. “O principal desafio é me manter viva, bem, de pé, e não passar tanta fragilidade e dificuldade para minha filha. Eu não posso falhar porque tenho ela. Tem dias que eu me sinto cansada, sobrecarregada, não só fisicamente mas mentalmente”, destaca, refletindo mais profundamente sobre a condição social da mulher negra. “Muitas vezes, as mulheres negras são escolhidas para relações sexuais e passadeiras, mas não para constituir família, o que para mim reflete na solidão de muitas de nós”, analisa.

A designer Katiúcia de Sousa, desde que se divorciou, em 2020, passou a ser chefe de família. Hoje, morando com seu filho e sua mãe, é a responsável pelo sustento da casa, com um vínculo empregatício e entendendo por meio da sua marca de acessórios. “Minha mãe é aposentada, mas o dinheiro dela é para seus medicamentos e outras coisas de sua necessidade. Ela me ajuda tomando conta do meu filho para que eu possa trabalhar. O pai, há dois anos não comparece, é totalmente ausente na criação e no cuidado. A pensão ele parou de pagar, então eu não con-

to com esse dinheiro”, relata. Ela comenta que é difícil conciliar tudo — trabalho, casa, maternidade e vida pessoal: “Eu costumo dizer que estamos sempre em falta. Quando vencemos

profissionalmente nos sentimos faltando como mãe, ou como dona de casa. É o efeito da sobrecarga, dessa distribuição de responsabilidades dividida de forma injusta”, conclui ela.

Saiba Mais

A Política Nacional de Assistência Social (Pnas), de 2004, coloca a família no centro das estratégias de proteção social, com atenção especial às monoparentais chefiadas por mulheres em vulnerabilidade. O Cadastro Único (CadÚnico) funciona como porta de entrada para programas como o Bolsa Família, que prioriza o público feminino. O Minha Casa, Minha Vida também adota critérios que favorecem mulheres chefes de família, além de medidas de acesso a crédito e qualificação profissional. No âmbito estadual, o programa Empreender Mulher oferece linhas de crédito para mulheres em situação de violência ou vulnerabilidade investirem em negócios e gerarem renda. Já políticas como creches e escolas integrais garantem apoio às mães que precisam de um espaço seguro para os filhos enquanto trabalham.



Elizandra reflete sobre a solidão da mulher negra



Apesar de dividir as despesas, Aline organiza a família

Foto: Arquivo pessoal

Foto: Arquivo pessoal

Foto: Arquivo pessoal

BEM-ESTAR

O melhor remédio é a gentileza

Relatório internacional mostra que gestos de cortesia reduzem a ansiedade, fortalecem laços e até salvam vidas

“Troco abraços por sorrisos”. A frase é usada pelo artista de rua Mário Bezerra da Silva, de 65 anos, para sacudir sentimentos dentro de quem atravessa seu caminho nas ruas de João Pessoa. A intervenção artística é um emblema de como a gentileza é importante para Marinho — como ele é mais conhecido — também no cotidiano.

“Na minha experiência, a gentileza só funcionou na prática. Ela se transforma em prazer quando você a pratica. São pequenas coisas que não são vistas”, disse Marinho.

O que talvez o artista ainda não saiba é que a ciência reafirma os benefícios de atos benevolentes na convivência humana. O “Relatório da Felicidade Mundial 2025”, do Centro de Pesquisa e Bem-Estar da Universidade de Oxford, confirma que ações de gentileza e cortesia realmente têm efeito sobre seus autores e obviamente sobre quem as recebe.

“Pessoas que têm essas motivações focadas no outro vivenciam emoções mais positivas e possuem maior autoestima”, registra o capítulo dois do documento.

Mas não é só isso. Quem tem esse comportamento também apresenta menos sintomas de ansiedade, depressão, isolamento e outros sentimentos negativos. “Ao acompanhar essas pessoas ao longo do tempo, pesquisadores descobriram que ter motivações para o cuidado em um determinado momento ocasiona posteriormente esse aumento de emoções positivas”, concluiu.

Outra conclusão do estudo aponta a correlação entre as chamadas mortes por desespero — identificadas na pesquisa como suicídio ou abuso de substâncias químicas — e a prática de doações, trabalho voluntário ou outras formas de ajuda a desconhecidos. De acordo com os pesquisadores, países que estimulam essas ações solidárias e as tornam mais frequentes apresentam índices menores de mortes por desespero.

Demonstrar os sentimentos ruins e bons, inclusive por meio de abraços, como propõe Marinho, é uma ma-



Fotos: Evandro Pereira

Marinho transita pelos locais disseminando carinho, simpatia, atenção e amabilidade

neira válida de provocar esses benefícios mútuos. “Uma pessoa que consegue viver de uma maneira mais social, que é criada em contato com outras pessoas, mantendo relações mais coletivas, vai conseguir externalizar até os seus sofrimentos, aqueles sentimentos mais difíceis, como raiva, tristeza, frustração. Eles não precisam ser guardados dentro de si. Já alguém criado em um ambiente fechado, privado desse contato, com certeza vai precisar abrandar o sofrimento de alguma forma”, comentou o psicólogo Lucilvio Silva. Em geral, a válvula de escape para essas situações são atos violentos.

O profissional de saúde mental destacou que a socialização de crianças é fundamental para os adultos que elas vão se tornar. “O senso de gentileza, que é criado na rua, junto de outras crianças, torna-se muito maior por conta dessa convivência. Ela vai conseguir lidar com o ou-

“
Na minha experiência, a gentileza só funciona na prática. Ela se transforma em prazer quando você a pratica

Marinho

tro, pedir ajuda, viver o senso de coletividade, curar-se pela coletividade, muito melhor do que uma criança que foi criada isolada. A gentileza precisa desses contatos”, enfatizou.

O estudo mostrou também que até o ato de compartilhar refeições têm efeitos positivos. “O número cres-

cente de pessoas que comem sozinhas é um dos motivos para o declínio do bem-estar para os Estados Unidos”, aponta o relatório de Oxford. Para o psicólogo ouvido pela equipe de reportagem, “não existe bem-estar ou saúde mental sem esse senso de coletividade, ele está diretamente relacionado ao cuidado, ao apoio e à doação”, acrescentou o psicólogo.

Lucilvio define a gentileza como um alicerce fundamental para qualquer relação, considerando-a possivelmente um dos princípios da convivência e da própria existência humana. Para ele, apenas por meio desse exercício seria possível construir relações profundas, seja con-

sigo mesmo, com outras pessoas, com as coisas ou com o meio ambiente. Segundo sua visão, a gentileza é uma atitude capaz de tornar o indivíduo mais reverente diante das experiências da vida.

Anticivilidade

A polarização de caráter político-ideológica também é um fator investigado no “Relatório da Felicidade Mundial 2025”.

“Pessoas infelizes são atraídas pelos extremos do espectro político. Pessoas com baixa confiança são encontradas com mais frequência na extrema direita, enquanto pessoas com alta confiança são mais propensas a votar na extrema es-

querda”, expõe o capítulo sete do documento.

Diante desse cenário de atração pelos extremos, o psicólogo Lucilvio Silva observa uma sociedade cheia de disposição para o conflito. Para ele, a alternativa é a gentileza, “expressa em uma prática cotidiana que congregue as diferenças e respeite culturas, distinções e assim por diante”, sugeriu.

O profissional de saúde mental acrescentou que, ao praticar a gentileza, a pessoa passa a exercitar a aceitação de opiniões divergentes, torna-se mais propensa a respeitar diferenças de crenças e aprende a conviver melhor com visões distintas das suas.

Quando a paciência e o sorriso tornam-se formas de cuidado

Uma situação irritante e frequente quase fez Marinho abandonar um trabalho. Porém, ele tomou um caminho melhor: uma solução inspirada na gentileza. Antes de haver aplicativos de transporte individual, ele fazia corridas para amigos e conhecidos como motorista particular, no entanto, um mau hábito dos passageiros — por vezes não intencional — costumava testar sua paciência e serenidade.

O artista relatou que a ação dos passageiros de bater a porta do automóvel com força estava o fazendo desgostar do serviço que prestava. Até que um dia resolveu ir à praia, em um fim de tarde, para colocar suas ideias em ordem e, sem pressão, encontrar uma alternativa. “Fiquei relaxado, tentando não me conectar com o

nada”, recordou-se.

Depois desse dia, Marinho passou a abrir e fechar a porta do carro para todos os passageiros. “Transformei aquilo que me agride em gentileza. E as pessoas começaram a dizer: ‘Poxa, Marinho, você é a primeira pessoa que abre a porta para mim assim’”, ensinou.

Doutores da alegria

Outro sentimento, irmão da gentileza, que faz muito bem para saúde, é a alegria.

No Brasil, desde 1991, isso vem sendo comprovado por meio das ações dos Doutores da Alegria. A iniciativa consolidou-se como uma referência no uso da arte do palhaço em ambientes hospitalares. Composta por artistas profissionais especialmente formados para atuar nesse contexto, a iniciativa tem como objetivo

transformar a rotina de crianças, adolescentes e até mesmo profissionais de saúde que convivem diariamente com a dor, a ansiedade e o desgaste emocional.

Diferentemente de ações voluntárias, o grupo trabalha com rigor artístico e ético. Os integrantes passam por processos seletivos e recebem treinamento contínuo para lidar com situações delicadas. Ao visitar leitos, corredores e enfermarias, eles utilizam o humor, a música e a improvisação como ferramentas para restabelecer vínculos humanos e amenizar a atmosfera pesada do hospital.

O trabalho dos Doutores da Alegria vai além das visitas presenciais. A organização também promove pesquisas, cursos de formação e espetáculos teatrais, buscando re-

fletir sobre a importância da arte como elemento de cuidado. Essas iniciativas reforçam

a ideia de que a saúde não está apenas no tratamento médico, mas também na capacidade de

rir, sonhar e encontrar leveza em meio a momentos de fragilidade.

Saiba Mais

Estudos em Psicologia e Neurociência mostram que atitudes de bondade e empatia não beneficiam apenas quem as recebe, mas também quem as pratica. Alguns pontos principais sobre essa influência:

- Saúde mental**
 - Atos de gentileza estimulam a liberação de neurotransmissores como serotonina, dopamina e endorfina, ligados ao bem-estar e à sensação de prazer.
 - Diminuem sintomas de ansiedade, estresse e depressão, favorecendo uma mente mais equilibrada.
 - Reforçam sentimentos de propósito, conexão e pertencimento social.
- Saúde física**
 - A prática da gentileza está associada à redução da pressão arterial e à melhora da saúde cardiovascular, por diminuir os níveis de cortisol (hormônio do estresse).
 - Pode fortalecer o sistema imunológico, já que estados emocionais positivos estão ligados a melhor resposta imunológica.
 - Melhora o sono, pois reduz preocupações e tensão.
- Relações sociais e longevidade**
 - Pessoas mais gentis tendem a ter relações sociais mais fortes, fator que comprovadamente contribui para maior expectativa de vida.
 - Sentir-se útil e conectado reduz riscos de isolamento e solidão, que são considerados fatores de risco para várias doenças crônicas.
- Ciclo positivo**
 - A gentileza gera um “efeito cascata”: quando alguém recebe um ato bondoso, tende a reproduzi-lo, criando uma rede de apoio social que reforça a saúde coletiva.

VIOLÊNCIA VIRTUAL

Serviço registra alta de denúncias

Só no mês passado, o Disque 100 somou 178 atendimentos na Paraíba; estado ficou em segundo no ranking nacional

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

No dia 30 de agosto de 2024, a vida da estudante Ana Patrícia Barbosa Cavalcanti — à época, com 16 anos de idade — virou alvo de chacota cruel nas redes sociais. Imagens da adolescente circularam em grupos de WhatsApp, ao lado da de outros jovens, em uma montagem de cunho racista, acompanhada da legenda em inglês “the planet of the six monkeys” (“o planeta dos seis macacos”). O caso, transformado em Boletim de Ocorrência (B.O.), nunca avançou na esfera judicial.

O impacto da cena atravessou a tela e atingiu a família em cheio. “Essa imagem com essa frase te choca? Imagina em mim o estrago que ela faz”, escreveu a mãe, a técnica em Radiologia Ana Carolina Brito, em uma postagem virtual emocionada e carregada de dor e indignação. “O transtorno e a dor machucam famílias. Eu não permitirei que o racismo seja legitimado. Enquanto em mim tiver veia que pulse, vou me manter viva para combater as justificativas infundadas de quem age inconsequente”, desabafou.

O B.O. foi registrado um mês depois, em 30 de setembro de 2024, na Delegacia de Polícia Civil de Campina Grande. No entanto, até hoje, segundo Ana Carolina, nada evoluiu no processo. “Um ano já se pas-

sou e minha filha nunca foi chamada para depor. Isso martela diariamente na minha cabeça. Para onde eu vou? Com quem eu falo? O que eu faço? Só tento proteger minha filha”, lamenta a mãe.

A história de Ana Patrícia não é isolada. Ela faz parte de uma estatística dolorosa: de janeiro a agosto deste ano, o Disque 100, canal do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), registrou 2.442 denúncias de violência contra crianças e adolescentes, no ambiente virtual, em todo o país. Só na Paraíba, foram 194 casos, colocando o estado em segundo lugar no ranking nacional, atrás apenas de São Paulo.

O salto observado em agosto impressiona: foram 178 denúncias na Paraíba, frente a apenas uma em julho. João Pessoa concentra o maior número de registros (115), seguida por Cajazeiras (39) e Campina Grande (4). Os municípios de Juazeirinho, Lagoa Seca, Monte Horebe e Puxinanã também aparecem na lista, com duas denúncias cada. Já as cidades de Santa Rita e Serra Redonda registraram, igualmente, uma ocorrência. Há, ainda, 26 denúncias sem origem especificada no estado.

O crescimento não somente expõe a gravidade da violência, mas também indica a fragilidade de algumas instâncias que compõem a rede de proteção

contra ocorrências desse tipo. “A escola nos prometeu ações periódicas de combate ao racismo, mas a s

nada foi feito. Parece que tudo é minimizado, como se fosse uma etapa da vida com a qual ela precisa aprender a conviver. Mas eu não aceito isso”, reforça Ana Carolina.

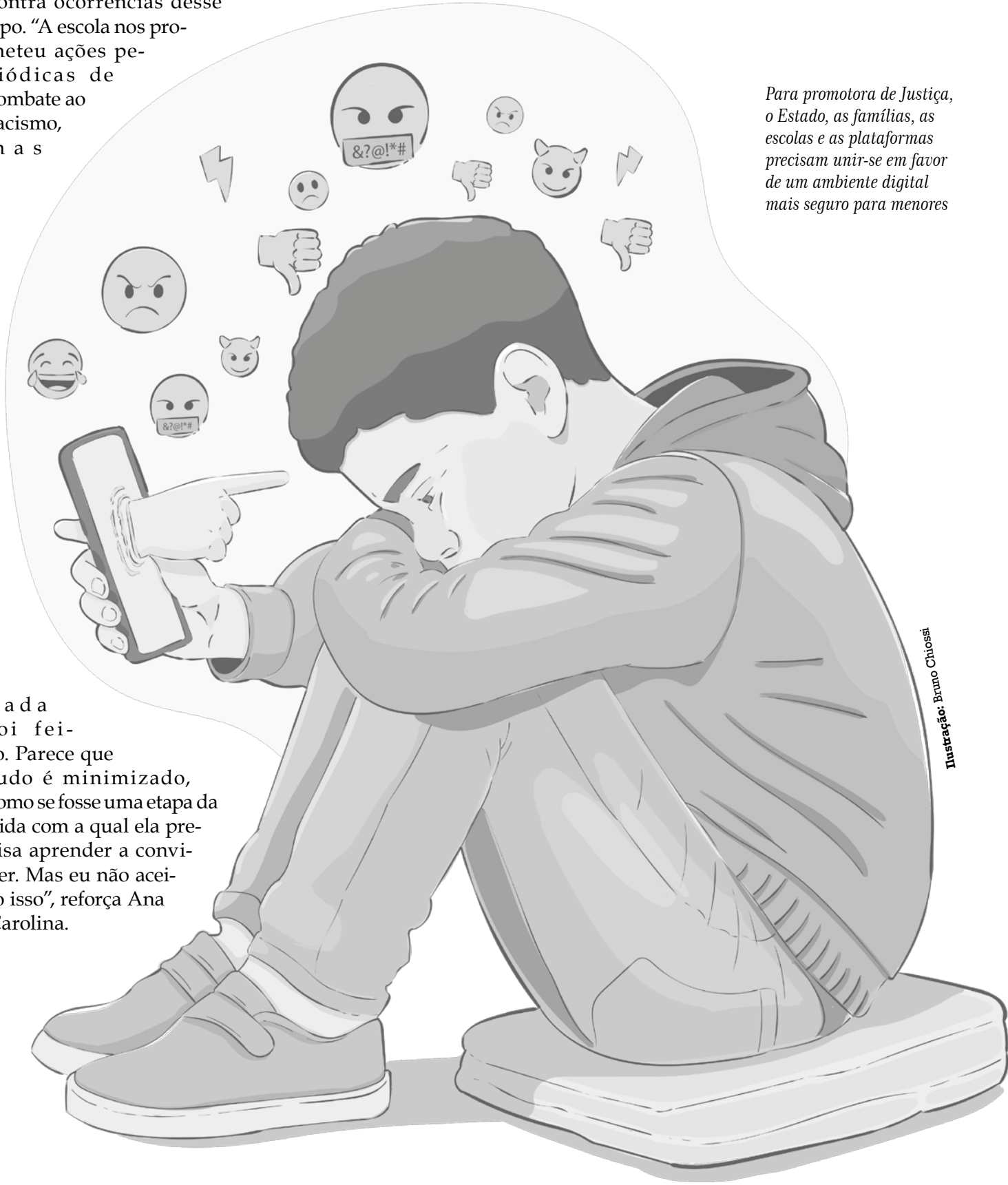


Ilustração: Bruno Chiossi

Para promotora de Justiça, o Estado, as famílias, as escolas e as plataformas precisam unir-se em favor de um ambiente digital mais seguro para menores

Salto de relatos, em agosto, acompanha “efeito Felca”

O crescimento das denúncias no mês passado coincide com a repercussão nacional de um vídeo publicado pelo *youtuber* Felipe Bressanim Pereira, conhecido como Felca. Na postagem, datada do dia 6 de agosto, ele denunciou o fenômeno de “adultização” infantil e a exploração de crianças em plataformas digitais, criticando o funcionamento dos algoritmos que monetizam conteúdos sexualizados e a atuação de influenciadores digitais que expõem menores de idade.

A mobilização foi imediata: as reflexões e os questionamentos de Felca chegaram ao Congresso Nacional, que aprovou a tramitação urgente de um projeto contra a “adultização” nas redes. Também resultou na prisão preventiva do influenciador paraibano Hytalo Santos e de seu esposo, Israel Vicente, acusados de exploração de adolescentes e tráfico humano. Felca listou, ainda, outros efeitos práticos positivos da repercussão de seu vídeo: um aumento de 2.600% em doações para instituições de proteção infantil e uma maior conscientização da sociedade a respeito do assunto.

Mas, enquanto a pressão em nível nacional gera respostas rápidas, casos locais, como o de Ana Patrícia, seguem em outro ritmo. O Boletim de Ocorrência registrado em 30 de setembro de 2024 não se desdobrou em depoimentos, au-

diências ou encaminhamentos, segundo a mãe da estudante. “Procurei a escola, a Justiça, conversei com políticos e nada foi feito. A única consequência foi a saída da agressora da escola, mas nunca soubemos se foi decisão da direção ou se a mãe dela resolveu tirá-la”, conta Ana Carolina.

De fato, a postura da escola também preocupa a mãe da vítima. Em vez de implementar campanhas educativas ou criar espaços de diálogo sobre o racismo, os diretores da instituição limitaram-se a oferecer uma bolsa de estudos após a repercussão do caso. “Minha filha aceitou ficar, dizendo: ‘Aonde eu for, vai existir gente assim’. Mas nossa condição era de que a instituição promovesse ações periódicas de combate ao racismo. Estamos quase no fim do terceiro bimestre e, até agora, nada aconteceu”, pontua.

Na avaliação de Ana Carolina, sem a atuação do Poder Público ou ações concretas por parte da escola, o combate à violência virtual continuará restrito a números frios, incapazes de proteger crianças e adolescentes que vivem o trauma de serem expostos em um ambiente “sem dono” como a internet. “O racismo não pode virar rotina, mas é isso que acontece quando a escola não age, quando o processo judicial não anda e quando o Poder Público não fiscaliza”, observa a técnica em Radiologia.

Poder Público reforça ações contra crimes

Abuso, exploração sexual, aliciamento e *cyberbullying* figuram entre as principais ocorrências que chegam ao Ministério Público da Paraíba (MPPB). Segundo a promotora de Justiça da Infância e Juventude de João Pessoa, Soraya Nóbrega, a internet tornou-se um ambiente de riscos significativos. “As redes sociais como WhatsApp, TikTok, Instagram e jogos *on-line* são usados para crimes como pornografia infantil, chantagem e exploração. Como a maioria dos jovens está conectada diariamente, isso amplia a exposição a situações abusivas”, afirma.

Para enfrentar esse cenário, o MPPB tem adotado estratégias de prevenção e conscientização, especialmente em parceria com escolas. Palestras, rodas de conversa e oficinas fazem parte de um trabalho contínuo de formação cidadã, que se soma à capacitação de professores e à criação de protocolos internos para lidar com denúncias. “A proibição do uso de celulares em sala de aula e a formação de educadores para lidar com os desafios digitais têm mostrado resultados práticos”, aponta a promotora.

Além da atuação institucional, o fortalecimento



Foto: Arquivo Pessoal

É necessário incentivar crianças e adolescentes a reportar casos e garantir que os responsáveis sejam punidos

Soraya Nóbrega

da relação entre pais e filhos é indicado como uma das medidas mais eficazes. Soraya salienta que o monitoramento das atividades *on-line* não deve ser visto como uma invasão de privacidade. “É proteção, cuidado e zelo. O ideal é que esse acompanhamento aconteça às claras, com conhecimento dos filhos, mostrando que é papel dos pais cuidar da segurança deles”, orienta.

Outro desafio é desconstruir a ideia de que

agressões virtuais são “brincadeira”. Para a promotora, é essencial reforçar a gravidade desses atos. “Não se trata de diversão, mas de crime, e a omissão é uma forma de cumplicidade. É necessário incentivar crianças e adolescentes a reportar casos de *cyberbullying* e garantir que os responsáveis sejam punidos”, ressalta.

Do ponto de vista jurídico, a responsabilização dos agressores ainda enfrenta obstáculos, como a dificuldade em identificar perfis falsos e em preservar provas digitais. A promotora reconhece que a legislação brasileira precisa avançar. “Há brechas que dificultam a prevenção e a punição. É urgente atualizar a lei e investir

na capacitação de profissionais especializados”, defende.

Entre as iniciativas em discussão, está o Projeto de Lei nº 4.474/2024, que altera o Marco Civil da Internet, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), com foco em maior controle parental e responsabilidades para as plataformas digitais. Para Soraya, o enfrentamento só terá sucesso com a soma de esforços: “Garantir os direitos de crianças e adolescentes é responsabilidade compartilhada. O Estado, as famílias, as escolas e as próprias empresas de tecnologia precisam assumir seu papel na construção de um ambiente virtual mais seguro”.

Saiba Mais

Veja como relatar ocorrências de violência virtual contra crianças ou adolescentes:

■ **Disque 100** (Disque Direitos Humanos): atendimento gratuito, anônimo e 24 horas por dia. Aceita denúncias por telefone ou WhatsApp (61 99611-0100);

■ **Aplicativo Direitos Humanos Brasil**: disponível para Android e iOS. Permite registrar denúncias com fotos, vídeos e localização;

■ **Polícia Civil**: casos de violência virtual podem ser registrados em qualquer delegacia ou diretamente na Delegacia Especializada em Crimes Cibernéticos;

■ **Ministério Público**: promotorias da Infância e Juventude recebem representações sobre omissão escolar ou falhas no acolhimento de vítimas.

CACIMBA DE DENTRO

Cidade recebe última etapa de festival

Após passar por outros cinco municípios, circuito turístico do Curimataú encerra edição de estreia nesta semana

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

O Festival de Inverno das Serras (FIS) chega, na próxima quarta-feira (10), a Cacimba de Dentro, último município a receber a programação especial em 2025. A cidade sedia o evento até sábado (13). Com o objetivo de fortalecer a economia local e dar destaque aos artistas do Curimataú paraibano, reunindo atrativos em cultura e gastronomia, o novo circuito turístico é promovido pelo Fórum de Turismo Sustentável do Curimataú, com apoio do Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult) da Paraíba, e com patrocínio do Empreender PB, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB) e do Banco do Nordeste.

A iniciativa itinerante já passou por Serra da Raiz, Barra de Santa Rosa, Araruna, Cuité e Dona Inês, encerrando sua edição de estreia em um município que se destaca por seu patrimônio cultural, natural e arqueológico. “Teremos a honra de encerrar um grande festival, que é o que está sendo proposto aqui, em Cacimba de Dentro, onde teremos muita culinária, música boa, cultura e arte”, antecipou o prefeito do município, Pollyanno Henrique Pereira. “No que diz respei-

to à quantidade de público, temos expectativas extremamente positivas, pois Cacimba de Dentro já é referência em grandes eventos, como os festejos juninos e as festas tradicionais, a exemplo do aniversário da cidade”, complementou o gestor, frisando que o município “vem se preparando para receber, com certeza, o maior público do festival”.

As atrações musicais terão destaque na agenda cacimbense. Os shows começam na quarta-feira (10), com apresentações dos artistas locais Ivanira Lira e Batistinha Lima. Já na quinta-feira (11), será a vez de a banda paraense de tecnobrega Voo Livre e o cantor e poeta Lukete animarem o público do evento. Para a sexta-feira (12), estão programadas *performances* de Sandra Belê, Kelson Kizz e Hélio dos Teclados. Por fim, no último dia do festival, os visitantes poderão conferir os shows da banda de forró Fogo na Roupa, do grupo brega campinense Varal de Cabaré e da cantora Cristiane Paulino.

Impulso regional

Aberto no dia 30 de julho, na cidade de Serra da Raiz, o 1º Festival de Inverno das Serras é um produto turístico do Fórum de Turismo Sustentável do Curimataú, criado pelos seis municípios participantes para desenvolver o circuito. O



Um dos atrativos locais é a Pedra de Mium, que oferece uma bela vista da região e ainda abriga uma capela dedicada a São Francisco

projeto foi idealizado pela Prefeitura de Dona Inês, que realizou uma edição do evento, em 2023, limitada à cidade. Após o sucesso da iniciativa e a partir de diálogos entre os gestores municipais da região, foi elaborada a nova rota cultural do Curimataú, com o objetivo de impulsionar o turismo e o empreendedorismo locais.

“Por meio de conversas com os prefeitos das cidades participantes, enxergamos, juntos, a importância de os municípios, de forma regionalizada, fomentarem a economia criativa — no turismo, na gastronomia e nas artes”, explicou o prefeito Pollyanno Pereira. Para o gestor cacimbense, “o surgimento do festival deu-se

na perspectiva de, cada vez mais, fomentar não só nossas cidades, mas também a região como um todo, porque, reunindo mais municípios, temos naturalmente um alcance maior, uma estrutura maior, uma divulgação maior, e, logicamente, todas as potencialidades são apresentadas de forma positiva por cada lo-

calidade”.

Assim, o objetivo é que cada município participante explore, em sua programação, atividades próprias de sua cultura, por meio de ações como exposições artísticas e fotográficas, espetáculos teatrais, cinema de rua e oficinas de fantoche e edição de vídeo, entre outras.

Programação valoriza música, teatro e cultura popular

A programação da quarta-feira (10), primeiro dia do circuito itinerante em Cacimba de Dentro, tem início às 18h30, com uma mostra coletiva de artes visuais. Logo depois, o público poderá contemplar apresentações de capoeira, de dança e de teatro. Às 20h30, a

agenda musical será aberta com o grupo Somos Oxente, seguido dos shows de Ivanira Lira e Batistinha Lima.

Na manhã da quinta-feira (11), ocorrerão concursos artísticos e espetáculos de música em escolas municipais, além de exposição de dese-

nhos e fotografias e produção de textos. À noite, acontecerá a abertura oficial do festival, com o cantor, poeta e ator paraibano Lukete, sucedido por uma *performance* da banda Voo Livre.

A apresentação da peça “Pavão Misterioso”, dirigida

pela artista Nana Rodrigues, figura entre os destaques da sexta-feira (12). Já as atrações noturnas começarão às 20h, no pavilhão da Casa de Fariinha, com a Orquestra do Programa de Inclusão Através da Música e das Artes (Prima). Os shows de Kelson Kizz,

Sandra Belê e Hélio dos Teclados completam a programação da noite.

No sábado (13), dia final do evento, está prevista uma *performance* de teatro de bonecos com o Mestre Clóvis e uma vivência de torra de café agroecológico, acompanhada

de muito forró. E, para os visitantes interessados em desfrutar até o último momento da festa, as bandas Fogo na Roupa e Varal de Cabaré, além da cantora Cristiane Paulino, subirão ao palco, à noite, para encerrar o evento em alto-astral.

Gastronomia típica e belezas naturais encantam visitantes

Pinturas rupestres, cachoeiras, mirantes para admirar o pôr do sol, clima ameno e paisagens de serra fazem parte dos atrativos de Cacimba de Dentro. “Também temos a questão da culinária como referência; a galinha de capoeira e a buchada de bode são destaques. Outro diferencial é o pudim de mandioca. Somos um grande produtor de macaxeira e criamos esse prato, que é uma delícia, por meio do curso de Gastronomia do município”, detalhou o prefeito Pollyano Pereira, acrescentando que o turismo religioso é bastante forte na região.

A Pedra do Mium, por exemplo, não apenas oferece um lugar privilegiado para apreciação do sol poente, como também abriga uma capela dedicada a São Francisco em seu topo. O Centro da cidade, por sua vez, ostenta a Igreja Matriz de Santo Antônio, uma construção histórica que celebra datas religiosas importantes para a área. Já



Além de preservar pinturas rupestres, a Pedra do Letreiro é conhecida por seu mirante

no Sítio Boa Vista, é possível contemplar o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, que recebe, anualmente, milhares de devotos. Igualmente na Zona Rural, o Sítio Lagoa D’Água

abrange o Cruzeiro de São Sebastião, mais um ponto diariamente visitado por fiéis. “Quem vier a Cacimba de Dentro precisa conhecer esses locais”, salientou Pollyano.

Há, ainda, a Pedra do Letreiro, conhecida por preservar pinturas rupestres, além de propiciar uma vista belíssima do alto de seu mirante, e o Casarão Yoyô Moreira, onde se pode co-

nhecer o trabalho de artesãos locais.

História

Distante a 170 km da capital paraibana, Cacimba de Dentro tem sua fundação intrinsecamente ligada à história de municípios vizinhos. As terras que deram origem à cidade pertenciam a um morador de Bananeiras, Estevão José Rocha, que também respondia pelo terreno onde nasceu Araruna.

O antigo Sítio Cacimba de Dentro, localizado onde hoje se encontra o município homônimo, surgiu por volta de 1880. A propriedade, pertencente a José Rocha, filho de Estevão, recebeu esse nome devido à existência de duas cacimbas de água potável: uma mais antiga e outra mais interna na mata, denominadas, respectivamente, “a velha” e “a nova”.

Inicialmente, o sítio não era bem-visto, por causa da atuação de homens armados que causavam pânico na região. No entanto, a si-

tuação começou a mudar em 1923, com a chegada de novos moradores de Araruna, entre eles Pedro Targino da Costa Moreira. Considerado o fundador do povoado que originaria Cacimba de Dentro, ele construiu um mercado público, abriu uma casa de comércio e ergueu diversas moradias para alugar ou vender às famílias que chegavam à localidade.

O povoado passou a ser distrito de Araruna por volta de 1931, até ser emancipado politicamente, em 1959.

■ Pontos como o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios e o Cruzeiro de São Sebastião movimentam o turismo religioso

Fotos: Gabriel Paiva Cavalcanti/Prefeitura de Cacimba de Dentro



Obras de Tomás Santa Rosa na exposição que está em cartaz

ARTES VISUAIS

Para descobrir Santa Rosa

O histórico designer, pintor e cenografista paraibano ganha exposição com diversas de suas obras no Sesc Cabo Branco

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Entre as décadas de 1930 e 1950, um intelectual afro-paraibano decidiu deixar de lado os cálculos frios da matemática financeira para revolucionar a história das Artes Visuais no país, sendo por muitos considerado como o pai do moderno *design* gráfico no Brasil. A mostra *Da Linha e da Cor*, aberta à visitação pública desde o dia 28 de agosto, na galeria de exposições do Sesc Cabo Branco, na orla da capital, propõe elucidar a apaixonada existência e a produção atemporal de Tomás Santa Rosa Júnior (1909-1956), por meio de um raro acervo de suas criações. Integrante do projeto Sesc Grandes Nomes, a exposição pode ser vista todos os dias, das 9h às 17h, e segue aberta até o final de setembro.

Procurado pelo colecionador Gottfried Stützer Júnior, o Sesc Paraíba atendeu à demanda do afionado pela obra do paraibano, que ora promove uma série de eventos lembrando os 70 anos de morte do artista. “Ele propôs ao Sesc iniciar essa série de comemorações com a exposição de um recorte do acervo de Santa Rosa”, afirma Paulo Aurélio, curador da mostra.

“A minha linha de pensamento teria de ser bem didática porque as pessoas não sabem quem foi Tomás Santa Rosa”, atesta ele que, auxiliado pelo coordenador de *design* gráfico da Editora Universitária da UFPB, Rildo Coelho — pesquisador de vida e obra do artista há mais de uma década —, pôde encontrar caminhos para abordá-lo.

Dada a variedade de interesses e paixões de Santa Rosa (música, teatro, carnaval, literatura), a solução foi subdividir a exposição em três núcleos temáticos — *design*, cenografia e pintura. De tal forma que a mostra reúne objetos, esboços de figurinos e cenários teatrais, pinturas e desenhos de sua lavra, totalizando 35 obras da diversificada coleção.

“Foi um desafio porque partimos de um acervo de colecionador. Uma coisa é você fazer uma curadoria de um artista vivo, porque você dialo-

ga com ele, tudo é construído junto com o artista. Nesse caso foi mais complicado, mas eu tenho certeza de que onde Tomás Santa Rosa estiver, ficou muito feliz”, diz o curador. Afinal, como registra Waldir Ayala em *Dicionário de Pintores Brasileiros* (editora UFPR, 1997), citado pelo professor Luís Bueno em seu *Capas de Santa Rosa* (Ateliê Editorial e Edições Sesc, 2015), não há qualquer registro de exposição individual do artista em vida.

Quem foi Santa Rosa?

Nascido em 20 de setembro de 1909, na capital então chamada Parahyba, Santa Rosa foi uma personalidade migratória. Assumiu primeiro, no palco da vida real, o papel de bancário, trabalhando em agência do Banco do Brasil do Recife, da qual tentou transferência para o Rio de Janeiro. Negado o pedido, foi movido para Maceió (AL) — vindo a ser colega de trabalho do marido de Rachel de Queiroz (1910-2003) — mas não desistiu de seu desejo de ser artista: largando o emprego, fez morada no Rio, em 1932, e alguns meses depois, já em 1933, iniciou sua carreira na indústria editorial de livros.

Nessa época, mesmo entre os autores modernistas, as capas dos livros eram dominadas pelo *design* meramente tipográfico, mesmo que já houvesse trabalhos com o emprego de ilustrações.

Capas de Santa Rosa apresenta-nos sobretudo o intelectual como um leitor minucioso (em vários idiomas) das obras de seu tempo. Em cerca de 300 artes, algumas minimalistas, outras rigorosamente elaboradas, suas vinhetas e ilustrações estabeleceriam os moldes de *layout* de capa dos principais livros brasileiros das décadas de 1930 e 1940, como os do conterrâneo José Lins do Rego (1901-1957), em *Menino de Engenho* e *Banguê*.

Sintetizando enredos, em exímia capacidade de fazer dialogar o leitor-artista com os inumeráveis leitores da época, Santa, como era conhecido entre os amigos, fazia história na editora José Olympio (mas não apenas nela, visto que colaborou com a Editora Pongetti de 1937 a 1955, entre ou-

tras). Quase todas as capas das obras de ficção dos anos 1930 vieram pelas mãos dele, o que o coloca na posição de artista gráfico mais importante de sua geração, em trabalhos com autores nacionais como José Américo de Almeida (1887-1980), Jorge Amado (1912-2001) e Graciliano Ramos (1892-1953), bem como de romances estrangeiros e biografias.

Pós-moderno

Santa Rosa apareceu para Rildo Coelho em 2013, quando o *designer* visitava uma feira de livros em Olinda, no lançamento da 100ª edição de *Menino de Engenho*. “Eu me encantei com o projeto de capa, com uma ilustração belíssima. Fui verificar na ficha técnica quem era o autor daquela ilustração”, lembra ele, que foi “googlar” ao chegar em casa. “Eu me deparei não só com um ilustrador, mas com um gênio da cultura e da arte brasileira e comecei a me indagar como é que eu não conhecia esse grande ilustrador, cenógrafo e artista plástico. Fiquei chocado”.

Tornou-se uma boa obsessão. Rildo logo acessou um sebo e descobriu uma biografia do artista — *Santa Rosa em Cena* (1982), de Cássio Emanuel Barsante. Comprou o livro, tomou pé da grandeza de Santa, escalou em leituras e descobriu um núcleo de pesquisa que guardava cerca de 23 cartas pessoais de Santa Rosa, no que veio a se tornar sua dissertação de mestrado em Ciência da Informação, intitulada “Santa Rosa da linha e da cor: o passado presente por meio da escrita autobiográfica”.

“Eu já não tinha mais alguém falando sobre Santa Rosa. Era possível ‘ouvir’ Santa Rosa pela escrita”, comenta. De lá para cá, Coelho vem costurando o que chama de “colcha de retalhos de Santa Rosa”, imerso em diversos estudos espalhados pelo país. Apesar de não ter dificuldade em amar Van Gogh (1853-1890), é muito caro o amor ao mestre que andou pelas mesmas calçadas da Rua da Areia que ele pisou.

“Santa Rosa está junto de Candido Portinari, de Tarsila do Amaral, de Lasar Segall. Convivia, almoça-

va com essas pessoas, mas ele tem a particularidade de ter trabalhado com diversas frentes de criação, o que fez com que sua obra não se aprofundasse tanto. Mas isso não diminui a obra dele. Santa Rosa foi pós-moderno quando todo mundo era moderno”, conclui Coelho, que participou, em 2023, do evento “Da Kutanda ao Quitandinha”, maior exposição de Santa Rosa nos últimos anos — realizado no Hotel Quitandinha, em Petrópolis (RJ), que abriga em suas dependências o maior afresco pintado pelo artista.

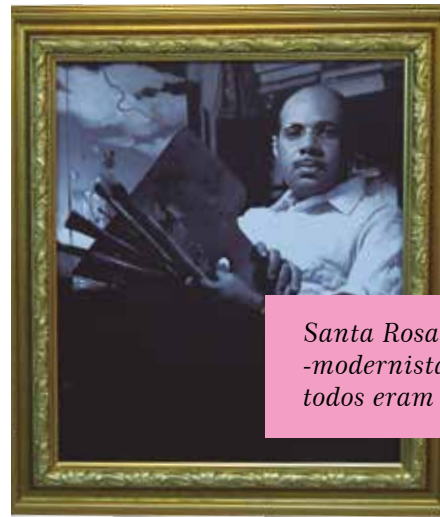
Além de artista gráfico, Santa Rosa foi ilustrador de ficção e poesia em livros, revistas e jornais. Também exerceu importante papel na fundação do Teatro Experimental do Negro, de Abdias do Nascimento (1914-2011), colaborando com figurinos e cenários junto à iniciativa.

O ano de 1939 foi o de maior produção para o artista enquanto capista. *Café-Society Confidencial* (1956), livro de crônicas de José Mauro Gonçalves, foi sua derradeira capa.

ONDE:

■ SESC CABO BRANCO (Av. Cabo Branco, nº 2788, Cabo Branco, João Pessoa).

Fotos: João Pedrosa



Santa Rosa: um pós-modernista quando todos eram modernistas



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Entre sombras

O medo pode provocar reações díspares, como o recolhimento covarde ou a agressividade. Esta última é um instinto indispensável à vida humana, reflexo de sua dimensão mais primitiva. Diante de ameaças reais, temos, ao menos, duas possibilidades: o enfrentamento ativo ou a sujeição passiva. Os tripulantes de um navio que afunda podem perecer junto com ele ou procurar uma saída mais inteligente do que se transformar em “comida de peixe”. A covardia é o signo dos derrotados. Já a grande virtude do herói é a audácia de encarar situações que, na visão da mediocridade, seriam insuperáveis. Conta uma antiga lenda grega que o camponês Górdio assumiu o trono da Frígia após a morte de um rei sem herdeiros. O Oráculo havia prenunciado que o novo monarca chegaria à cidade em cima de uma carroça. Ao assumir o trono, Górdio, para não romper com seu passado humilde, amarrrou a carroça no interior do Templo de Zeus com um nó que permaneceu indecifrável por cerca de 500 anos — até que Alexandre, o Grande, o cortou com sua espada, tornando-se o maior conquistador de sua era e talvez da história do Ocidente. Daí surgiu a expressão “nó górdio”, usada para designar situações de difícil solução. O medo da morte é o mais poderoso de todos: costuma paralisar e, ao mesmo tempo, despertar reações violentas.

Enfrentá-lo é característica dos heróis. Heitor sabia que tinha poucas chances contra Aquiles, mas não fugiu da batalha. Em uma de suas declarações mais penetrantes sobre a morte, o filósofo Bertrand Russell demonstrava coragem incomum ao afirmar que se recusava a temer a própria aniquilação, ainda que seu corpo viesse a apodrecer e seu ego a se dissolver. Para ele, “a felicidade não é menos felicidade porque deve chegar a um fim, nem o pensamento e o amor perdem valor porque não são eternos”. Essa forma de pensar, no entanto, é exceção. A morte sempre esteve envolta em mistério religioso, temor, misticismo, magia, dor e sofrimento. É a inspiração mais persistente do espírito artístico, exercendo uma influência até maior que a do amor. Sem a morte, talvez não houvesse arte nem religião. A experiência humana perderia justamente aquilo que a torna mais dramática. Não é à toa que Zygmunt Bauman afirmava que “a incerteza e a vulnerabilidade são os alicerces do poder político”. Nessa perspectiva, é a partir do medo gerado por tais condições que o Estado moderno afirma-se como protetor dos cidadãos. Mas, em tempos dominados pela lógica do mercado, pela volatilidade do capital financeiro, pelo excesso de informações descartáveis, pelos conflitos étnicos e pela intolerância, o medo invade os recônditos da vida.

A promessa de proteção oferecida pelo Estado moderno converteu-se em ilusão, transmutando-se em um empreendimento individual. A transferência da segurança para a esfera privada retoolimenta o medo e gera consumo de bens voltados à proteção. O medo foi colonizado pelo mercado e transformado em negócio bilionário. Somos estimulados a viver em permanente paranoia: cercados por muros e cercas elétricas, vigiados por câmeras de segurança. A desconfiança tornou-se regra. A ansiedade, uma das doenças de nosso tempo. Os indivíduos querem controlar os acontecimentos, mas esses são regidos pela incerteza. Veem-se impotentes, ao contrário dos heróis da Antiguidade, que contavam com a infalibilidade do destino. O ato heroico estava, assim, além das volições individuais; não se reduzia a um simples projeto ou desejo pessoal. Nós, ao contrário, fomos lançados à própria sorte. E resta a pergunta: como desatar esse nó górdio? Talvez, o nó górdio do nosso tempo não possa ser simplesmente cortado pela lâmina de um herói, mas precise ser desfeito pela construção coletiva de novos sentidos para a vida em sociedade. Entre o medo e a esperança, restamos inventar outras formas de coragem, menos individualistas e mais solidárias, capazes de enfrentar as incertezas não como fatalidade, mas como horizonte de criação.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Razão, erudição e espiritualidade

Texto inspirado por e dedicado ao novo imortal da Academia Paraibana de Letras, Francisco Gil Messias.

A relação entre espiritualidade, erudição e razão é frequentemente abordada de maneira fragmentada. A espiritualidade é entendida como a expressão da necessidade humana diante da complexidade da existência; a erudição, como o robusto acúmulo sistemático de conhecimento; e a razão, como a faculdade crítica e analítica do pensamento. No entanto, para o amadurecimento integral do ser humano, essas três dimensões formam um cidadão sábio e comprometido com a dignidade humana, promovendo uma presença mais consciente e solidária no mundo. Para compreender essa fusão, é fundamental reconhecer que espiritualidade não se confunde com religiosidade institucional. Trata-se de uma disposição interior, uma relação ao transcendente, à ética, ao mistério e à contemplação do sagrado — seja este compreendido em termos teístas, panteístas ou mesmo não teístas. A espiritualidade, nesse sentido, é uma busca por sentido que escapa à lógica instrumental. Ela exige da razão não apenas operações dedutivas, mas também humildade e uma forma mais robusta de inteligência. Já a erudição se refere ao domínio de campos específicos do saber, conquistado por meio de estudo rigoroso, leitura crítica e engajamento com a tradição intelectual. O verdadeiro erudito é aquele que compreende a natureza do conhecimento, sua origem, suas implicações e sua inserção no mundo. A erudição desprovida de espiritualidade pode degenerar em vaidade intelectual, arrogância ou esterilidade ética. O saber, quando isolado de uma dimensão espiritual, corre o risco de tornar-se autosuficiente e desconectado das questões mais profundas da existência humana. É nesse ponto que a razão surge como possível mediadora entre a espiritualidade e a erudição. Ela não deve ser entendida apenas como uma habilidade lógico-dedutiva, mas como uma faculdade crítica que regula o uso do



Foto: Reprodução/Deutschland.de

Kant escreveu “Crítica da Razão Prática”

conhecimento e confere unidade a esses dois campos. Não se trata, porém, de uma razão arrogante ou reducionista, mas daquilo que o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) denominou de “razão prática” — aquela voltada à ação moral e à liberdade do sujeito. Na *Crítica da Razão Pura* (1781), Kant distingue entre o uso teórico da razão, que se ocupa do que pode ser conhecido pela experiência, e o uso prático, voltado à moralidade. Já na *Crítica da Razão Prática* (1788), ele sustenta que existem três ideias que transcendem a experiência, mas são inevitáveis para a razão prática: Deus, a liberdade e a imortalidade da alma. Tais teses não são empiricamente demonstráveis, mas são postuladas como pressupostos necessários à existência da moralidade. A razão, quando aplicada ao campo ético, reconhece a necessidade de uma dimensão espiritual — não no sentido de uma fé dogmática, mas de uma crença racionalmente justificada. Essa argumentação kantiana revela que a espiritualidade não se opõe à razão, mas pode ser uma resposta racional às exigências morais do sujeito. Kant propõe, assim, uma fé racional,

na qual a liberdade moral torna-se o fundamento da dignidade humana. A espiritualidade, nesse contexto, não é mera emoção ou crença cega, mas uma resposta consciente à exigência ética da razão. A erudição oferece os instrumentos conceituais, históricos e críticos para que essa unidade entre razão e espiritualidade não se reduza a simplificações ou interpretações superficiais. O indivíduo erudito, ao se dedicar à Filosofia, à Teologia, às Ciências Humanas ou mesmo às Ciências Naturais, pode ampliar sua espiritualidade ao aprofundar sua compreensão do mundo, das culturas e das tradições. Confrontar-se com a complexidade da realidade é, nesse sentido, um exercício de sabedoria. Assim, a erudição, quando sustentada pela razão e pela espiritualidade, transcende o conhecimento técnico e transforma-se em sabedoria ética e existencial. Historicamente, não foram poucos os momentos em que a razão foi mobilizada para negar a espiritualidade — como no Iluminismo mais radical —, ou em que a espiritualidade foi invocada para rejeitar o conhecimento — como em certos movimentos anti-intelectuais. Ainda hoje, essa tensão persiste: de um lado, o racionalismo cientificista; de outro, espiritualidades desprovidas de reflexão crítica. Superar essa dicotomia é um dos grandes desafios contemporâneos. A síntese possível reside na compreensão de que: a espiritualidade precisa da razão para não se tornar superstição; a erudição precisa da espiritualidade para não se tornar soberba; e a razão precisa de ambas para não perder sua dimensão humana.

Sinta-se convidado à audição do 534º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 7, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei algumas peças do romantismo e nacionalismo do alemão Richard Wagner Wilhelm Richard Wagner (1813-1883).

Kubitschek
Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

Verissimo está morto

Por que Luis Fernando Verissimo estava a morrer, se ele nunca escreveu lamentações? Por que Verissimo morreu ou precisava morrer, se sua obra espalhou-se pela TV, cinema e teatro após ganhar o Brasil nas páginas dos jornais e livros? Porque sim, a morte rompe com a vida — crescemos para isso, representação da vida que estanca. Até o arcepreste sabe disso. Filho de Érico Verissimo (um dos mais lidos do país), Verissimo das sacadas caseiras, pungentes, de punhal luminoso, precisava morrer. Ficou na tela do computador a sua morte é necessária. Verissimo precisava morrer pela desagradável série de complicações do maldito mal de Parkinson, o acidente vascular, que veio para vasculhar sua eternidade. Precisava morrer, sim. Seu nome, não, seu nome não morre. Precisava morrer porque não havia queixas, inclusive de que as dores, talvez, os desenganos o impedissem de gozar restos de experiência da morte. Ele dizia que a morte é uma sacanagem, mas a morte não lhe deu ouvidos, ela é superior à literatura, ao cinema, ao escambau. O poeta inglês John Donne, disse que “nenhum homem é uma ilha” e outras coisas lindas, quase sempre melancólicas. Assim como somos trópicos, alegres e tristes e nunca haveremos de nos acostumar com as perdas. Eu, pelo menos, demorei a acreditar que Walter Galvão morreu, justo ele que tentou me convencer das perdas. Séculos depois, Hemingway usa em prefácio um trecho da 17ª lamentação, de John Donne, algo assim: “Não pergunte por quem dobram os sinos; eles dobram por ti”. Com essa indicação, queria Jonne Donne dizer que partilhava da humanidade, mas a humanidade não é toda burra, é viciada, ignorante e sufocante. É que, quando morremos, morremos todos os dias, desde o velho operário da canção que morre atrapalhando o tráfego, outros subindo montanhas, tirando *selfies* em penhascos — quanta burrice. Se não me engano, Verissimo não vivia nas redes sociais. Verissimo não é mais notícia, ficou na memória da semana passada, do mês que vem, que ainda chamamos de coletivo, talvez, talvez. Muitas vezes tomado por impulso, porque Verissimo era, antes de prosador, um escritor eterno; e se fosse poeta, não seria uma ilha, talvez uma península. Verissimo, verossímil, é vero todos nós seres ou não seres chegamos e sumimos. O interesse de Verissimo pela vida como ela é, passou longe de Nelson Rodrigues, mas Verissimo levou a estabelecer uma cidadela com as crônicas mais cotidianas impossíveis, uma ligação dele com outras delicias. Mas ele ajudou a construir o Brasil que ficou para trás, o *simile*, o *facto* de seus temas, os pequenos sonhos, mesas e cadeiras e toda a sorte de estranhos que somos, numa faixa perdida de Gaza, na linha podre do Equador. Verissimo precisava morrer para eu estar aqui escrevendo sobre sua morte, um texto besta, devido a uma cena micênica, uma gargalhada valada nesse comboio suburbano, senão, um murro na mesa. Para completar a banalidade de meu texto, a temida morte é uma longa e concorrida cena, do pão que o diabo amassou e ao papagaio premiado de Drummond, sem travessias, ela desempenha seu papel e mata todos nós. É isso, Verissimo está morto.

Kaptetadas

- 1 – Pisa onde eu piso que tu não escorrega.
- 2 – Tem gente que não fala no viva-voz do celular, faz solilóquio.



Foto: Divulgação/ABI

“Verissimo das sacadas caseiras, pungentes, de punhal luminoso”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Aos confrades da Academia de Cinema

Algum tempo atrás, a mídia anunciava com destaque a criação da nossa Academia Paraibana de Cinema, com sede em João Pessoa. Oportunidade em que um considerável número de profissionais de cinema se reuniu para prestigiar o encontro, instituindo uma comissão para dar corpo e jurisdição à nova entidade, que representaria a categoria cinematográfica paraibana naquilo que lhe é mais importante: competência às ações sobre as coisas da sétima arte, dentro e fora da Paraíba. Mesmo porque nossa capacidade de realização de há muito vimos comprovando, justamente naquilo que nos é mais valioso, que é produzir no cenário filmico brasileiro.

Mas, só lembrando, mesmo tendo sido criada em novembro de 2008, ainda hoje a APC sofre pela falta de empenho e dedicação da maioria dos seus confrades. De início, foram interessados imbuídos de “notório saber”, que se postergaram entre si, buscando suas indicações à APC, barganhando posições e melhores referências patronais. Mas que, hoje, fazem parte do que chamaria de “staff morto” dentro dos quadros da própria entidade. Nomes, de alguma forma influentes na sociedade, mas que continuam distantes de seus naturais e reais compromissos, inclusive estatutários para com a nossa academia. Instituição que ainda lhes tem honrado verdadeiramente os nomes e suas “supostas cinematografias”.



Foto: Arquivo pessoal

Solenidade de posse coletiva dos membros da Academia Paraibana de Cinema, em 2008

Passado algum tempo de sua implantação, durante uma assembleia do Conselho Diretor da APC, dirigida, ainda, na gestão de Wills Leal, novamente discutimos a questão que nos vinha preocupando: a falta de participação mais efetiva de nossos associados nas assembleias e encontros formalmente marcados.

Que saibamos, não é de agora que algumas instituições culturais nesse país expiam seus pecados, sobretudo por uma má representação junto à sociedade, por ter escolhido mal os seus membros. Esse fato vem ocorrendo havia muito, tornando difícil a própria

afirmação e pleno crescimento da entidade. A rigor, esse foi o caso da Academia Paraibana de Cinema, desde a época de sua criação, durante a escolha de alguns profissionais, que ainda hoje têm se mostrado descompromissados com a entidade, apesar do esforço das últimas gestões terem se mostrado bastante atuantes.

Agora, uma importante assembleia está sendo marcada para o fim desta semana, na sede entidade, em Tambaú, quando tomará posse o nosso mais novo membro da APC. Esperamos que dê tudo certo. — Mais “Coisas de Cinema” no site: www.alexasantos.com.br.



APC dá posse a seu novo acadêmico

A Academia Paraibana de Cinema dará posse ao seu novo acadêmico na próxima quinta-feira (11). André Cananéa, jornalista paraibano de cultura e artes, ocupará a vaga de Carlos Aranha, às 9h, na sala Antônio Barreto Neto, sede da entidade, na Unidade Tambaú da Fundação Casa de José Américo. Durante a recepção ao novo confrade, o presidente da APC, prof. João de Lima Gomes, fará a leitura do termo de posse ao novo acadêmico.

Da parte do empossado, haverá a leitura de um texto resgatando o feito de Carlos Aranha como crítico de cinema, animador cultural e jornalista dos mais destacados na produção musical da Paraíba.

LANÇAMENTO

Luta contra câncer inspira livro em pré-venda

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A analogia presente no título *Dançando na Chuva*, livro de Nélida Campos e Tatiana Cunha, resume os relatos reais de dois pacientes com câncer, que optaram por encampar essa luta sem perderem a ternura. Conviver com a doença é “a arte de celebrar nas tempestades”, resumem ambas, a partir de vivências familiares e pessoais. A obra, da Editora A União, está em pré-venda e pode ser adquirida por meio do perfil da instituição no Instagram (@livrariaauniaio), ou pelo WhatsApp (83) 99604-0011. O lançamento será em 24 de setembro.

Um dos personagens abordados nesse livro biográfico é André, esposo de Nélida, que conviveu com a doença por cinco anos. Desde o diagnóstico, terminal, teve de lidar com a ideia de ter um “prazo de validade”, algo que, segundo a autora, não cessou seu desejo de aproveitar cada instante.

Já Tatiana narra a descoberta de um nódulo em uma das mamas e o posterior tratamento, que segue no presente. As narrativas em primeira pessoa são entrecortadas por outros textos ilustrativos, como letras de música e boletins médicos.

Ao comentar sobre o que há de comum entre as duas

histórias, Nélida assevera que, nos dois casos, o material humano e o suporte emocional ao redor dos pacientes e de suas famílias são fundamentais para garantir dignidade aos envolvidos — como no caso de André.

“Tatiana, por sua vez, vive, caminha e dorme com a doença, uma ‘visita inconveniente’, com a qual aprendeu a lidar. Mas, acima de tudo, o que mais admiro

nela é o sorriso e, claro, o boche afiado que ela sabe usar na hora certa”, garante.

A propósito dessa parceria, Nélida sustenta que a amiga, Tatiana, é uma escritora nata. O desejo de ambas é viver exclusivamente da literatura, algo que, no presente, revela-se difícil, ainda que prazeroso e necessário, mencionando o processo de desenvolvimento da obra.

“Eu digitava minha parte do li-

vro em casa, ela escrevia da casa dela, e depois nos encontramos para trocar ideias. Compartilhar a escrita com Tatiana foi uma das experiências mais alegres que já vivi, é claro, sem esquecer das diversas garrafas de café”, rememora.

Sobre remexer memórias dolorosas e reacender tais lembranças sobre o tratamento de câncer do marido, agora, com Tatiana, Nélida elenca alguns dos momentos mais angustiantes do processo, como a espera pelos resultados de exames cruciais.

“Esta manhã, inclusive, fiz uma pergunta ao marido dela, Arlindo — companheiro que, assim como eu, um dia, acompanha, agora, uma paciente oncológica. A resposta dele foi de uma sensibilidade cortante: ‘Neli, não pergunta como eu me sinto, porque eu não sou forte’”, confidencia.

Falando, novamente, sobre o título, Nélida declara que *Dançando na Chuva* é uma metáfora sobre não se esconder da vida, apesar do desconforto causado pelo “frio” e pela sensação de exposição: “É viver com todas as angústias, problemas e ‘BOs’ que a vida nos entrega, mas sem jamais deixar de sentir os pingos que caem sobre a pele. É lembrar da alegria simples e genuína que uma criança sente ao se permitir brincar sob a chuva — livre, leve e inteira naquele instante”.



Foto: Divulgação

As duas autoras dividem seus sentimentos com o leitor

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Augusto, um poeta único!

À parte a singularidade do texto em si, Augusto dos Anjos é um poeta incomum, considerados alguns fatores da vida literária.

A princípio, depois de publicado o *Eu*, em 1912, no Rio de Janeiro, o livro não foi bem recebido nem bem compreendido pela crítica de então. Salvo uma que outra nota jornalística de caráter elogioso, em geral, a reação foi de espanto, desconforto e até de desdém e deboche.

Aos poucos, no entanto, e, sobretudo, após a terceira edição, o quadro foi mudando. A crítica especializada acabou reconhecendo a grandeza estética de sua poesia inconfundível, através de análises e estudos fundamentados em métodos e conceitos teóricos de valor indiscutível.

Nomes como Gilberto Freyre, Manuel Cavalcanti Proença, Eudes Barros, Antônio Houaiss, Ferreira Gullar, Lúcia Helena, José Paulo Paes, Chico Viana e tantos outros respondem pela riqueza e qualidade de sua fortuna crítica.

Augusto dos Anjos também foi “salvo pelo povo”, na feliz observação de Fausto Cunha. O *Eu* é um livro lido, decorado, recitado e amado pelos leitores e ouvintes mais simples, dentro do ritmo anódino da vida cotidiana.

Este mesmo povo o elegeu a personalidade do século 20 na Paraíba, em meio a pesos pesados da política e da cultura, a exemplo de um Pedro Américo, de um Epitácio Pessoa, de um Ariano Suassuna, de um José Lins do Rego, de um José Américo de Almeida e de um João Pessoa.

De outra parte, o poeta do Tamarindo tem sido objeto de homenagens e reverências por parte de instituições, efemérides e eventos culturais. A UFPB, por meio do Departamento de Música, recentemente o distinguiu como homenageado da oitava versão do Festival Internacional de Música de Câmera, numa conexão entre música e poesia das mais ricas e criativas.

Augusto dos Anjos, como nenhum outro poeta brasileiro, vê-se reconhecido e admirado pelos seus pares, decantado em poemas nos quais aparece como motivo seminal.

Não foi tópico de enredo para escola de samba, como o foi Carlos Drummond de Andrade, por exemplo. No entanto, até onde alcança o meu conhecimento, nenhum poeta brasileiro possui a glória particular de ser cantado pelos seus pares em textos que o elegem como tema, que com ele dialogam ou que a ele fazem referência, numa demonstração da força estimulante de sua dicção lírica.

Não são poucos os poetas que o enaltecem. Maiores, medianos e menores pagam, aqui e ali, o devido tributo ao legado poético que ele deixou como fonte inesgotável de criação.

Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Marcus Accioly, Flávio Moreira da Costa, Lenilde Freitas, Sérgio de Castro Pinto, Sinésio Guimarães, Adabel Rocha, Ariano Suassuna, José Nêumanne Pinto, Águia Mendes, Astier Basílio, Luciano Maia e muitos mais formam na fileira dos que escreveram versos para o poeta do Pau d’ Arco.

Isso, de certa maneira, faz de Augusto dos Anjos um poeta singular. Um poeta forte, um poeta único.



Foto: Reprodução

Augusto: salvo pelo povo, reconhecido e admirado pelos pares

Colunista colaborador

CINEMA

Uma errante à procura de si mesma

“Suçuarana” estreia amanhã, no Cine Bangüê, com sessão seguida por debate com a dupla de diretores

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

No filme *Suçuarana*, a busca pelo local de origem de sua mãe motiva Dora (Sinara Teles) a percorrer paisagens do interior de Minas Gerais. Mas essa jornada vai muito além do encontro com uma “terra prometida”. O longa-metragem estreia amanhã, às 19h, no Cine Bangüê, em João Pessoa (Espaço Cultural, Tambauzinho): os diretores, Clarissa Campolina e Sérgio Borges, estarão presentes para um debate com o público logo

após a projeção. Os ingressos podem ser adquiridos, presencialmente, uma hora antes da exibição e custam de R\$ 5 (meia) a R\$ 10 (inteira)

Sinara define Dora como uma mulher “silenciosa” e fala que no filme a sua procura por Suçuarana (região onde sua ancestralidade repousa), no presente, é mais importante do que o seu passado. Parte da “aridez” da personagem é quebrada a partir de

seu encontro com o cachorro Encrenca (papel do *pet* Tony Stark).

“Eu costumo dizer que o movimento dela é de criar uma ‘raiz interna’ e não ‘externa’. Dora tem um espírito de liberdade e de desprendimento muito grande. E acho que esse é o ponto forte do longa, o ímpeto de seguir em busca desse autoconhecimento”, aponta.

Falando sobre outras temáticas que alicerçam *Suçuarana*, Sinara comenta o extrativismo

e a exploração desenfreada de empresas que modificam substancialmente as paisagens locais e deterioram o meio ambiente.

“Acredito que o cinema também seja uma experiência coletiva de propor mudanças e de trazer à tona temáticas importantes, para que novos crimes ambientais, já previstos, possam ser retardados e quiçá nem acontecerem. Mas sei que a pressão econômica é social é gigante”, sustenta.

Detalhando as filmagens, Sinara destaca que foi uma experiência incrível ter dois

diretores a cargo do projeto, destacando que eles têm sintonia mesmo naquilo que discordam — a “alma doce e feminina” de Sérgio, complementada pela “genialidade instintiva” da colega.

“Clarissa também assina também o roteiro do longa. Cada vez mais temos mulheres encabeçando grandes produções. Não é coincidência que a produção seja de Luana Melgaço, também integrante da Anavilhana”, informa, citando o coletivo audiovisual criado por esta e pela diretora.

Comentando, por fim,

como espera que o público receba *Suçuarana*, Sinara Teles almeja que o espectador paraibano aceite esse longa-metragem com a mesma emoção que sentiu ao participar dessa empreitada e ao testemunhar outras exibições comentadas do filme pelo país.

“Numa sessão, nesta semana, eu escutei de uma mulher, ‘Que vontade de pegar ela e falar vamos, vamos encontrar sua terra!’. Essa espontaneidade que emerge do público é maravilhosa. Que o filme possa reverberar e trazer muitas outras reflexões”, conclui.

Sinara Teles interpreta Dora, que faz amizade com o cachorro Encrenca, “interpretado” pelo cão Tony Stark



Foto: Divulgação/Embaúba Filmes

Em Cartaz

Cinema

Programação de 4 a 10 de setembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

DESENHOS. (*Sketch*). EUA, 2025. Dir.: Seth Worley. Elenco: Bianca Belle, Tony Hale, D’Arcy Carden. Aventura/ infantil. Desenhos de uma garota ganham vida quando caderno cai num lago misterioso e criam caos na cidade. 1h33. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: dom.: 15h10, 17h; seg. a qua.: 17h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h45.

INVOCAÇÃO DO MAL 4 – O ÚLTIMO RITUAL. (*The Conjuring – Last Rites*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Michael Chaves. Elenco: Vera Farmiga, Patrick Wilson, Elliot Cowan. Terror. Casal de investigadores do sobrenatural reencontra um demônio que enfrentaram no começo de suas carreiras. 2h15. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Átmos): leg.: 16h, 21h30; dub.: 18h45. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h, 17h; leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h30, 17h30, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 15h, 18h, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 15h, 18h, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 18h30, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h15, 17h15, 20h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h55, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h30, 18h, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 3: leg.: 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 15h30, 18h40, 21h05. CINE GUEDES 3: dub.: 20h. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: 15h10, 18h, 20h40. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 19h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 14h10. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 16h10, 18h40, 21h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: 14h, 20h30.

A PRAIA DO FIM DO MUNDO. Brasil, 2025. Dir.: Petrus Cariry. Elenco: Marcélia Cartaxo, Fátima Macedo, Larissa Góes. Drama. Mãe e filha vivem conflito quando o litoral ameaça derrubar a casa em que vivem. 1h28. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter., 09/09: 20h30; seg., 15/09: 20h30; dom., 21/09: 19h; qui., 25/09: 18h30; sáb., 27/09: 15h; seg., 29/09: 20h30.

O REI DA FEIRA. Brasil, 2025. Dir.: Felipe Joffily. Elenco: Leandro Hassum, Pedro Wagner, Renata Castro, Everaldo Pontes. Comédia/ policial. Detetive que fala com os mortos tenta resolver o assassinato de um feirante. 1h27. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h, 16h15, 18h30, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 16h15, 18h15. CINESERCLA TAMBIA 2: 18h. CINESERCLA TAMBIA 4: 15h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: 19h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom.: 15h20, 17h10, 19h, 20h50; seg. a qua.: 17h10, 19h, 20h50. PA-

TOS MULTIPLEX 3: 21h. **PATOS MULTIPLEX 4:** seg. a qua.: 15h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 17h20, 19h20, 21h20.

O RETORNO. (*The Return*). Itália/ Grécia/ Reino Unido/ França, 2024. Dir.: Uberto Pasolini. Elenco: Ralph Fiennes, Juliette Binoche, Ângela Molina. Aventura/ drama. Odisseu volta da guerra de Tróia após 20 anos, enquanto sua esposa o espera e resiste às investidas de seus pretendentes. 1h56. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 19h45, 22h15.

SUÇUARANA. Brasil, 2024. Dir.: Sérgio Borges e Clarissa Camponila. Elenco: Sinara Teles, Carlos Francisco. Drama. Mulher vaga por anos em busca de uma terra misteriosa e desconhecida e vai parar numa aldeia de trabalhadores fabris. 1h25. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 08/09: 19h; qui., 11/09: 20h30; dom., 14/09: 19h; sáb., 20/09: 19h; ter., 23/09: 18h30; dom., 28/09: 17h; ter., 30/09: 18h30.

SUPER WINGS EM VELOCIDADE MÁXIMA. (*Geugjangpan Syupeo Wingseu – Maegsimeom Seupideu*). Coreia do Sul/ China, 2023. Dir.: Xiaoqing Cai, Cai Dongqing. Infantil/ animação. Equipe de aviões tenta resolver o sequestro de influenciadores por dono de fábrica de brinquedos fadida. 1h29. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2 dub.: dom.: 14h30, 16h30; seg. a qua.: 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h15, 16h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h55. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h. **Patos:** CINE GUEDES 1: 15h20, 17h20. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: dom.: 14h20, 19h; seg. a qua.: 14h50, 19h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h05, 16h; seg. a qua.: 15h15. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h15; seg. e qua.: 18h30.

A VIDA DE CHUCK. (*The Life of Chuck*). EUA, 2025. Dir.: Mike Flanagan. Elenco: Tom Hiddleston, Jacob Tremblay, Chiwetel Ejiofor, Karen Gillan, Mia Sara, Mark Hamill. Drama. Os episódios que moldaram a vida de um homem, incluindo uma transição de gênero e uma casa possivelmente assombrada. 1h51. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 18h30; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h35.

RELANÇAMENTO

COMO TREINAR O SEU DRAGÃO (*How to Train Your Dragon*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Dean DeBlois. Elenco: Mason Thames, Nico Parker, Gerard Butler. Aventura/ infantil. Garoto de uma comunidade de vikings em guerra com dragões faz amizade com um dragão ferido. 2h05. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 15h30.

CONTINUAÇÃO

AMORES MATERIALISTAS (*Materialists*). EUA/ Finlândia, 2025. Dir.: Celine Song. Elenco: Dakota Johnson, Chris Evans, Pedro Pascal, Zoe Winters. Romance/ comédia. Casamenteira se envolve em um triângulo amoroso. 1h56. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h30.

BAMBI – UMA AVENTURA NA FLORESTA (*Bambi – L’Histoire d’une Vie dans les Bois*). França, 2024. Dir.: Michel Fessler. Elenco: Mylène Farmer (narração). Aventura. Cervo cresce na floresta com amigos, mas sob a sombra de uma ameaça: o homem. 1h18. Livre.

Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 15h15.

C.I.C. – CENTRAL DE INTELIGÊNCIA CEARENSE. Brasil, 2025. Dir.: Halder Gomes. Elenco: Edmilson Filho, Alana Ferri, Gustavo Falcão. Comédia/ aventura. Agente secreto brasileiro tenta recuperar planos secretos de organização criminosa internacional. 1h38. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h45, 16h15, 18h30, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h30, 17h45. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 3: 16h50.

CAÇADORES DO FIM DO MUNDO (*Afterburn*). EUA, 2025. Dir.: J.J. Perry. Elenco: Dave Bautista, Olga Kurylenko, Samuel L. Jackson. Ficção científica/ aventura/ comédia. No futuro, caçadores de relíquias procuram a “Mona Lisa” para ajudar a reconstruir o mundo. 1h45. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: seg. a qua.: 21h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 19h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 21h.

OS CARAS MALVADOS 2 (*The Bad Guys 2*). EUA, 2025. Dir.: Pierre Perifel e JP Sans. Animação/ comédia. Ex-bandidos são coagidos a fazer um “último trabalho”. 1h44. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 17h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 13h50. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 16h05, 18h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h05, 18h10. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 4: dub.: dom.: 14h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 14h.

ENTRE DOIS MUNDOS (*Ouistreham*). França, 2022. Dir.: Emmanuel Carrère. Elenco: Juliette Binoche, Louise Pocielka, Steve Papagiannis. Drama. Escritora se emprega como faxineira de uma balsa para estudar o crescente trabalho precarizado na França. 1h46. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 07/09: 15h; qua., 10/09: 20h; ter., 16/09: 18h30; dom., 21/09: 15h; sáb., 27/09: 19h.

FAÇA ELA VOLTAR (*Bring Her Back*). Austrália, 2025. Dir.: Danny Philippou e Michael Philippou. Elenco: Billy Barratt, Sally Hawkins, Mischa Heywood. Terror/ mistério. Irmãos descobrem um ritual aterrorizante na casa da nova mãe adotiva. 1h44. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: dom.: 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 20h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 18h50.

AHORADO MAL (*Weapons*). EUA, 2025. Dir.: Zach Cregger. Elenco: Julia Garner, Josh Brolin, Amy Madigan. Mistério. Crianças de desaparecem misteriosamente em uma pequena cidade. 2h08. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 18h30; leg.: 21h30.

LADRÕES (*Caught Stealing*). EUA, 2025. Dir.: Darren Aronofsky. Elenco: Austin Butler, Zoë Kravitz, Matt Smith, Regina King, Liev Schreiber, Vincent D’Onofrio. Policial/ comédia. Ao cuidar do gato de um amigo, homem é envolvido em uma disputa entre várias gangues diferentes de Nova York. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h55, 20h45. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 17h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 4: dub.: 16h40.

MEU AMIGO LORENZO. Brasil, 2024. Dir.: André Luiz Oliveira. Documentário. A amizade do diretor com um menino autista. 1h36. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter., 09/09: 18h30; sáb., 13/09: 15h; dom., 21/09: 17h; sáb., 27/09: 17h.

A PRISIONEIRA DE BORDEAUX (*La Prisonnière de Bordeaux*). França, 2024. Dir.: Patricia Mazuy. Elenco: Isabelle Huppert, Hafsia Herzi, Noor Elasri. Drama. Duas esposas de presidiários se aproximam. 1h48. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 07/09: 19h; sáb., 13/09: 17h; ter., 16/09: 20h30; seg., 22/09: 20h30; qui. 25/09: 20h30; seg., 29/09: 18h30.

QUARTETO FANTÁSTICO – PRIMEIROS PASSOS. (*The Fantastic Four – First Steps*). EUA, 2025. Dir.: Matt Shakman. Elenco: Pedro Pascal, Vanessa Kirby, Joseph Quinn, Ebon Moss-Bachrach, Julia Garner. Aventura. Família de super-heróis precisa defender a Terra de um deus espacial devorador de mundos. 1h55. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 16h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 16h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 20h15.

ROSARIO (*Rosario*). Colômbia/ EUA, 2025. Dir.: Felipe Vargas. Elenco: David Dastmalchian, José Zúñiga, Paul Ben-Victor. Terror. Entidades sobrenaturais tomam o corpo da avó morta de uma mulher. 1h28. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 15h45.

OS ROSES – ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE (*The Roses*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Jay Roach. Elenco: Olivia Colman, Benedict Cumberbatch, Kate McKinnon, Andy Samberg. Comédia. O relacionamento perfeito de um casal começa a ser demolido quando ele passa a ter problemas profissionais. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 17h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 17h.

UMA SEXTA-FEIRA MAIS LOUCA AINDA (*Freaker Friday*). EUA, 2025. Dir.: Nisha Ganatra. Elenco: Jamie Lee Curtis, Lindsay Lohan, Julia Butters, Sophia Hammons, Mark Harmon. Comédia. Mãe e filha voltam a trocar de corpos anos depois de isso ter acontecido pela primeira vez. Continuação de Sexta-Feira Muito Louca (2003). 1h50. 10 anos.

Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h30; seg. e qua.: 16h15.

THIAGO E ÍSIS E OS BIOMAS DO BRASIL. Brasil, 2024. Dir.: João G. Amorim. Vozes: Neusa de Souza, Falcon Mantovani, Henrique Paulo. Animação/ comédia/ aventura. Pai e filhos percorrem três biomas brasileiros, aprendendo e ajudando animais em perigo. 1h31. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 14/09; sáb., 20/09; dom., 28/09: 15h.

TIJOLO POR TIJOLO. Brasil, 2025. Dir.: Victória Álvares e Quentin Delaroche. Documentário. Família tenta reconstruir seu lar depois que são obrigados a abandonar o anterior por risco de desabamento. 1h43. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 07/09: 17h; sáb., 13/09: 19h; seg., 15/09: 18h30; qui., 18/09: 19h; ter. 23/09: 20h30.

O ÚLTIMO AZUL. Brasil/ México/ Países Baixos/ Chile, 2025. Dir.: Gabriel Mascaro. Elenco: Denise Weinberg, Rodrigo Santoro, Miriam Socarras. Drama/ aventura. Ao se recusar a cumprir uma medida do governo que isola os idosos, mulher embarca em uma jornada pela Amazônia. Grande prêmio do júri no Festival de Berlim. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qui., 11/09: 18h30; dom., 14/09: 17h; qua., 17/09: 20h; sáb., 20/09: 17h; seg., 22/09: 18h30; dom., 28/09: 19h; ter., 30/09: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 17h15, 22h.

Música

HOJE

CHORA QUE PASSA. Show do duo formado pela clarinetista Dany Dantas e a bandolinista Laidia Evangelista.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 31/8, 14h. Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 15 (promocional), antecipados na plataforma Shotgun.

JOANNA. Cantora celebra 45 anos de carreira.

Campina Grande: TEATRO FACISA (Av. Sen. Argemiro de Figueiredo, 1901, Sandra Cavalcante). Domingo, 7/9, 19h30. Ingressos: de R\$ 70 (meia) a R\$ 180 (inteira), antecipados na plataforma Olha o Ingresso.

AMANHÃ

ELI SOARES. Cantor gospel apresenta show voz e violão da turnê Nós.

Campina Grande: TEATRO FACISA (Av. Sen. Argemiro de Figueiredo, 1901, Sandra Cavalcante). Segunda, 8/9, 20h. Ingressos: de R\$ 60 (plateia/ meia) a R\$ 250 (VIP), antecipados na plataforma Outgo.

SANHUAÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 8/9, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira),m R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.



“INDEPENDÊNCIA OU MORTE”

Obra traçou a identidade nacional

Pintura do paraibano Pedro Américo reflete mais o fim do Império do que o contexto social por trás do grito do Ipiranga

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

No imaginário nacional, o 7 de setembro é quase sempre lembrado pela cena eternizada no quadro “Independência ou Morte”, também conhecido como “O Grito do Ipiranga”, do paraibano Pedro Américo de Figueiredo e Mello. A tela, pintada em Florença, na Itália, e concluída em 1888 — 66 anos após a proclamação da Independência —, tornou-se a representação oficial do ato que marcou a separação política do Brasil de Portugal. Mas, afinal, o que há de verdade e o que foi idealização artística naquela obra?

Segundo o historiador Fabrício Morais, a resposta é clara: quase nada no quadro corresponde ao que de fato ocorreu. “Praticamente nada, na tela de Pedro Américo, é real. O quadro é uma representação idealizada do momento em que Pedro I declarou a independência do Brasil. O maior interesse do autor foi ressaltar a importância daquele gesto para a criação da nação, e não reconstruir a cena tal como aconteceu”, analisa.

A obra começou a ser pintada em 1886 e foi apresentada ao público em 1888, mais de seis décadas depois do episódio do Ipiranga. Segundo o historiador, é preciso analisá-la dentro do contexto em que foi criada. “As obras históricas, na maioria das vezes, falam mais sobre o período de sua feitura do que sobre o momento que buscam retratar. ‘Independência ou Morte’ deve ser pensado a partir do contexto de crise do final do Império Brasileiro e da necessidade de exaltar uma monarquia já decadente, comandada por Dom Pedro II”, disse.

Com dimensões monumentais — 7,60 m de largura por 4,15 m de altura —, a obra foi concebida para causar impacto. “Ela é praticamente um *outdoor*. Foi feita para impressionar, transpondo para a imagem o discurso do governo imperial sobre a identidade nacional inaugurada em 1822”, acrescenta o historiador.



“[A tela] não deve ser vista como reflexo fiel da realidade, mas como uma construção simbólica

Fabrício Morais

Pedro Américo tinha consciência das imprecisões históricas, mas assumiu a liberdade criativa em nome de uma mensagem política e simbólica. “Ele sabia, por exemplo, que a montaria de Dom Pedro não era aquela, que o Riacho do Ipiranga não ficava tão próximo da cena e até que o futuro imperador sofria de um incômodo gástrico naquele momento. Ainda assim, escolheu construir uma cena que deixava de fora justamente os detalhes que poderiam comprometer a intenção

Liberdade criativa e mensagem política

do quadro”, destaca Morais.

Em um livreto artístico publicado após a conclusão da obra, Pedro Américo escreve que “a realidade inspira, mas não escraviza o pintor”. Nesse texto, ele justifica as escolhas feitas na composição, explicando por que preferiu construir uma cena simbólica e monumental, em vez de se prender aos fatos reais.

Na pintura, Dom Pedro I surge erguendo a espada, cercado por oficiais fardados e cavalos imponentes, às margens do Riacho do Ipiranga, em São Paulo. Mas, como ressalta Fabrício Morais, o episódio real foi bem diferente: a comitiva era reduzida e não havia qualquer cenário solene ou militarizado como o retratado na tela.

O próprio artista buscou inspiração em modelos clássicos de batalhas pintadas na

Europa. Elementos de obras de artistas como Jacques-Louis David e Horace Vernet aparecem na composição, revelando como Pedro Américo dialogava com a tradição acadêmica ocidental de retratar feitos nacionais como gestos heróicos.

“A tela ‘Independência ou Morte’ acabou se consolidando como a ‘certidão visual da nação’. Ela não deve ser vista como reflexo fiel da realidade, mas como uma construção simbólica que ajudou a moldar a memória coletiva do Brasil, apresentando Dom Pedro I como herói fundador. Ao longo do século 20, essa imagem foi repetida à exaustão — em desfiles cívicos, livros didáticos, histórias em quadrinhos, filmes e até novelas —, fixando-se no imaginário popular como a cena definitiva da Independência”, explica o historiador.

População virou espectadora

Mais de 200 anos depois, a pintura de Pedro Américo continua sendo a principal imagem da Independência no imaginário coletivo, avalia Fabrício Morais. Isso porque “conseguiu captar, em forma visual, um sentimento que Machado de Assis já havia expressado em 1876: o valor simbólico do grito do Ipiranga como síntese da nação. O quadro é impactante, bonito e

impressiona quem o vê, mas é preciso também desconstruí-lo, porque ele não comporta a diversidade histórica do Brasil. Na cena principal, Dom Pedro I ocupa todo o protagonismo, enquanto o povo aparece apenas como espectador à margem. Reconheço os méritos da obra, mas defendo que ela deve ser vista como uma representação de época, e não como a ver-

dade histórica do que foi a Independência”, analisa.

A crítica do historiador reforça o debate sobre como a arte molda a memória coletiva de um povo. Ainda que outras pinturas tenham retratado o mesmo episódio, nenhuma alcançou o impacto da obra de Pedro Américo, que permanece como a imagem-síntese da Independência brasileira.



“Houve certa demora na chegada da notícia, devido às dificuldades de comunicação da época

Flávio Ramalho

A escolha de Pedro Américo para eternizar a cena da Independência não foi casual. Nascido em Areia, na Paraíba, em 1843, ele teve seu talento descoberto ainda na infância, quando dois viajantes europeus se impressionaram com a qualidade de seus desenhos e recomendaram que o governo imperial financiasse seus estudos. Amparado por esse apoio, Pedro Américo formou-se na Academia Imperial de Belas Artes — instituição diretamente ligada ao projeto de construção da identidade visual do Brasil — e aperfeiçoou sua formação na Europa. Reconhecido como pintor histórico, já havia produzido grandes obras encomendadas pelo governo, o que o tornou o nome viável para criar uma representação monumental do episódio da Independência, em um momento em que o Império buscava reafirmar sua própria grandiosidade.

“Pedro Américo sempre esteve muito próximo do governo

Ecos do movimento em terras paraibanas

imperial. Por isso fazia sentido escolhê-lo para criar uma obra grandiosa que exaltasse a Independência e, ao mesmo tempo, reforçasse a memória da importância do Império no Brasil”, destaca Fabrício Morais.

Enquanto a cena era eternizada no Ipiranga, a Paraíba recebia com atraso as notícias da separação de Portugal. Em uma época sem telefone ou internet, a informação viajou por correio marítimo, trazida em embarcações que subiram os rios Paraíba e Sanhauá até o antigo Porto do Varadouro, em João Pessoa.

O historiador Leandro Vilar Oliveira explica que a notícia chegou em 26 de setembro de 1822, embora outras fontes, como Horácio de Almeida, registrem o dia 29 de setembro. “Não sabemos qual navio trouxe a correspondência, nem o horário em que aportou no Varadouro, mas sabemos que, ao desembarcar, a mensagem foi entregue às autoridades locais, passando pela Junta Provisória que governava a província, pelos vereadores da Câmara, juizes e chefes militares”, aponta.

Poucos dias depois, o governo provisório promoveu mais de uma semana de festas na capital para celebrar a Independência, enquanto outras vilas também realizaram comemo-

rações, ainda que em menor escala.

Apoio

O historiador Flávio Ramalho ressalta que a Paraíba não esperou setembro para se alinhar ao projeto do príncipe regente. “A Paraíba se antecipou em se solidarizar com o então príncipe regente Pedro I. Em 11 de junho, cerca de dois meses antes do 7 de setembro, houve uma grande reunião no Senado da Câmara da Capital — como era chamado na época — que foi a primeira iniciativa da província no sentido de não cumprir as determinações de Portugal. Já em relação à efetiva separação, houve certa demora na chegada da notícia, devido às dificuldades de comunicação da época. Para se ter uma ideia, D. Pedro foi aclamado imperador no dia 12 de outubro, mas a informação só chegou à Paraíba em 27 de novembro e, no dia seguinte, ocorreu uma grande reunião no Senado da Câmara para também aclamar D. Pedro aqui na província”.

Esses relatos mostram que a Independência foi vivida na Paraíba em três tempos distintos: a manifestação de apoio precoce em junho; a chegada da notícia em setembro, marcada por festas; e a aclamação oficial de D. Pedro como imperador em novembro, seguida de celebrações em dezembro.

POLÍTICA PÚBLICA

Senado discute combate ao suicídio de menores

Medidas prevêm apoio psicológico e capacitação de profissionais da Saúde

Agência Senado

O projeto de lei que cria a Política Nacional de Combate ao Suicídio de Crianças e Adolescentes (PL nº 1.773/2022) foi aprovado pela Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado Federal. O projeto seguiu para análise da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) antes de ser levado a plenário. O texto prevê, entre outras medidas, que crianças e adolescentes terão acesso a apoio psicológico, por meio de canais de comunicação, e uma Semana do Diálogo sobre saúde mental, a ser promovida nas escolas.

A proposta original é de autoria do senador Alessandro Vieira (MDB-SE). Na CDH, ela foi aprovada na forma de um substitutivo (versão alternativa) apresentado pelo relator da matéria, senador Eduardo Girão (Novo-CE). Girão afirmou que, atualmente, os adolescentes enfrentam mais transtornos mentais relacionados à mutilação e ao suicídio do que nas gerações anteriores. Ele ressaltou que, de acordo com um boletim epidemiológico do Ministério da Saúde de 2022, houve um aumento de 50% na taxa de suicídio entre jovens de 15 a 19 anos no período de 2016 a 2021.

“O mundo tecnológico



Foto: Geraldo Magela/Agência Senado

Senador Eduardo Girão destacou os elevados índices de transtornos mentais entre os adolescentes

atual mostra-se particularmente preocupante para a saúde mental de nossos jovens. Um tipo de perigo é a constante comparação com exemplos de jovens aparentemente bem-sucedidos e a ansiedade daí resultante. Esses fatores, associados à insegurança e ao desconhecimento habituais na juventude, criam uma situação calamitosa”, disse Eduardo Girão.

Presidente da CDH, a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) afirmou que superou a própria tentativa

de suicídio quando era criança. “Acaso criança pensa em suicídio? Pensa. A presidente desta comissão tentou suicídio aos 10 anos de idade; todo mundo conhece a minha história. Eu estava em um profundo processo de dor e sofrimento por constantes estupros, e eu tentei. Eu não fui a única menina de 10 anos [a tentar o suicídio]”.

Escolas

O projeto prevê a Semana do Diálogo no ensino básico — das creches ao Ensino Médio, públicos ou

particulares. Nesse evento, a saúde mental deve ser o tema dos debates com os alunos. De acordo com o texto, as ações da política utilizarão uma linguagem compreensível para crianças e adolescentes. A proposta também prevê que profissionais da Educação — assim como profissionais da Saúde e policiais, entre outros — serão capacitados continuamente pela União, pelos estados e pelos municípios para aprenderem a identificar tendências ao suicídio.

Financiamento terá recursos da loteria federal

O projeto determina que uma fração da arrecadação federal com as loterias será utilizada para financiar a nova política: os recursos viriam de uma parcela da arrecadação que atualmente é destinada ao Fundo Nacional da Saúde. A proposta também prevê que os governos federal, estaduais e municipais ajudarão a custear as ações previstas na política, além de fornecer recursos técnicos.

O texto determina ainda o reforço da estrutura dos Centros de Atenção Psicossocial

(CAPS) gerais e daqueles voltados a crianças e adolescentes. A nova política exigirá a presença de médicos psiquiatras e psicólogos, exceto em casos justificados.

De acordo com a proposta, haverá uma coordenação nacional para gerir a nova política. Essa coordenação será responsável por realizar encontros nacionais com agentes públicos e com a sociedade para discutir e melhorar as ações da política.

O grupo também terá de definir as metas e os indi-

cadores sobre os resultados. Tais dados deverão ser divulgados anualmente em um relatório, que também deverá conter: número de atendimentos psicossociais realizados em crianças e adolescentes; taxa de mortalidade por suicídio em crianças e adolescentes; número de profissionais especializados disponíveis; tempo médio de espera para atendimento psicoterapêutico ou psiquiátrico na rede pública; cobertura territorial dos CAPS infantojuvenil.

Mudanças do relator

A previsão de relatórios anuais e de financiamentos por meio da loteria foram medidas acrescentadas ao projeto pelo relator da matéria, Eduardo Girão. Além disso, o substitutivo apresentado por Girão prevê expressamente o fortalecimento dos conselhos tutelares e a necessidade de a União prestar ajuda financeira para a contratação de psiquiatras e psicólogos em regiões com baixo número desses profissionais.

EXPLORAÇÃO SEXUAL INFANTIL

Conteúdo deve ter exclusão imediata de sites

Agência Senado

Um projeto que obriga sites e aplicativos a retirar imediatamente conteúdo pornográfico que envolva crianças ou adolescentes foi aprovado na Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado Federal, na última semana. O texto agora vai para análise da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ).

O PL nº 880/2025, do senador Marcos do Val (Podemos-ES), também abrange imagens falsas ou modificadas digitalmente que simulem sexo explícito com essas faixas etárias. É o caso, por exemplo, de imagens feitas com inteligência artificial ou com montagens. Na avaliação do relator,

senador Zequinha Marinho (Podemos-PA), apesar de o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) punir a prática com prisão de até oito anos, esse tipo de crime tem aumentado. Para ele, o projeto é urgente, necessário e alinha-se a modelos internacionais de combate ao abuso infantil *on-line*.

“Recai sobre os provedores um dever de cuidado, cuja inobservância configura falha sistêmica. [A medida] afirma um imperativo moral, constitucional e legal: proteger crianças e adolescentes contra abusos irreparáveis, que se multiplicam exponencialmente no ambiente digital”, disse.

O Congresso Nacional já aprovou projeto semelhante no fim de agosto. O

PL nº 2.628/2022, que cria o Estatuto Digital da Criança e do Adolescente, seguiu para sanção.

Regras

Segundo o projeto de Marcos do Val, os sites deverão implementar mecanismos de identificação e prevenção à exploração sexual envolvendo crianças e adolescentes. Assim, mensagens de compartilhamento e até links dos conteúdos devem ser identificados.

Depois de retirar o conteúdo, as empresas devem comunicar imediatamente o caso às autoridades competentes — sejam elas a polícia ou o Ministério Público, por exemplo. Caso contrário, os responsáveis pelos sites serão punidos na esfera civil,

administrativa e criminal.

Sempre que possível, o usuário responsável pela publicação deverá ser informado pelo site sobre a remoção e ter garantido o direito de contestar a medida. Para isso, o projeto altera o Marco Civil da Internet.

■ Depois de retirar o conteúdo, as empresas devem comunicar o caso às autoridades competentes com agilidade

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (8)

Pesquisas apontam que as pessoas que bebem são mais inteligentes.

Pelo sim ou pelo não, encha o copo e tome seu pifão. Podem te chamar de pinguço, zé garrafa, meiotá, pé de cana, manguaceiro e canabrava, mas de burro não!

O cara que toma umas biritas, geralmente, é bem dotado de talento. O bêbado de fé quase sempre é um filósofo de balcão de bar. Tem resposta para tudo, entende de tudo.

Parei de frequentar a faculdade do bar de Zé, amigo velho! Fui reprovado na matéria hepática.

“O álcool nos aproxima de deus e das coisas boas da vida” (Ámeba)

Vou fundar meu próprio partido, o PCdoBar. A sede será no bar de Zé.

Em 1976, eu fazia parte de um grupo que queria mudar o mundo a partir da arte. Dois morreram, um virou travesti, outro foi ser policial federal, um ficou maluco, um seguiu sua vida de alcoólatra inveterado e acabou preso por queimar um mendigo, o outro virou doutor e pós-doutor e o último se tornou um fascista “patriota”.

Os segredos do céu e da terra estão ao alcance do poeta. Ele reinventa o mecanismo dos idiomas e dos sentimentos. Mas quando se trata de poeta mesmo, e não um “zé ruela” como o locutor que vos fala.

Os filósofos pré-socráticos já afirmavam que os homens se tornam mais puros e condescendentes sem deuses e sem ideais. Sabemos que em nome de deuses e de ideais, foram cometidos os mais horrendos crimes contra a humanidade no transcorrer da história.

Chego aos 70 anos sem deuses nem ideais.

A humanidade está à beira de uma transformação impulsionada pela inteligência artificial. Banalizar o fazer artístico é uma das estimativas negativas nesse processo. Conheço “poeta” que já produz em escala industrial com a IA.

Em 1948, na Rússia, um menino de 10, anos chamado Joseph Brodsky, foi expulso da escola. “Teimoso. Preguiçoso. Mal educado. Disruptivo na aula. Faz mal os trabalhos de casa ou não faz nada. Os cadernos dele são confusos e cheios de rabiscos”.

Brodsky abandonou a escola. Décadas depois, em 1987, o rapaz autodidata recebeu o Prêmio Nobel de Literatura.

No futuro, qualquer imbecil poderá ganhar o Nobel, trabalhando com IA.

“Essa tribo é atrasada demais. Eles querem acabar com a violência, mas a paz é contra a lei e a lei é contra a paz”. (De um poeta sem IA).

“Tem gente ignorante que fala de Beethoven sem nunca ter visto um quadro dele”. (Sonsinho)

“Quando chegar a hora dos humildes herdarem o Reino do Céu, o imposto de renda vai ficar com mais da metade”. (Millôr Fernandes).

“O que aconteceu em 7 de setembro? Nada! Em 7 de setembro foi feriado, tudo fechado, não aconteceu nada!” – (Sonsinho na aula de História)

“Fazer poesia é coisa para quem não tem o que dizer. Ou escrever. O poeta mostra a verdade como ela não é”. (Maciel Caju).

Quando eu viajar sem chapéu, deixo para trás meus poemas de conformidade com minha visão de mundo, distorcida para uns, revolucionária para outros, medíocre para a maioria, visionária para quem me lê nas entrelinhas.

“Viajar sem chapéu” é uma expressão que minha avó usava para se referir à morte.

ADOÇANTES ARTIFICIAIS

Consumo eleva o declínio cognitivo

Pesquisa acompanhou mais de 12 mil pessoas por oito anos e identificou os efeitos dos produtos na saúde do cérebro

Luiza Caires
Jornal da USP

Estudo feito no Brasil sugere que o consumo regular de adoçantes artificiais de baixa ou nenhuma caloria pode acelerar o declínio cognitivo, afetando a memória e a fluência verbal ao longo do tempo. A pesquisa, conduzida por cientistas da Universidade de São Paulo (USP) e publicada na revista científica *Neurology*, acompanhou mais de 12 mil pessoas por oito anos, trazendo alguns dos resultados mais abrangentes até agora sobre os possíveis efeitos em longo prazo desses substitutos do açúcar na saúde do cérebro.

A estratégia escolhida foi dividir os participantes — todos com mais de 35 anos — em três grupos, dos que tinham consumo mais intenso de adoçantes artificiais até os que consumiam muito pouco ou não consumiam. Após o acompanhamento, os participantes de dois grupos de mais alto consumo apresentaram taxas 35% e 62% maiores de declínio cognitivo global; e 110% e 173% maiores de declínio da fluência verbal, respectivamente. Os maiores consumidores também tiveram uma taxa de declínio de memória 32% mais alta que os demais.

O estudo encontrou uma associação significativa entre maior consumo dos adoçantes aspartame, sacarina, acesulfame-K, eritritol, sorbitol e



Foto: João Pedrosa

Estudo encontrou uma associação significativa entre o maior consumo de adoçantes e declínios da memória e fluência verbal

xilitol a um declínio mais rápido na cognição global, prejudicando particularmente os domínios da memória e da fluência verbal. Os participantes que consumiram as maiores quantidades de adoçantes em geral apresentaram uma taxa 62% maior de declínio cognitivo global em comparação àqueles com consumo mais baixo. Quando divididos por tipo de adoçante, somente a tagatose, entre os que foram avaliados, não apresentou nenhuma ligação com o declínio cognitivo na análise geral.

“O consumo de adoçan-

tes está associado a um declínio mais rápido do que aquele que já é esperado pelo passar do tempo”, explica Claudia Suemoto, autora da pesquisa, referindo-se à perda sutil e progressiva da cognição que ocorre naturalmente com o envelhecimento, mas que parece ser acelerada pelos adoçantes.

Uma restrição da pesquisa é que ela não incluiu a sucralose, adoçante bastante usado atualmente, mas que não estava entre os mais consumidos no Brasil nos anos do estudo, que começou em 2008. Apesar disso, outros estudos tam-

bém já levantaram problemas semelhantes sobre a sucralose.

Também é apresentado pelos pesquisadores como uma limitação o fato de os dados da dieta serem autorrelatados, o que, mesmo com uso de questionários validados por especialistas, pode trazer distorção. Eles mencionam ainda a impossibilidade de descartar todos os fatores de confusão residuais, como hábitos simultâneos que afetam a saúde ou mudanças na dieta ao longo do tempo.

Mesmo assim, com seu grande número de participantes e qualidade das avalia-

ções, o estudo representa um avanço significativo na compreensão dos possíveis efeitos em longo prazo dos adoçantes artificiais na função cognitiva. E fortalece o alerta por mais investigações: sabemos que o consumo de açúcar em excesso está bastante relacionado a uma piora na saúde cognitiva, mas não está claro se os adoçantes artificiais são uma alternativa adequada. “Já tínhamos evidências sugerindo que eles poderiam ser prejudiciais, [estando] relacionados a doenças cardiovasculares e câncer, e agora temos mais uma relaciona-

Pesquisadores defendem estudos mais abrangentes

Possíveis mecanismos para a associação observada podem ser neurotoxicidade e neuroinflamação provocadas por metabólitos (produtos resultantes da degradação) dos adoçantes artificiais. Ainda que estudos em modelo animal não gerem respostas conclusivas para seres humanos, eles trazem alguns indícios e apontam em que caminho continuar pesquisando.

Neste caso, estudos anteriores em roedores mostraram que o aspartame, por exemplo, pode ser metabolizado em compostos neurotóxicos, levando à neuroinflamação (mediada pela microglia, tipo de célula nervosa que atua na imunidade) e ao declínio cognitivo.

Alguns estudos em animais também apontam para o potencial dos adoçantes de alterar a microbiota intestinal, o que pode impactar a tolerância à glicose e afetar a integridade da barreira hematoencefálica, uma estrutura que envolve e protege o sistema nervoso central de agressores, sejam moléculas ou microrganismos. “Nossas descobertas sugerem a possibilidade de danos a longo prazo devido ao consumo de adoçantes, particularmente adoçantes artificiais e álcoois de açúcar, para a função cognitiva”, escrevem os pesquisadores.

Para mudanças nas recomendações por parte de órgãos

e associações de saúde, porém, Claudia Suemoto acredita que mais pesquisas são necessárias, principalmente ensaios clínicos — em que os participantes são avaliados em condições mais bem controladas. Ela pede cautela também com a interpretação dos números, assim como os de qualquer pesquisa: “Qualquer risco relativo, quando eu divido um coeficiente por outro, vai resultar nesses números grandes”, pondera.

Mesmo assim, considerando que outros estudos como esse encontraram resultados semelhantes, além do fato de os adoçantes artificiais serem ingredientes de alimentos ultraprocessados — já associados a problemas cognitivos em outras pesquisas —, ela opina que seu uso regular deve ser repensado.

Apesar de não ser considerado neste estudo, o consumo de sucralose já foi associado, em outras pesquisas, à diminuição do desempenho da memória e da função executiva, também possivelmente ligada a alterações do microbioma, neuroinflamação e neurotoxicidade dos metabólitos do adoçante.

Quanto à tagatose, que não apresentou associação com o declínio cognitivo no estudo, vale o mesmo raciocínio: ainda não dá para afirmar que “tudo bem, pode consumir à vontade”.

Metodologia considera variáveis sociais

A professora da FMUSP, Renata Levy, também desaconselha o uso de adoçantes. Ela não participou deste estudo, mas tem larga produção científica em epidemiologia nutricional, em particular no tema ultraprocessados, e comentou os resultados a pedido do *Jornal da USP*. “Não apenas eu [desaconselho], mas também a Organização Mundial da Saúde, que em 2023 publicou a diretriz “WHO Guideline on the use of non-sugar sweeteners”. No documento, a OMS não recomenda o uso de adoçantes sem açúcar para controle de peso corporal ou redução do risco de doenças crônicas, como diabetes tipo 2 e as cardiovasculares, em adultos e crianças. A única exceção é para pessoas com diabetes, para as quais o uso pode ter indicação específica”.

Ela lembra que, segundo a classificação Nova (que agrupa alimentos em categorias), alimentos que contêm aditivos cosméticos são considerados ultraprocessados. “Esses aditivos são incluídos nos alimentos não para conservação, mas para modificar atributos sensoriais do produto. Os adoçantes se enquadram nesse grupo. Esses compostos contribuem para tornar os alimentos hiperestimulantes e podem interferir nos mecanismos naturais de sa-

cidade e regulação do apetite”, detalha. Mesmo os chamados “naturais” recebem a classificação de ultraprocessados.

Para a professora, o estudo atual é extremamente relevante para a saúde pública e usa uma metodologia confiável. “O estudo de seguimento é um dos delineamentos mais adequados para investigar esse tipo de associação”. Ela comenta ainda que uma das maiores dificuldades para estudar o efeito nocivo dos edulcorantes é quantificá-los com precisão nos alimentos. “Essa informação não está disponível nas tabelas de composição de alimentos nem nos rótulos”, pontua.

Domínios da cognição

Neste estudo, o desempenho nos vários aspectos foi avaliado individualmente, para depois se calcular uma pontuação de cognição global, que é o índice considerado de maior importância. “A cognição é formada por diversos domínios e, quando

you have um problema em vários, o impacto é maior”, explica Claudia Suemoto.

Os testes cognitivos estimaram capacidades como memória episódica (de recordar eventos e experiências específicas, incluindo detalhes como o quê, onde e quando); fluência verbal (de gerar palavras dentro de uma categoria ou que começam com uma letra específica); e função executiva (de direcionar comportamentos a objetivos, envolvendo flexibilidade mental e velocidade de processamento para tomada de decisões).

Determinantes

Todo estudo observacional como este, que busca isolar o consumo de algum item e associá-lo a um desfecho como declínio cognitivo, que tem diversos determinantes, esbarra em confundidores que o tratamento estatístico dos dados procura mitigar.

Nesta pesquisa, em relação ao consumo de adoçantes, foram consideradas va-

da à cognição. Acho que essa é a mensagem”, diz a pesquisadora.

Uma pergunta antiga

Coordenadora do Laboratório de Envelhecimento na Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), Claudia Suemoto conta que uma das motivações da pesquisa foi pessoal. “Eu consumia muito adoçante, gosto de refrigerante zero e adoçava meu café com adoçante. Sempre tive essa dúvida sobre a relação entre adoçantes e o declínio cognitivo, e essa hipótese chamou mais atenção na época em que a gente fez o trabalho sobre ultraprocessados, do qual este é uma continuidade”. Ao levantar a literatura científica a respeito, os pesquisadores encontraram, além dos estudos em modelo animal, trabalhos com poucos participantes, e quiseram fazer uma análise com resultados mais significativos.

Nesta pesquisa, foram usados dados do Elsa Brasil (Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto). O estudo longitudinal é um tipo de pesquisa que acompanha os mesmos indivíduos ao longo do tempo, avaliados periodicamente, para verificar mudanças em variáveis específicas. “Além de uma grande quantidade de participantes, o Elsa Brasil tem um questionário de dieta excelente e nos permite pesquisar quase tudo, buscando entender se um efeito é importante ou não”, diz a neurocientista.

Oportunidades

Certames têm vagas na PB e na BA

Profissionais de diversas formações, sobretudo da área da Saúde, estão contemplados nestes editais

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Com espaços de trabalho em uma instituição de Ensino Superior, e em uma entidade pública sem fins lucrativos, executora da política de sangue e vinculada à Secretaria de Saúde, o estado da Bahia soma, com os dois concursos, mais de 270 vagas. Profissionais de diversas formações, destacadamente da área da Saúde, estão contemplados nestes editais e também em processo seletivo aberto para integrar a administração municipal de Boa Vista, no Cariri paraibano.

Valorizando o desempenho das atividades de ensino, pesquisa, extensão, direção, assessoramento, chefia, coordenação e assistência, o concurso público da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com inscrições abertas até 16 de setembro, oferece 72 vagas para o cargo de professor do magistério superior. Os profissionais deverão atuar em jornadas de 20 horas semanais ou em regime de dedicação exclusiva, com remunerações mensais de R\$ 3.090,43 a R\$ 13.288,85. É necessário ter graduação na respectiva área pretendida e a titulação mínima exigida. A seleção será conduzida por meio das provas escrita,

didática e prática, etapas eliminatórias e classificatórias, além de defesa de memorial, eliminatória em caso de ausência, e prova de títulos. O concurso terá validade de dois anos a partir da data de homologação no Diário Oficial da União, podendo ser prorrogado por igual período. O concurso terá vagas reservadas para pessoas negras, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência (Pcd).

Os postos de trabalho estão distribuídos entre os centros de ensino da instituição: Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS), em Feira de Santana; Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CE-CULT), em Santo Amaro; Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), em Cachoeira e São Félix; Centros de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) e de Ciências Exatas e Tecnológicas (CE-

TEC), em Cruz das Almas; Centro de Ciências da Saúde (CCS), em Santo Antônio de Jesus; Centro de Formação de Professores (CFP), em Amargosa.

Buscando fortalecer e ampliar o atendimento hemoterápico e hematológico nas unidades da capital e do interior do estado, a Fundação de Hematologia e Hemoterapia da Bahia (Hemoba) tem inscrições abertas para processo seletivo que visa a admissão de 199 profissionais de várias áreas e formação de cadastro de reserva. As funções têm cargas horárias de até 40 horas semanais, e as remunerações mensais podem chegar a R\$ 6.697,16.

As inscrições, disponíveis desde 28 de agosto, podem ser feitas até a terça-feira (9), pelo *site* do Instituto de Desenvolvimento e Capacitação (Idcap), as taxas variam de R\$ 41,50 a R\$ 58,50. O processo seletivo em Regime Especial de Direito Administrativo (Reda) ocorrerá por prova objetiva, prevista para o dia 28 de setembro, e avaliação de títulos, conforme os critérios de pontuação especificados no edital.

As oportunidades são para as funções de técnico-administrativo nas áreas de atuação: administração, análise de sistemas e segu-

rança do trabalho; análise técnico nas áreas: análise de sistemas, administração, faturamento, e contabilidade. Também serão contratados técnico de enfermagem; técnico em patologia clínica, e técnico em higiene dental.

Outros postos de trabalho incluem: assistente social, enfermeiro, farmacêutico, farmacêutico bioquímico, médicos nas áreas de atuação de clínica geral, hematologia/hemoterapia, pediatria, ortopedia, cardiologia, neurologia, radiologia, oftalmologia; além de nutricionista, psicólogo, e odontólogo. O prazo de validade do processo seletivo é de dois anos, a partir da homologação do resultado final no Diário Oficial do Estado da Bahia, podendo ser prorrogado uma única vez.

As provas objetivas serão realizadas no dia 28 de setembro em Salvador, Barreiras, Brumado, Camaçari, Eunápolis, Feira de Santana, Guanambi, Irecê, Itaberaba,

Itapetinga, Jacobina, Jequié, Juazeiro, Paulo Afonso, Ribeira do Pombal, Seabra, Senhor do Bonfim, Teixeira de Freitas e Vitória da Conquista.

Na Paraíba

No Cariri e Região Metropolitana de Campina Grande, a Prefeitura de Boa Vista oferece, em concurso público, 99 oportunidades para candidatos com nível Fundamental, Médio e Superior. As jornadas de trabalho são de 20 a 40 horas semanais, com remuneração mensal de até R\$ 4.020,19. Os interessados podem inscrever-se até às 23h59 do dia 21, no *site* da Ápice Consultoria. O valor da taxa de inscrição varia de R\$ 34 a R\$ 70.

A seleção acontecerá por meio de prova objetiva, prevista para o dia 23 de novembro. Para alguns cargos, também haverá prova prática e prova de títulos. O concurso terá validade de dois anos, a contar da data de homologação no Diário Oficial do Município, podendo ser prorrogado.

Os cargos em aberto são: agente comunitário de saúde, agente de combate às endemias, assistente social, assistente social educacional, auxiliar administrativo educacional, auxiliar de consultório dentário, auxiliar de serviços gerais, biomédico,

bioquímico, enfermeiro, enfermeiro do trabalho, engenheiro agrônomo, e engenheiro civil.

Outras vagas incluem as funções de farmacêutico, fiscal de tributos, fisioterapeuta, médico clínico geral, médico ortopedista, médico ginecologista, médico pediatra, médico endocrinologista, médico neurologista, médico psiquiatra, médico do trabalho, médico veterinário, merendeira, motorista, nutricionista, operador de máquina pesada trato-rista, operador de motoni-veladora, operador de re-troescavadeira, orientador educacional, e pedreiro.

O certame prevê também a contratação de professores para a rede municipal, em diversas áreas de conhecimento e atuação, além de: psicólogo, secretário escolar, sepultador, supervisor escolar, técnico em segurança do trabalho, trabalhador braçal e vigia.



Use o QR Code para acessar o edital da UFRB



Use o QR Code para acessar o edital da Hemoba



Use o QR Code para acessar o site de Boa Vista

Farmacêuticos bioquímicos auxiliam cuidados médicos

Nós laboratórios de análises clínicas espalhados pelo Brasil, existem equipes profissionais responsáveis pela realização de exames laboratoriais. Entre os integrantes, têm destaque os farmacêuticos bioquímicos e os biomédicos. Nixon Barros Marques, farmacêutico bioquímico no Laboratório de Análises Clínicas do Hospital Universitário Alcides Carneiro, instituição da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e vinculada a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), explica que, para atuar no setor, além da graduação em Farmácia ou biomedicina, é preciso o registro nos conselhos de classe dessas profissões.

Segundo a Sociedade Brasileira de Patologia Clínica e Medicina Laboratorial (SBPC/ML), cerca de 70% das decisões médicas são influenciadas pelos exames laboratoriais. “A carreira de um analista clínico, bioquímico ou biomédico, proporciona, portanto, a oportunidade de inserção no eixo fundamental do cuidado do paciente”, afirma Nixon.

Com a popularização da medicina preventiva, conforme aponta a SBPC/ML, “os exames laboratoriais passaram a ter papel fundamental na avaliação do estado de saúde das pessoas e também na avaliação de risco para diversas doenças”, a

exemplo da dosagem do colesterol total, frações e triglicérides para avaliação do risco cardiovascular. Ainda segundo a SBPC, a prevenção, detecção precoce e o controle das principais doenças crônicas, tais como diabetes, hipertensão arterial, dislipidemias, câncer de próstata, câncer do colo de útero, entre outras, resultam na redução do custo da assistência à saúde e garantem qualidade de vida.

A incorporação de novas tecnologias ao sistema de saúde contribui para a melhoria da assistência promovida, já que estas são importantes para a obtenção de diagnósticos mais precoces, avaliação preditiva etc. A SBPC atribui o aumento da utilização dos exames laboratoriais na prática clínica a fatores como envelhecimento da população, maior prevalência de doenças crônicas, novas tecnologias disponíveis e advento da medicina preventiva.

Um analista clínico precisa conhecer intimamente a sua área de atuação, bem como ter conhecimentos sobre saúde pública e técnico-

-científicos das análises clínicas, além de ter aptidão para exercer a função de informar. “Os farmacêuticos bioquímicos, antes de tudo, são propagadores de conhecimentos em medicamentos e exames laboratoriais, inseridos em equipes, os profes-

sionais desta área exercem uma função primordial na educação em saúde”, argumenta Nixon Barros.

Para o bioquímico, os desafios na profissão são marcados por situações como o desconhecimento da população sobre o setor e suas funções, desvalorização da categoria, baixos salários em alguns serviços e as dificuldades no reconhecimento profissional e adaptação às inovações tecnológicas. As análises clínicas, como qualquer campo da área médica, evoluíram com a humanidade. “Atualmente, novas tecnologias surgiram e novos campos de atuação foram criados. O bioquímico ou biomédico deve estar em constante atualização dos seus conhecimentos. Para que possa oferecer por meio dos laudos, informações seguras do estado de saúde dos seus pacientes”, opina Barros.

Nas análises clínicas, a atuação é focada no exame e na liberação dos laudos, resultados das análises das amostras biológicas dos pacientes



Segundo Nixon, cerca de 70% das decisões médicas são influenciadas pelos exames laboratoriais

O papel do farmacêutico bioquímico manifesta-se, em primeiro olhar, em relação ao medicamento. “Já que somos farmacêuticos primordialmente, cabe ao profissional zelar pelo uso racional dos medicamentos quando atuando nas farmácias”. Nas análises clínicas, a atuação é focada no exa-

me e na liberação dos laudos, resultados das análises das amostras biológicas dos pacientes. “O profissional de laboratório garante que a informação relatada ao médico será confiável, contribuindo assim para o processo de cuidado do paciente”, conclui Nixon.

Profissionais capacita-

dos da área, podem encontrar oportunidades de exercer esse ofício por meio da participação e aprovação nos concursos da Fundação de Hematologia e Hemoterapia da Bahia (Hemoba), com 23 vagas disponíveis e cadastros de reserva, e também da Prefeitura de Boa Vista.

Foto: Arquivo pessoal/Nixon Barros

Selic Fixado em 30 de julho de 2025 15%	Sálário mínimo R\$ 1.518	Dólar \$ Comercial -0,63% R\$ 5,413	Euro € Comercial -0,07% R\$ 6,342	Libra £ Esterlina -0,13% R\$ 7,314	Inflação IPCA do IBGE (em %) Julho/2025 0,26 Junho/2025 0,24 Maio/2025 0,26 Abril/2025 0,43 Março/2025 0,56	Ibovespa 142.640 pts + 1,17%
---	---	--	--	---	--	---

INFRAESTRUTURA URBANA

Capital lidera crescimento vertical em todo Nordeste

Aumento no número de edifícios de João Pessoa superou a média nacional

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Quem chega a João Pessoa logo percebe que a cidade já não é a mesma de anos atrás. A capital paraibana, que, por muito tempo, era lembrada por seu ritmo tranquilo e sua orla preservada, hoje desponta como a queridinha de brasileiros — e até de estrangeiros — que buscam qualidade de vida, belezas naturais e infraestrutura urbana em expansão. O resultado desse encanto é visível no horizonte: a cidade cresce para cima, com novos edifícios mudando a paisagem e consolidando a verticalização como marca do seu desenvolvimento recente.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua) de 2024, divulgada pelo IBGE, João Pessoa é a capital que mais cresce em verticalização do Nordeste e a quinta no *ranking* nacional. Atualmente, 43,2% dos domicílios da cidade são apartamentos — um índice quase cinco vezes maior que a média regional (9,6%) e três vezes acima da média do país (15,3%). O salto foi expressivo: em 2016, apenas 30% das moradias eram em prédios, número que avançou para os atuais 43,2%, um crescimento de 13,2 pontos percentuais (p.p), o maior registrado entre todas as capitais brasileiras.

Na prática, isso significa que João Pessoa está lado a lado com grandes centros urbanos.



Foto: Carlos Rodrigo

Atualmente, 43,2% das moradias são em prédios, ante 30% em 2016, um avanço de 13,2 p.p

A capital paraibana só fica atrás de Vitória (51,1%) e Rio de Janeiro (49,4%), superando metrópoles como São Paulo e Belo Horizonte. Ainda assim, a realidade no restante do estado é distinta: de 1,47 milhão de moradias permanentes na Paraíba, 86,1% ainda são casas, o que reforça a capital como motor dessa transformação urbana.

O movimento acompanha uma tendência nacional de crescimento de apartamentos, mas de forma mais intensa. Enquanto a Paraíba cresceu 4,9 ponto percentual (p.p) de 2016 a 2024, o Nordeste avançou apenas 1,1 p.p. e o Brasil, 1,6 p.p. no mesmo período.

Valorização

Para a vice-presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis da Paraíba (Creci-PB), Roseli Cavalcanti,

a verticalização de João Pessoa é resultado da valorização das áreas litorâneas, da limitação territorial para expansão horizontal e do crescimento da demanda por empreendimentos multifamiliares. “Diferente de outras capitais do Nordeste, o processo aqui ocorre de forma mais planejada, com legislação que preserva a orla marítima e direciona o adensamento para bairros estratégicos”, avalia.

Roseli destaca ainda que a verticalização não se restringe às áreas mais nobres da cidade. “O limite de gabarito na orla atrai um perfil diferenciado de investidores que enxergam a exclusividade e a valorização do produto. Ao mesmo tempo, incentiva a verticalização em outras regiões, pois amplia o raio de desenvolvimento urbano de João Pessoa”, explica. Segundo a dirigente, o mer-

cado está em expansão tanto no segmento de médio e alto padrão quanto no popular. “O segmento residencial é o grande motor do crescimento, especialmente os imóveis voltados para famílias e investidores que buscam valorização patrimonial. O mercado popular também tem relevância, impulsionado por programas habitacionais e crédito facilitado”, analisa.

Ela ressalta que o setor imobiliário tem puxado a economia local de forma decisiva. “A construção civil movimentava uma ampla cadeia produtiva — desde arquitetura, *design* e intermediação imobiliária até a arrecadação municipal. Isso gera milhares de empregos diretos e indiretos, fortalece o comércio e atrai novos investimentos para João Pessoa”, acrescenta.

Desafio é expandir sem perder qualidade de vida

A expansão vertical da capital paraibana também é acompanhada com atenção pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Paraíba (CAU-PB). Para o presidente da entidade, Ricardo Vidal, a verticalização pode ser um sinal de desenvolvimento, mas só se traduz em qualidade de vida quando vem acompanhada de planejamento. “É natural que cidades em crescimento adotem edifícios mais altos para otimizar o uso do solo, porém isso exige investimentos em infraestrutura, mobilidade e áreas verdes”, pontua.

Segundo Vidal, o grande desafio é equilibrar adensamento populacional e infraestrutura. Sem um plano integrado, a concentração de prédios em determinadas regiões pode gerar sobrecarga em serviços públicos, trânsito congestionado, drenagem insuficiente e perda da identidade urbana. “Quando bairros tradicionais passam por transformações abruptas, eles podem perder sua escala humana e suas referências culturais”, alerta.

O arquiteto destaca ainda

que a verticalização modifica o cotidiano da cidade e a forma de convivência entre os moradores. Se nos bairros horizontais a vida se desenrola nas calçadas, praças e ruas, nos edifícios os encontros passam a se restringir a áreas comuns, como *halls*, elevadores e salões. Além disso, o adensamento concentra muitas pessoas em poucos pontos, exigindo transporte coletivo mais eficiente, comércio de proximidade fortalecido e novas formas de convivência urbana.

De acordo com o presidente do CAU-PB, quando o crescimento vertical é planejado, ele pode ser um aliado da mobilidade ativa, reduzir deslocamentos longos e aproximar serviços essenciais da população. Mas, para isso, é preciso alinhar os novos empreendimentos às políticas urbanísticas, respeitando índices de ocupação, ampliando calçadas, criando corredores verdes e incentivando fachadas ativas que dialoguem com a cidade.

Casa ou apartamento?

Enquanto João Pessoa cres-

■ Equilíbrio entre adensamento populacional e logística da cidade evita sobrecarga em serviços

ce para cima e a verticalização torna-se marca da cidade, os moradores seguem suas escolhas, cada um do seu jeito. Betinha Cavalcanti, aposentada, sempre viveu em casas, mas decidiu apostar na praticidade de um apartamento. “Hoje moro no mesmo prédio de uma das minhas filhas. Eu amava a casa, mas não me arrependo. Não tenho mais vontade de voltar para casa”, conta, entre risos, celebrando a proximidade da família e a rotina facilitada pelo prédio. “Basta pegar o elevador e já estou com meus netos”, complementa.

Por outro lado, para Idris Brito, presidente da Associação de

Moradores e Amigos do Bairro Portal do Sol (Amasol), a escolha por casas reflete uma busca por liberdade, contato com a natureza e convivência comunitária. “Já morei em apartamentos, mas a casa sempre representou mais autonomia, qualidade de vida e pertencimento. Gosto de cultivar plantas, receber amigos, ouvir os sons da vizinhança e ver as crianças brincando na rua. O apartamento não me dá essa sensação de pertencimento e convivência comunitária que uma casa proporciona”, explica.

Idris também reforça a preocupação com o crescimento acelerado e, muitas vezes, desordenado da verticalização. “O desenvolvimento urbano é necessário, mas precisa ser conduzido com planejamento, equilíbrio e respeito ao meio ambiente. Quando o crescimento ocorre sem critérios, a infraestrutura urbana é pressionada, áreas verdes são reduzidas e a identidade dos bairros se perde. Não se trata de ser contra prédios, mas de defender uma cidade harmônica, inclusiva e sustentável”, adverte.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O labirinto fiscal brasileiro: paga-se muito, entende-se pouco?

No emaranhado burocrático que cerca a vida do cidadão brasileiro, poucas coisas são tão onipresentes e, paradoxalmente, tão pouco compreendidas quanto as obrigações fiscais. Do pão que compramos ao carro que dirigimos, somos constantemente instados a contribuir com o Estado. Mas será que esse fardo, muitas vezes pesado, encontra eco na qualidade dos serviços públicos que tanto almejamos?

Em sua essência, as obrigações fiscais são a espinha dorsal do funcionamento estatal. Elas financiam desde o asfalto da rua e o leito hospitalar até programas sociais vitais. No Brasil, essa contribuição divide-se em três grandes frentes: impostos, taxas e contribuições.

Os impostos, ah, esses são os velhos conhecidos que sentimos no bolso, mas que não nos entregam uma contrapartida direta e imediata. Seja o Imposto de Renda que nos tira um pedaço do suado salário, o IPTU que anualmente bate à porta do proprietário ou o IPVA que pesa no licenciamento do veículo, a sensação é de um dreno constante, sem que a torneira do retorno seja devidamente aberta. E não nos esqueçamos do ICMS e IPI, embutidos em cada produto, transformando o ato de consumir numa silenciosa e contínua arrecadação. É o famoso “custo Brasil” que carregamos sem perceber na prateleira do supermercado.

Já as taxas, sim, estas nos dão um pouco mais de clareza. Pagamos para ter o lixo recolhido ou a rua iluminada — serviços específicos que, em tese, justificam o valor. Mas a polêmica reside na qualidade e na obrigatoriedade, mesmo quando o serviço é deficiente. Como exemplo, temos a Taxa de Resíduos (lixo), Taxa de Fiscalização ou de Alvarás de Funcionamento.

As contribuições, por sua vez, têm uma destinação mais clara, como o vital INSS que sustenta nossa Previdência e Seguridade Social. Indispensáveis para o pacto social, mas muitas vezes vistas como mais um “dedo” no contracheque.

O grande nó da questão brasileira, porém, reside na ausência de uma verdadeira educação fiscal. Pagamos, e pagamos muito, mas a transparência sobre o destino desse dinheiro é quase um segredo de Estado. O contribuinte sente o peso da carga tributária, mas raramente vê o benefício tangível. Essa falta de clareza e a ineficiência na aplicação dos recursos geram uma legítima sensação de injustiça e revolta. Não é incomum a pergunta “Para onde vai o meu dinheiro?” ecoar sem resposta, minando a confiança na máquina pública.

É imperativo que, ao lado da exigência do cumprimento fiscal, venha a devida prestação de contas. A cidadania plena só se concretiza quando o ato de pagar tributos se traduz em serviços públicos de qualidade e numa gestão transparente. Do contrário, o labirinto fiscal seguirá sendo um fardo, e não um pilar para o desenvolvimento de uma nação mais justa.

Do outro lado, muitos brasileiros ainda não compreendem bem para onde vai o dinheiro arrecadado. Esse distanciamento entre quem paga e quem gasta gera sensação de injustiça, mesmo em um sistema que arrecada valores elevados em relação ao PIB.

Concluindo, cumprir as obrigações fiscais é mais que uma exigência legal: é uma forma de participação na vida em sociedade. E conhecer os tributos, diferenciar impostos, taxas e contribuições e entender a destinação desses recursos, fortalece a cidadania e a democracia.

MÁQUINAS DE CARTÃO

Operações saltam 43% na Paraíba

Dados do Banco Central revelam uma disputa intensa pela influência dos meios de pagamento no estado

No bolso dos ambulantes, nas mesas de restaurantes e nos balcões de pequenas lojas, uma revolução silenciosa e hiper-competitiva está em curso. Longe dos holofotes, o mercado de máquinas de cartão vive uma expansão acelerada, transformando a forma como se compra, se vende e se relaciona com o dinheiro na Paraíba.

Dados do Banco Central (BC) ilustram a dimensão desse *boom*. Em apenas um ano, o número de terminais em operação no estado saltou de 451 mil, no primeiro trimestre de 2024, para 646 mil, no mesmo período de 2025. O crescimento expressivo de 43% demonstra que a concorrência acirrada entre os fornecedores é o motor principal por trás desse crescimento.

Um dos exemplos disso vem do Sicredi, instituição financeira cooperativa mais antiga do país. Na Paraíba, o Sicredi registrou um aumento de 50% na base de equipamentos ativos no estado, na comparação entre o primeiro semestre deste ano e o mesmo período de 2024.

A disputa por cada cliente força a redução de tarifas, a me-

lhoria dos serviços e o desenvolvimento de tecnologias mais acessíveis, beneficiando diretamente o comerciante. Para especialistas, esse fenômeno é crucial para a formalização e a inclusão financeira de micro e pequenos empreendedores, que ganham acesso a um sistema antes restrito a empresas de grande porte.

Para Jussara Marques, Analista de Desenvolvimento de Negócios da Central Sicredi Nordeste, o movimento é impulsionado pela digitalização dos pagamentos e pela necessidade de soluções práticas. “O mercado está cada vez mais competitivo, elevando a demanda por soluções práticas, acessíveis e adequadas a empresas de todos os portes”, afirmou.

A especialista ressalta que a importância do segmento vai muito além da simples venda do equipamento. “Muitas pessoas ainda não entendem que esse segmento é essencial para a inclusão financeira, principalmente dos pequenos negócios, permitindo que empreendedores e comerciantes informais

aumentem suas vendas e se integrem à digitalização”.

Instrumento de gestão
A estratégia para capturar



Fotos: Divulgação/Pauta Comunicação

Compras com a maquininha subiram de 451 mil, no primeiro trimestre de 2024, para 646 mil, no mesmo período deste ano

uma fatia desse mercado aquecido não fica restrita ao preço. O diferencial que leva à expansão, segundo o Sicredi, está no atendimento personalizado e em oferecer um produto integrado. “Nosso crescimento se deve à forte presença local e à oferta de um produto que vai muito além da captura de transações. Compreendendo as necessidades dos nossos associados, o Sicredi agrega valor ao oferecer soluções integradas de gestão e suporte completo”, explica Jussara.

Nessa guerra por espaço, a tecnologia tornou-se o campo de batalha principal. Os modernos dispositivos de pagamento, como a plataforma Clover adotada pelo Sicredi, são hoje centrais de gestão completas. Eles se distanciam da função original de apenas passar cartões

ou opção Pix e passam a incorporar *design* intuitivo, usabilidade avançada e uma série de funcionalidades gratuitas para o lojista.

Esses terminais oferecem desde o gerenciamento de funcionários e o controle de acessos até a customização de funções e a integração com diversos canais de pagamento, centralizando operações e fornecendo relatórios detalhados. O pós-venda especializado, com logística própria e atendimento remoto, completa o pacote de serviços que busca fidelizar o comerciante.

“A Clover se destaca pela tecnologia avançada, facilidade de uso e funcionalidades gratuitas que ajudam nossos associados a gerir seus negócios. Além disso, oferece integrações parceiras e um suporte exclusivo, pro-

porcionando uma experiência completa e confiável. O resultado é um ecossistema em ebulição, em que os comerciantes ganham em eficiência e opções, enquanto as instituições financeiras disputam cada centímetro de um mercado que se revela fundamental para a economia real”, conclui Jussara Marques.

■ Ferramenta amplia o acesso de pequenos empresários e impulsiona a inclusão financeira



Concorrência reduz tarifas e melhora serviços, favorecendo diretamente o comerciante

OPEN FINANCE

Baixa adesão de empresas desafia expansão da modalidade

Wellton Máximo
Agência Brasil

Pagar um café por Pix sem a necessidade de abrir o aplicativo do banco, aproximando o celular da maquininha. A operação hoje pode parecer corriqueira, mas o Pix por aproximação, lançado em fevereiro, exigiu não apenas o desenvolvimento de tecnologias. A associação da conta do Pix à carteira virtual do celular envolveu troca confiável de informações entre comércio, bancos e a administradora da máquina.

O compartilhamento de dados entre instituições financeiras de todos os tipos é o conceito central por trás do *open finance*, que completou cinco anos na semana passada. Em todos os casos, cabe ao usuário autorizar a utilização das informações pessoais por terceiros, podendo cancelá-la quando quiser. Tudo regulado pela Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

O *open finance* está mais presentes na vida do correntista do que aparenta. O sistema foi essencial para o desenvolvimento do Pix automático, lançado em junho, modalidade que substituirá o boleto bancário. Para autorizar a cobrança periódica por empresas, basta o correntista entrar no aplicativo do ban-

co uma única vez e consentir o acesso a seus dados financeiros.

O mesmo ocorre com a consulta dos saldos de contas em diversas instituições numa mesma tela. Ou com a oferta de operações de crédito com juros mais baixos a bons pagadores, com o *open finance* aumentando a taxa de aprovação dos tomadores de crédito em até 30%. Desde abril de 2023, as instituições podem compartilhar dados sobre investimentos, câmbio, seguros, previdência privada, capitalização e credenciamento.

Obstáculos

Segundo a Associação dos Iniciadores de Transação de Pagamento (Init), a expansão do *open finance* enfrenta dois principais gargalos. O primeiro é o aumento no sucesso da taxa de conversão dos pagamentos. Atualmente, segundo a entidade, de 50% a 60% das operações feitas pelo *open finance* não apresentam erros. “O desafio é elevar essa taxa para 99,5%, como ocorre com os cartões de crédito e débito”, diz Gustavo Lino, diretor-executivo da Init.

Apesar dos problemas de erro ou de transações que não conseguem ser completadas, Lino diz que o *open finance* tem se revelado mais seguro que as

transações com cartões bancários. “A segurança das transações no *open finance* é excelente. Os casos de fraude e golpes são ínfimos”, ressalta.

Lino cita o Pix por aproximação, em que o cliente pode conferir, na tela do celular, o valor digitado pelo comerciante antes de aproximar o aparelho. Nos cartões de crédito e débito por aproximação, o valor precisa ser conferido na máquina do estabelecimento.

As iniciadoras de pagamentos são empresas autorizadas pelo Banco Central (BC) a iniciar transações sem deter recursos das contas envolvidas. Elas facilitam a comunicação entre instituições financeiras e possibilitam aos usuários realizar pagamentos e transferências sem acessar diretamente o aplicativo da instituição financeira.

Consentimento

Outro gargalo está na adesão das empresas ao compartilhamento de dados. Segundo a Associação *Open Finance* Brasil (AOF), entidade privada que reúne os tipos de empresas do setor e participa das discussões com o BC, houve, em 2024, 40,8 milhões de consentimentos de pessoas físicas como receptores e 37,6 milhões como transmissores de dados. Cada indi-

víduo pode fazer mais de um consentimento.

Entre as pessoas jurídicas, o número é bem menor: 403,2 mil consentimentos de empresas como receptoras de dados e 406,7 mil como transmissoras. Segundo o diretor-presidente da Init, Jonas Giovino, os entraves para a adesão das empresas ao *open finance* são burocráticos e tecnológicos.

“Há empresas com mais de 200 contas bancárias e com duas ou três maquininhas em cada filial. Os pagamentos precisam vir identificados pelo *open finance* da mesma forma

que no *internet banking* [site do banco] para serem lançados na contabilidade. Também existe uma discussão sobre qual dia devem ser lançadas no extrato as transações em fins de semana e se o consentimento deve ser dado por funcionários ou por sócios da empresa”, explica Giovino.

Apesar dos obstáculos, Gustavo Lino destaca as vantagens da adesão das empresas ao *open finance*. “Para a pequena e a média empresa, esse sistema vem em boa hora. Porque elas ganham poder de barganha para crédito com bancos

e diminuem as dificuldades de oferecer garantias. No futuro, a maior parte do volume financeiro do *open finance* virá de pessoas jurídicas, que movimentam mais recursos que as pessoas físicas”, avalia.

Novidades

Em fevereiro de 2026, o Banco Central pretende dar um passo além e lançar a portabilidade de crédito por meio do *open finance*, com o correntista usando o compartilhamento de dados para poder transferir operações de crédito entre bancos.



Pix por aproximação envolve troca de informações entre comércio e instituições financeiras

NA PARAÍBA

Inovação impulsiona competitividade

Investimentos do Governo do Estado em pesquisa e tecnologia impulsionam desempenho em ranking nacional

A Paraíba provou, em números, que os investimentos em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) são essenciais para o crescimento e desenvolvimento de um estado, conquistando a colocação de estado mais competitivo do Nordeste pelo segundo ano consecutivo, graças ao pilar inovação, de acordo com o Ranking de Competitividade dos Estados, divulgado pelo Centro de Liderança Pública (CLP).

O estado se consolidou como um dos cinco do Brasil e o 1º do Nordeste com a melhor média na inovação, avaliado pelo *ranking*. Esse resultado foi o responsável por subir a média geral do Estado e levá-lo ao primeiro lugar do Nordeste e ao 11º do Brasil em competitividade.

“Estamos criando condições adequadas para o desenvolvimento da pesquisa, tecnologia e inovação, além de fomentar nossos estudantes e professores por meio de bolsas de estudo. Essa conquista extraordinária nos mantém no primeiro lugar no Nordeste na inovação regional, além de garantir ao 11º posição nacional”, avaliou o governador da Paraíba João Azevêdo.

Entre os anos de 2019 e 2025, o Governo da Paraíba investiu mais de R\$ 700 milhões em Ciência, Tecnologia e inovação. “Esses recursos criam um ambiente propício para o desenvolvimento da Inovação. Receber esse reconhecimento, sendo o único estado do Brasil fora do eixo Sul e Sudeste com crescimento significativo em inovação, mostra que estamos no ca-

minho certo”, comentou o governador.

A Paraíba também se destacou no indicativo Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), com o 1º lugar no Nordeste e a vice-liderança no Brasil. A pesquisa científica do Estado também foi destaque no levantamento, com uma média de 67,4, atingindo a 6ª posição no *ranking* do Brasil e a 3ª no Nordeste.

Esses indicativos fazem parte do pilar inovação, o res-

ponsável por levar a Paraíba a 11ª posição geral no *ranking* e à 1ª posição regional, com uma média de 69,3. Neste sentido, a Paraíba subiu cinco posições em nível nacional e duas em nível regional, em comparação com o ano anterior.

De acordo com o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, a pasta tem trabalhado de maneira assertiva no que diz respeito a priorizar a pesquisa na

Conquista

A Paraíba subiu cinco posições em nível nacional e duas em nível regional, em comparação com o ano anterior

Paraíba. “São diversas *startups* incubadas no Parque Tecnológico Horizontes de Inovação; investimento em pesquisa, através de bolsas de mestrado e doutorado, mobilidade urbana para preparação de estudantes e professores, além de investimentos em Ciência e Tecnologia por meio do Complexo Científico do Sertão. A tendência é que esse número cresça ainda mais e a Paraíba se torne referência

em inovação no país”, comentou o secretário.

Além dos investimentos públicos realizados em P&D (Pesquisa e Desenvolvimento) e pesquisa científica, o *ranking* avaliou parâmetros essenciais para chegar ao resultado do pilar de inovação, a exemplo de patentes; bolsa de mestrado e doutorado; estrutura de apoio à inovação, informação e comunicação; e empresas de alto crescimento.

Internacionalização das ações levou a esse resultado

A Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior consolida políticas de CT&I na Paraíba, a exemplo de programas de internacionalização, como o Paraíba Sem Fronteiras, que reúne mobilidade acadêmica, por meio de parcerias com

países como China, Alemanha, Itália, França e Reino Unido, além de ações de incentivo à exportação.

A inovação também se reflete no apoio ao empreendedorismo tecnológico. Em João Pessoa, as instalações do Parque Tecnológico Hori-

zontes de Inovação estão em fase final de construção. Enquanto isso, 36 *startups* participaram de programas de incubação presenciais e virtuais. Além disso, 50 projetos de empreendedorismo originados em favelas receberam apoio financeiro e men-

torias por meio do projeto Empreendedorismo e Inovação nas Favelas.

Para além disso, a Paraíba se destaca com a construção do Radiotelescópio Bingo, que faz parte do Complexo Científico do Sertão. O projeto também apor-

ta outros equipamentos, a exemplo da Cidade da Astronomia, que inclui museu, observatório e planetário em Carrapateira; pesquisas em paleontologia e arqueologia no Vale dos Dinossauros, em Sousa; e o museu em Cajazeiras.

Competitividade
O Ranking de Competitividade avalia as 27 unidades da federação com base em 100 indicadores, divididos em 10 pilares: infraestrutura, sustentabilidade social e ambiental, segurança pública, educação, solidez fiscal, eficiência da máquina pública, capital humano, potencial de mercado e inovação. O levantamento oferece uma visão comparativa entre os estados, permitindo identificar pontos fortes e fragilidades, além de servir como ferramenta de monitoramento de Políticas Públicas e de atração de novos investimentos para o setor privado.

■ O Paraíba Sem Fronteiras reúne mobilidade acadêmica por meio de países como China, Alemanha, Itália, França e Reino Unido,



Fotos: Divulgação/Secies

De 2019 a 2025, foram investidos mais de R\$ 700 milhões; Paraíba é o único estado, fora do eixo Sul-Sudeste, com crescimento significativo em inovação



As instalações do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação estão em fase final de construção; 36 startups participam do programa de incubações

PESQUISA

Caatinga retém até 7t de CO2 por ano

Apesar da aridez, ecossistema demonstra grande capacidade do que os cientistas chamam de captura de carbono

Emerson da Cunha
Emerson.auniao@gmail.com

“Caatinga”, do tupi-guarani, significa “mata branca”, visual especialmente vinculado ao período de seca, no qual o bioma perde suas folhas. Por muito tempo, essa visão de terra árida a colocou em uma espécie de limbo de importância ente outras vegetações, especialmente as úmidas, como a Mata Atlântica e a Floresta Amazônica. No entanto, pelo menos nos últimos 20 anos, essa perspectiva vem mudando. Por um lado, cada vez mais pesquisadores nordestinos vêm se debruçando sobre a ecologia de sua região de nascimento, com descobertas sobre seu funcionamento. Por outro, em vistas do efeito estufa e das consequentes mudanças climáticas, a Caatinga vem demonstrando uma potencial capacidade para o que se chama de “captura de carbono”, ou seja, o quanto de CO₂ consegue armazenar e sintetizar da atmosfera.

“A eficiência em captura de carbono significa a adoção de práticas sustentáveis que visam desenvolver atividades produtivas com uma quantidade cada vez menor de carbono”, explica o geógrafo Saulo Vital, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e coordenador do Núcleo de Estudos em Urgências e Desastres. “Sobretudo no período úmido, a Caatinga é muito eficiente na fotossíntese, tornando-se um dos biomas mais eficientes no chamado sequestro do carbono. Até mais do que a Amazônia. Foi uma pesquisa realizada pelo Observatório Nacional da Dinâmica da Água e do Carbono no Bioma Caatinga (OndaCBC), em parceria com várias universidades nordestinas, inclusive a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)”. Isso porque é no período de chuvas que ela fica mais “verde”, com mais vegetação, o que aumenta o fluxo da fotossíntese e, com ela, a captura de carbono da atmosfera. É sobre esse tema também que vem se debruçando o pesquisador do Instituto Nacional do Semiárido (INSA), professor do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação (PP-Gec) e um dos coordenado-

res do Observatório da Caatinga e Desertificação (OCA), Aldrin Pérez, além de correspondente científico do Brasil na Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca. “A Caatinga é uma floresta seca, que aprendeu a ser eficiente. Mesmo em anos de estiagem prolongada, sua vegetação mantém poder de capturar carbono”, explica o pesquisador.

De acordo com estudos realizados pelo OndaCBC, mesmo em anos de seca extrema, o ecossistema mantém a capacidade de sacar carbono da atmosfera. “Em áreas de Caatinga hipoxerófila, mais úmida, os valores podem alcançar até sete toneladas de CO₂ por hectare por ano, ou seja, que ela retira da atmosfera, em folhas, em galhos. Na região hiperxerófila, ou seja, mais seca, essa taxa

varia entre 1,5 tonelada a três toneladas por hectare anual. Isso demonstra que mesmo com limitações ambientais, especialmente de água, a vegetação da Caatinga apresenta notada eficiência no sequestro de carbono”, coloca. O pesquisador e professor do Departamento de Ciências Atmosféricas e Climáticas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e pesquisador do

OndaCBC, Bergson Bezerra, lembra que a eficiência de carbono se dá a partir da razão entre o saldo líquido do carbono retido pela atmosfera (pela respiração das plantas) dividido pelo saldo total de carbono absorvido via fotossíntese. No caso da Caatinga, o valor chega a 0,35 e 0,40. “Está hoje entre os cinco ecossistemas mais eficientes do mundo. Quando você diz que a eficiência é de 0,40,

quer dizer o correspondente a 40% da absorção bruta foi de fato fixado na superfície” explica Bergson. “As regiões semiáridas têm produtividade primária baixa, fotossíntese mais baixa, vegetação mais rala. Em compensação, a perda de carbono ao oceano é baixa e nossos solos são praticamente minerais, sem decomposição de matéria orgânica praticamente”, coloca.



Estudos de observatório nacional mostram que mesmo em anos de seca extrema, o ecossistema mantém a capacidade de tirar carbono da atmosfera

Fotos: Antonio David/Arquivo A União

Bioma demonstra ser um bom repositório

Além do recolher CO₂ pela fotossíntese, a Caatinga também demonstra ser efetivo repositório de carbono, onde rochas, vegetação e solo concentram gás carbônico. Segundo Aldrin, em áreas conservadas, há cerca de 185 toneladas de CO₂ estocadas no bioma, 71% no solo e 30% na vegetação. “Não é apenas um sumidouro ativo, mas também reservatório de carbono a longo prazo. Esse carbono no solo, se não é antropizado, é estável. Mas se é antropizado, é altamente sensível, porque na hora que corto a vegetação e transforma em pasto ou em área de agricultura, eu libero aproximadamente 50% desse carbono e acentuo a mudança climática”. Os processos antrópicos são as ações humanas de modificação do bioma, que podem

“desnudar” o solo, provocar ações erosivas, retirar para a atmosfera ainda mais CO₂ e levar áreas a verdadeiros processos de desertificação. A emissão desse CO₂ intensifica o efeito estufa, uma vez que esses gases são misturados em agregar calor, o que implica em um aumento da temperatura do planeta e um consequente efeito de mais tornar esses biomas ainda mais áridos e secos. O período de 1850 a 2020, segundo um último estudo do Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC), foi considerado o período mais quente dos últimos dois mil anos, após o planeta ter visto sua temperatura subir quase 1 °C. “Isso causou fenômenos globais, enchentes, seca, furacão, basicamente essas alterações no clima estão associadas à ação huma-

na, porque existe uma relação direta entre quanto mais CO₂ lançado na atmosfera, maior aumento da temperatura”, coloca Pérez. Como exemplo, ele diz que, a cada mil gigatoneladas emitidas, a temperatura pode aumentar 0,5 °C. A tendência é uma mudança que afeta o planeta todo e que pode tornar até 7% dele mais seco.

Ativos

A Caatinga tem hoje quase 12 bilhões de toneladas de carbono estocadas e quase três bilhões por ano são por ela retiradas da atmosfera. Esse valor não é apenas um dado biológico, e pode tornar-se um ativo financeiro para o próprio país. Isso porque eles podem ser transformados em créditos de carbono, uma espécie de “vale-carbono” que empresas, indústrias e mesmo outros países podem comprar para compensar a liberação de carbono na atmosfera. Nesse caso, apenas em áreas de conservação, as quantidades estocadas de carbono se transformariam em cerca de 48 bilhões de reais, com tendência a retirar da atmosfera nove bilhões a cada ano. Nas áreas de territórios indígenas e quilombolas, seriam três bilhões de reais em carbono estocado e 600 milhões anualmente, segundo aponta Aldrin.

Portanto, trata-se de uma questão climática envolvida, em que a Caatinga é vis-

ta como setor ativo dentro em nova dinâmica de relações comerciais de carbono, que começam a se regular no mundo. O pesquisador reclama que, embora haja muito boas iniciativas, especialmente envolvidas em práticas sustentáveis de pequenos produtores de convivência com a Caatinga, falta ainda uma regulação do próprio Estado, capaz de regulamentar as diretrizes desse comércio. Essa iniciativa de regulação pode, inclusive, levar a situações em que os povos que mais preservam seus territórios e as emissões de carbono no bioma da Caatinga possam receber recursos e fazer com que a preservação seja uma fonte de renda. “Os lugares mais conservados, hoje, são as áreas indígenas e quilombolas e pequenas propriedades, camponeses, famílias. É uma questão de justiça climática traduzida em dignidade e renda para os povos historicamente invisibilizados”, defende Pérez.

Reduzir para preservar

Há também iniciativas que visam que próprios produtores diminuam a emissão de gases de efeito estufa, no caso, o metano (CH₄), proveniente principalmente dos arrotoes de ruminantes (gado, ovelhas etc.) e de formas de decomposição de resíduos animais. Nesse caso, os pequenos produtores, a partir de ações como recu-

peração de pastagem, manejo adequado do esterco, uso de biodigestores ou integração lavoura-pecuária, podem ter a diminuição de emissão de metano convertida em créditos de carbono, que podem ser vendidos para terceiros.

“Esses créditos podem ser negociados em mercados voluntários ou regulados, gerando receita adicional para os empreendimentos. Na prática, o agricultor continua produzindo leite, carne ou outros produtos, mas ao mesmo tempo passa a gerar um ativo ambiental que pode ser vendido. É uma forma de unir sustentabilidade e renda, fortalecendo a permanência da agricultura familiar no Semiárido”, coloca o extensionista rural da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer) e membro do projeto PB Rural Sustentável, promovido em parceria com o projeto Cooperar, Igor Melo.

“O objetivo desse trabalho piloto é justamente criar uma linha de base confiável, para que, a partir de agora, o monitoramento das emissões de metano possa ser feito periodicamente, vinculando os investimentos a metas de sustentabilidade. O método considera variáveis como alimentação e manejo animal, digestibilidade e uso de insumos”, explica.



Em áreas conservadas, há cerca de 185 toneladas de CO₂ estocadas no bioma

TRADIÇÃO NA CAPITAL

Auto Esporte chega aos 89 anos



Ex-presidente Manoel Demócrito diz que o clube passa por momentos difíceis e vive apenas das glórias do passado

Daurley Pascoal
daurleyp.e@gmail.com

Quinto maior vencedor do Campeonato Paraibano de Futebol, o Auto Esporte Clube faz, hoje, 89 anos de vida. Ao longo de sua história, a agremiação conquistou seis títulos (1939, 1956, 1958, 1987, 1990 e 1992).

“Tradicionalmente, o dia 7 de setembro, no Auto Esporte, em qualquer circunstância em que ele se encontrasse, era um dia para ser comemorado. Dias difíceis sempre existiram. Eu diria que o Auto Esporte é sinônimo de dificuldades. A tradição do clube era de seus gestores administrarem com grandes dificuldades. Mas, mesmo com qualquer dificuldade que houvesse naquele momento, fazia-se das tripas coração para alcançar grandes feitos e comemorar a data de sua criação”, lembra Manoel Demócrito, que foi presidente do time automobilista em 2013 e 2014.

A equipe teve sua fundação oriunda do interesse de um grupo de taxistas pessoenses que se concentravam na Praça do Relógio (hoje, conhecida como Ponto de Cem Réis), no Centro da capital. Atualmente, o Alvirrubro manda seus jogos no Estádio Almeidão, mas, por algum tempo, atuou no Mangabeirão, em Mangabeira, onde sua sede social fica localizada.

Primeiro título estadual

Com apenas três anos de existência, o Auto Esporte levantou sua pri-

meira taça do Campeonato Paraibano. A conquista de 1939 foi especial por alguns motivos: além de ser o seu troféu número um do principal torneio local, que naquela época era organizado pela LDP (Liga Desportiva Paraibana), o título veio de forma invicta, tendo no caminho tradicionais potências, como Botafogo e Treze.

Último título estadual

A primeira e a última conquista de um torneio relevante são sempre as que mais marcam. Se o

torcedor do Macaco Autino escuta com admiração as histórias do ano de 1939, quando a agremiação começou a preencher sua sala de troféus; ler ou escutar sobre o último grande time montado para ser campeão estadual deixa o coração apertado de saudades. O sexto e último título paraibano veio no longínquo ano de 1992. Naquela temporada, o Auto Esporte derrotou o Treze na grande final.

Além de grandes títulos, o Clube do Povo registrou alguns feitos que

marcam até hoje a história do futebol da Paraíba. O Auto Esporte está marcado como o primeiro time do estado a disputar uma competição nacional, a ex-tinta Taça Brasil, em 1959. Também entrou para história como o primeiro clube local a vencer um jogo de Copa do Brasil, feito realizado em 1993, quando derrotou o Paysandu por 2 a 1.

Atual momento

Em 2025, o Auto Esporte vive das glórias do passado. O torcedor sonha com o dia em que os seus dirigentes recolorem o clube no seu devido lugar. Desde a virada do século, as campanhas no Campeonato Paraibano não empolgam, já que o time sempre esteve brigando na parte de baixo da tabela, sendo exceção o ano de 2014, quando chegou à semifinal. Desde 2018, o Macaco Autino alterna sua presença entre a Segunda e a Primeira Divisão. No ano passado, a equipe foi campeã da divisão de acesso, mas neste ano foi rebaixada novamente.

“O Auto Esporte é um clube que tem 89 anos de existência, já foi campeão paraibano várias vezes e já lançou para o mercado futebolístico grandes atletas. Lamentavelmente, nos últimos anos, não tem muito o que comemorar. É um clube que tem sua grandeza reconhecida até pelos próprios adversários. Espero que surja uma situação que traga de volta aquele Auto Esporte Clube”, destacou Manoel Demócrito, que foi o único en-

tre os ex e atuais dirigentes do Macaco Autino que quis falar com o jornal **A União**.

Semifinalista

Chegar à semifinal do Campeonato Paraibano de 2014 foi o maior momento do Auto Esporte neste século. “Naquela campanha, o clube quase avançou para a final e quase garantiu uma vaga na Série D. No entanto, foi eliminado pelo Campinense, que seria o vice-campeão, perdendo para o Botafogo. Naquele ano, nós formamos um time bem interessante, comandado, na época, por um treinador que estava surgindo no mercado, chamado Jazon Vieira. Fomos jogar a primeira partida em Campina Grande, que perdemos por 2 a 0 — dentro do mundo do futebol, um placar perfeitamente reversível. No Almeidão, já no segundo jogo, aos 15 minutos, o Campinense abriu o placar. A partir dali, o Auto Esporte precisaria fazer três gols. Com um time bem estruturado, nós fizemos 2 a 1”, conta Manoel Demócrito.

“Aos 43 minutos do segundo tempo, o nosso lateral-direito, Gustavo, que foi, inclusive, eleito o melhor lateral-direito do campeonato que tinha como ponto forte as finalizações de fora da área, chutou uma bola que acertou a trave, bateu nas costas do goleiro e não entrou. Os deuses do futebol não quiseram que o Auto Esporte avançasse naquele momento”, completou o ex-dirigente automobilista.

Foto: Evandro Pereira



Manoel Demócrito esteve no comando do Auto Esporte Clube nos anos de 2013 e 2014

2014

Registra-se o último melhor momento do clube, que chegou às semifinais do Campeonato Paraibano e depois passou a conviver com quedas para a Segunda Divisão

SELEÇÃO FEMININA

Arthur faz balanço e projeta futuro

Técnico detalha a preparação da equipe na conquista da Copa América e as ações para ganhar a Copa 2026

Há um mês a Seleção Brasileira feminina ergueu a taça da Copa América depois de uma campanha invicta que reafirmou a força e o crescimento do futebol feminino no país. Para marcar essa data, a CBF TV recebe o técnico Arthur Elias para um balanço deste momento histórico e um olhar estratégico sobre o futuro.

Na entrevista, Arthur detalha como foi a preparação da equipe, os maiores desafios superados ao longo do torneio, e elege o momento que considera mais marcante daquela campanha histórica. Também revela como será o planejamento para o próximo ano — com foco na construção de um elenco mais sólido e competitivo — e detalha as ações pensadas para que o Brasil conquiste a primeira Copa do Mundo Fifa feminina em solo brasileiro.



Fotos: Livia Villas Boas/CBF

Em entrevista concedida à CBF TV, o técnico Arthur Elias, da Seleção Brasileira feminina, conta, em detalhes, os maiores desafios enfrentados na Copa América

A entrevista

■ São muitos motivos para comemorar. A data 2 de agosto de 2025 pode ser considerada um marco não só para a evolução do futebol sul-americano, mas também para a consolidação de um trabalho feito com muita entrega e comprometimento. Conte um pouco sobre a preparação para a Copa América, que teve início na Granja Comary.

Bom, o trabalho, na verdade, começou antes disso. Começamos todo o planejamento para a competição. Claro que a convocação foi o início da preparação com as atletas na Granja. Acho que esse período foi muito importante para nós — uma decisão técnica de não irmos a Quito muito antes do início da competição, por questão de adaptação à altitude. Poderíamos ter optado por isso, mas escolhemos a Granja porque é nossa casa, nosso centro de treinamento, um lugar de muita paz, com toda a estrutura necessária. Também aproveitamos algumas atletas que ficariam de fora da Copa América para conhecê-las melhor e integrá-las ao nosso trabalho. Além disso, essa semana foi muito bem aproveitada para alinhar o pensamento do grupo frente aos desafios que enfrentamos.

■ Aproveitando que você falou de desafios, vale destacar o trabalho do Núcleo de Saúde e Performance, que realizou um trabalho muito importante.

Sempre é um trabalho fundamental, na preparação e durante a competição. Quando soubemos que a sede seria Quito, com sua altitude, tivemos que fazer preparações específicas, como a suplementação de ferro. Também utilizamos o Respirom, um aparelho que aumenta a capacidade pulmonar. Enfim, várias ações relacionadas à fisiologia, nutrição, psicologia, medicina e preparação física nos ajudam a tomar melhores decisões. Hoje, o Núcleo de Saúde e Performance trabalha muito próximo à Comissão Técnica. Considero tudo uma coisa só, porque temos reuniões semanais com todos os profissionais envolvidos. Aqui na CBF, no dia a dia, há muitos especialistas da parte técnica, mas o importante é sempre manter um pensamento integrado. Para que a atleta atinja sua melhor performance, ela precisa do apoio de todos.

■ Quais foram os maiores desafios na estreia contra a Venezuela?

A preparação em Quito foi bastante curta. Nosso

foco foi minimizar os efeitos da altitude, mas sabíamos que ela poderia impactar. Já havíamos estudado a equipe da Venezuela, que cresceu muito nos últimos anos, com jogadoras atuando em ligas fortes na Europa e nos Estados Unidos. Conhecíamos as jogadoras, o treinador — que também é brasileiro — e fizemos uma boa preparação. Durante o jogo, tivemos que identificar algumas estratégias que a Venezuela trouxe, diferentes do que vinha apresentando em outras partidas. Em uma competição, quando você tem um favorito, é normal que os adversários mudem suas estratégias para jogar contra você. Na Copa América, essa mudança é ainda mais evidente, embora, exceto pela Colômbia, muitas equipes mantenham um padrão. Nosso primeiro jogo teve essas dificuldades de adaptação, seja à altitude ou às mudanças na estratégia do adversário. Foi uma vitória justa, sem levar gols, e um passo importante na fase inicial da competição.

■ Mesmo com um curto período de treinamento, as atletas nas coletivas mostraram muita determinação em assimilar o

modelo de jogo, a intensidade, a mentalidade vencedora. Como você consegue manter essa uniformidade no grupo com tão pouco tempo de preparação?

Acho que tudo passa por uma clareza sobre o que vamos fazer a cada convocação, por uma compreensão de como trabalhamos na Seleção Brasileira como um todo. Construímos uma identidade muito forte, que hoje já é clara para todos. Não precisamos ficar repetindo nossos valores o tempo inteiro; eles estão presentes no dia a dia da equipe. Também não precisamos revisar constantemente conceitos básicos do nosso estilo de jogo. Na convocação, reforçamos esses pontos, mas, principalmente, ajustamos nossos planos de jogo de acordo com cada adversário. Nosso método de trabalho inclui todas as jogadoras — seja nos treinamentos, com atenção, informações, participação, ou nos jogos, com oportunidades de serem titulares, de entrar durante a partida, podendo mudar o resultado. Tudo isso pensando sempre no coletivo, na Seleção.

■ Nos momentos finais da decisão você parecia muito sério e concentrado. O que passa pela

cabeça de um treinador quando parece que tudo está decidido, e na verdade não está? No futebol, a gente sabe que nunca está.

Para mim, é algo natural. O que passa na cabeça é o foco, aquilo que preciso fazer, a leitura do jogo, as tomadas de decisão e as interferências necessárias. Como treinador, posso agir mais nas substituições, especialmente no intervalo, momentos em que o jogo pausa e podemos conversar com mais calma com as atletas. Ainda que o tempo seja curto, gosto de estar junto, jogando e transmitindo energia dentro de campo, sempre buscando a melhor forma de comunicar à equipe.

Naquele momento, o que importava não era mais uma questão tática, pois já estávamos bem posicionados no final do jogo. Apesar de a Colômbia ter marcado um gol por volta do 87º minuto, restavam cerca de oito ou dez minutos para conquistarmos o resultado. Meu papel era manter as atletas confiantes, incentivando-as a acreditar que podíamos ainda fazer o gol. Nosso ambiente de equipe já tem essa mentalidade, e elas confiam nisso. Sabem que sempre podem virar o jogo, marcar um gol decisivo no final. Por isso, minha função foi reforçar essa crença e motivá-las a tentar, tentar mais uma, duas, três vezes, até o final.

A minha tranquilidade vinha também do crescimento que tivemos durante o jogo — começamos mal, mas melhoramos significativamente no segundo tempo. Além disso, histórias grandiosas do futebol, como o gol da Marta, reforçam que momentos como esses vão ficando na memória, independentemente do desfecho.

■ Houve muitos momentos marcantes até a conquista da taça. Qual foi o momento mais inesquecível nesta Copa América para você, Arthur?

Acho que foi aquele gol. Para todos, foi algo incrível,

quase no último lance, um golaço, com a maior jogadora de todos os tempos entrando no final da partida. É incrível o que temos de oportunidade de viver na Seleção Brasileira. Desde as atletas até eu, como treinador, cada membro da comissão técnica precisa olhar para o que estamos vivendo como uma motivação cada vez maior para fazer a história acontecer. E a Marta sempre fez a história acontecer, para ela e para o futebol brasileiro. É uma história que ainda não sabemos até onde vai. Com certeza, a última Copa América dela, pelo que ela já falou — e imagino que seja assim —, foi especial, e ela fez um gol decisivo, como aconteceu depois de ter sido a melhor jogadora da semifinal e de ter sido eleita. Ela jogou muito bem.

■ Agora, falando de futuro, quais os desafios para uma Seleção forte na primeira Copa do Mundo Fifa, realizada no Brasil?

O maior desafio será justamente chegar lá e conquistar a vitória. Precisamos vencer todos os adversários e fazer uma campanha consistente rumo ao sonho de sermos campeãs. Ainda mais considerando a alta competitividade do futebol feminino atualmente, com pelo menos 10 a 12 equipes com potencial de conquistar uma Copa. Como nas Olimpíadas, vejo que várias seleções estão niveladas, e é necessário um ciclo de preparação muito bem planejado para enfrentar essas dificuldades. Nosso objetivo é treinar e nos preparar bem durante toda a temporada, além de estar prontos para lidar com as circunstâncias que surgirem na competição, que só serão claras lá. Tenho confiança de que estamos no caminho certo, motivados e com uma equipe forte ao meu lado para incentivar as jogadoras, organizar o time e buscar acertos em cada jogo. Contamos também com o apoio da torcida brasileira, que será fundamental por jogar em casa.



Jogadoras da Seleção Brasileira comemorando o gol em um dos jogos da Copa América, que aconteceu no Equador

KAIO JORGE

Atacante supera lesões para brilhar

Artilheiro do Brasileirão, jogador fala de sua vida complicada no futebol antes de chegar à Seleção Brasileira

“Sempre me lembro daquela frase, que diz que o brasileiro não desiste nunca”.

Kaio Jorge carrega consigo esse lema. Aos 23 anos, a estrela do Cruzeiro teve que lidar com dores e lições duras em uma trajetória que, nesta semana, atinge o seu ponto mais alto até aqui.

Pela primeira vez, o atacante foi convocado para defender a Seleção principal e estreou contra o Chile, na vitória de 3 a 0. Artilheiro do Brasileirão, com 15 gols em 21 partidas, esteve no grupo de Carlo Ancelotti, mas acabou sendo cortado devido a uma lesão muscular, ficando de fora do jogo contra a Bolívia — no seu lugar foi chamado Andreas Pereira, do Palmeiras — pela última rodada das Eliminatórias para a Copa do Mundo, na próxima terça-feira (9), na cidade de El Alto.

“Eu já tinha ficado muito feliz pela pré-lista”, contou Kaio à Fifa em entrevista antes do jogo contra o Chile. “No dia da convocação, estava com uma expectativa grande, por tudo que venho fazendo. Quando ele [Ancelotti] foi para os últimos homens do ataque, quando ele falou... Foi uma explosão de sentimentos. Não sabia nem como comemorar direito. Passou um filme na minha cabeça, por tudo que fiz desde pequeno”.

O filme do qual Kaio Jorge fala começou em Pernambuco, no Nordeste do Brasil. De lá, foi para Santos, onde surgiu para o futebol como uma das principais promessas do planeta. Chegou a conquistar a Copa do Mundo da Fifa Sub-17, em 2019, até se transferir para a Juventus, da Itália.

As dores

Em Turim, porém, uma lesão interrompeu ascensão. Durante uma partida com o time Sub-23 da Juve, em 2022, o atacante sofreu uma ruptura do tendão patelar do joelho direito. “Tive que amadurecer muito cedo, eu fui para Europa muito jovem. A lesão me fez crescer muito como homem e me fortaleceu muito mentalmente”, lembrou.

“Durante o processo da lesão, o mais difícil foi ver meus companheiros todos os dias ali, no treinamento, sem poder estar correndo, viajando com eles. Foi muito frustrante”.

“Daria um livro”, contou o fisioterapeuta e *personal trainer* de Kaio Jorge no período, Amil Henrique Lopes. “Ele é um cara extremamente dedicado, que trabalha 24 horas por dia, realmente diferente. Se não fosse por isso, teríamos ainda mais dificuldades. Ele foi muito profissional”.

Recuperado da lesão, Kaio teve um período curto no Frosinone, também da Itália, antes de se transferir, definitivamente, para o Cruzeiro.

As lições

A lesão praticamente encerrou a passagem de Kaio Jorge pela Juventus, mas ele não deixou Turim sem guar-

dar algumas lições valiosas para sua vida.

Uma das principais foi ensinada pelo técnico Massimiliano Allegri, que, se não o deu tantos minutos na Juventus, ao menos preparou o atacante para o futuro. “Ele falou que eu era um atacante muito rápido. Que se ficasse buscando muito a bola atrás, no meio, chegaria sem perna lá na frente e não conseguiria fazer os gols”.

O ensinamento de Allegri foi bem mais direto, mas a influência que o res-

tante do grupo teve sobre Kaio Jorge também marcou muito o atacante brasileiro. Na Juve, ele atuou ao lado de diferentes estrelas do futebol mundial. Entre elas, um certo Cristiano Ronaldo.

“Eu sabia que ele era muito focado, mas quando você trabalha no dia a dia, você vê que é ainda além”, recordou-se. “Ele é muito determinado, concentrado. Nos treinamentos, o meu foco aumentou muito. Hoje em dia, eu treino como se

fosse uma situação de jogo. Quando perco um gol no treino, me cobro. Essas coisas fazem a diferença”.

Já de volta ao Brasil, outro treinador europeu ajudou o atacante a se transformar em campo: o português Leonardo Jardim, contratado pelo Cruzeiro, em 2025.

“Sou muito grato ao professor. Quando ele chegou, eu ainda estava descobrindo realmente minhas características. Assim que comecei a treinar com ele, ele viu potencial em mim na velo-

cidade, perto da área, para fazer os movimentos de facão”, explicou Kaio.

“Ele tem uma grande parcela nessa convocação, a maneira que ele joga também me ajuda bastante. Gosto do estilo de jogo dele”.

As responsabilidades

Pouco depois de ser contratado pelo Cruzeiro, no meio de 2024, Kaio Jorge recebeu uma das melhores notícias de sua vida: o nascimento de sua filha, Athena, que também mudou sua maneira de enxergar a carreira. “Querendo ou não, você tem que amadurecer um pouco mais ainda, né?”, refletiu.

“Não só em relação ao futebol, mas na vida também. Você tem uma pessoa para cuidar, observar. Tem que estar mais concentrado também, porque se você der um vacilo, ela bota a mão na tomada, come alguma coisa [risos]”.

“É algo que me dá muita

alegria. Quando estou com ela, eu me mantenho tranquilo, calmo.” Perto da responsabilidade da paternidade, a de carregar o ataque do Cruzeiro parece até fácil. Tanto que Kaio Jorge tem tirado de letra essa missão. Em 2025, já são 18 gols em 31 jogos (entre todas as competições) para o artilheiro do Brasileirão.

Agora, Kaio chegou a conhecer uma responsabilidade ainda maior dentro de campo. Com experiência na base da Seleção, o atacante começou a viver o momento mais esperado por todos os que um dia sonharam em jogar futebol.

“Estou representando milhares de sonhos de jovens e até adultos que não conseguiram ser jogadores de futebol. Até os que já pararam de jogar. Quando você chega na Seleção Brasileira todo mundo quer te assistir, te observar, e eu já estive do outro lado, do torcedor”, refletiu.

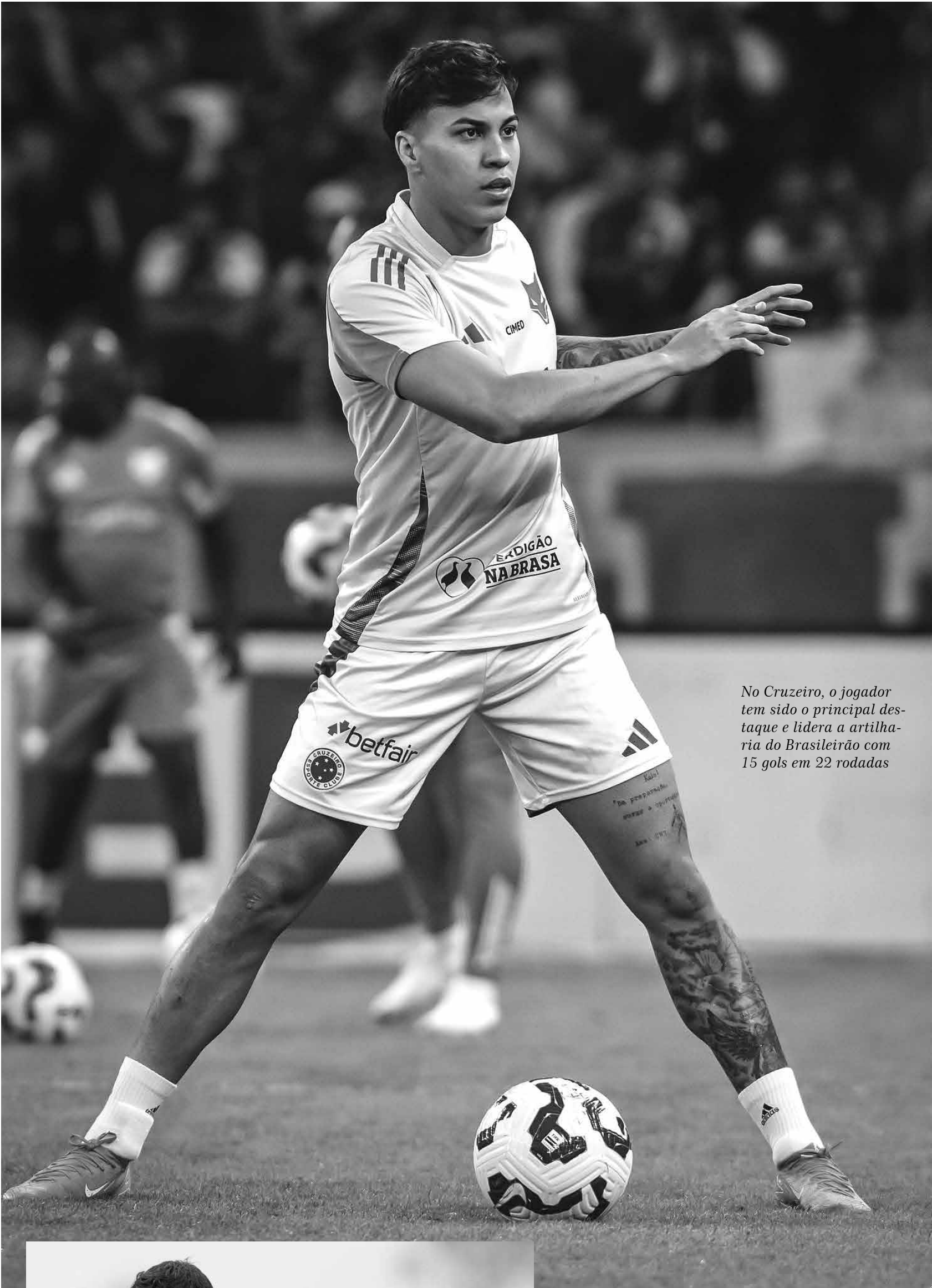


Foto: Gustavo Aleixo/Cruzeiro

No Cruzeiro, o jogador tem sido o principal destaque e lidera a artilharia do Brasileirão com 15 gols em 22 rodadas



Foto: Rafael Ribeiro/CBF

Kaio Jorge participou do jogo contra o Chile, mas acabou se machucando



Bolívia e Venezuela brigam por vaga

América do Sul já tem seis seleções classificadas e mais uma pode manter vivo o sonho de disputar a Copa 2026

Da Redação

A América do Sul conheceu as seis seleções do continente que estarão na fase de grupos da Copa do Mundo de 2026. Argentina, Brasil e Equador já haviam garantido um lugar no principal torneio do futebol, na última Data Fifa. Na quinta-feira (4), Uruguai e Colômbia e Paraguai confirmaram suas presenças na competição que acontece nos EUA, México e Canadá, de 11 junho a 19 de julho de 2026.

A Conmebol ainda pode ter mais um representante no Mundial. Após o encerramento da 17ª rodada das Eliminatórias, Venezuela (7º) e Bolívia (8º) viram suas chan-

ces de classificação direta acabarem. No entanto, na última rodada, essas duas seleções vão disputar a vaga sul-americana na repescagem mundial, que acontece em março de 2026. Os venezuelanos, com 18 pontos, enfrentam a Colômbia, e os bolivianos, com 17 pontos, jogam contra o Brasil.

Quem terminar na sétima colocação mantém vivo o sonho de atuar na Copa do Mundo. Ao todo seis equipes (duas da América do Norte, uma da África, uma da Ásia, uma da América do Sul e uma da Oceania) estarão envolvidas na repescagem. Os confrontos serão disputados em um dos países sedes da Copa do Mundo, o que servi-

rá como um evento teste para a competição.

Bolívia e Brasil

A Seleção Brasileira terá um grande desafio na última rodada das Eliminatórias. Na terça-feira (9), o plantel de Carlo Ancelotti enfrenta a Bolívia no Municipal de El Alto, cidade próxima a La Paz. Na história, o Brasil leva vantagem sobre a rival. Em 33 partidas entre as equipes, o time verde-amarelo soma 24 vitórias, quatro empates e cinco derrotas. No confronto de abertura da competição que classifica ao Mundial, ainda em 2023, os pentacampeões golearam por 5 a 1, no Mangueirão, em Belém do Pará.

O principal problema do Brasil, em que pese a fragilidade da Bolívia, será 4.070 m de altitude da cidade onde a prática esportiva fica localizada. Também conhecido como Municipal de Villa Ingenio, com capacidade para 25 mil torcedores, o estádio tem a segunda maior altitude do continente, ficando atrás apenas do Estádio Daniel Alcides Carrión, na cidade de Cerro de Pasco, no Peru, que fica a 4.378 m acima do nível do mar.

Logística

Diante do cenário de dificuldade, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tenta minimizar os problemas adotando uma programação específica. “A logística toda está

montada em cima disso. Nós vamos chegar três horas antes do início da partida, para que os atletas sofram o mínimo possível nessa altitude fora de qualquer padrão”, afirmou Rodrigo Caetano, coordenador executivo geral das seleções masculinas. E ele completou: “É uma situação totalmente adversa, diferente, que muitos definem como outro esporte. Vamos com a melhor equipe possível para tentar terminar bem as Eliminatórias. E vencer... o Brasil já venceu na altitude. Talvez não nesse nível de altitude porque nunca ninguém jogou lá (a mudança ocorreu no ano passado). Mas vamos tentar nos adaptar o mais rapidamente possível”, finalizou

O preparador de goleiros da Seleção, Taffarel, brinca com o tamanho do desafio. Mas também lembra que, mesmo noutra medida, a altitude também já foi superada no passado.

“Aquilo não é altitude, é quase jogar no céu (risos). A altitude é um fator que só não pode preocupar. Nas primeiras vezes, nós íamos e ficávamos preocupados porque o ar não vinha. Mas depois, já sabíamos que tínhamos que encarar normalmente. Nas últimas partidas lá o Brasil foi muito bem, corria mais que os bolivianos. Por isso o jogo foi para El Alto: para dificultar mais ainda. E todo mundo passa por isso. Agora vai ser a nossa vez”, ponderou.

FÓRMULA 1

Piastrri e Norris são os favoritos para vencer a 16ª etapa do Mundial

O domingo é de Fórmula 1 com a disputa da 16ª etapa da temporada, no circuito de Monza, na Itália, a partir das 10h (Horário de Brasília) com transmissão da TV Band. Novamente, as atenções estão voltadas para a briga na McLaren entre os pilotos Oscar Piastrri, o líder com 309 pontos contra Lando Norris com 275. Verstappen ocupa a terceira posição, mas com apenas 205 pontos. Já no Mundial de Construtores, a McLaren figura na primeira posição com 584 pontos, seguida pela Ferrari, com 260, e pela Mercedes, que fecha o top 3 com 248 pontos. A prova anterior, realizada na Holanda, em Zandvoort, terminou com vitória do australiano Oscar Piastrri, da McLaren. O holandês Max Verstappen, da Red Bull, ficou em segundo lugar, enquanto o francês Isack Hadjar, da Racing Bulls, estreou no pódio pela primeira vez, fechando o top 3. Ocarro de Lando Norris quebrou a poucas voltas do final

da corrida, gerando muita frustração ao inglês. O vencedor da corrida, no passado, foi o monegasco Charles Leclerc. O triunfo veio após uma estratégia de paradas diferentes da McLaren. Enquanto Leclerc parou uma vez, seus rivais pararam dois. Oscar Piastrri, que fez uma boa corrida, liderou boa parte da prova, teve que se conformar com a segunda colocação. Lando Norris, que errou na primeira volta, conseguiu se recuperar para o terceiro posto. O inglês ainda conseguiu o ponto extra da volta mais rápida. Max Verstappen acabou na sexta posição. O holandês fez duas paradas, sendo que a primeira com mais de seis segundos.

Mônaco

A Fórmula 1 prorrogou seu contrato com o Grande Prêmio de Mônaco por mais quatro anos, na última sexta-feira, mantendo uma das corridas mais emblemáticas do esporte no calendário até

2035. É a segunda renovação do contrato em menos de 12 meses para a corrida de Montecarlo, que havia assinado uma extensão de seis anos até 2031, em novembro do ano passado.

Mônaco foi palco da primeira corrida em 1929 e sediou a segunda prova oficial do Mundial de Fórmula 1 em suas ruas sinuosas em 1950. Faz parte do calendário da F1 desde 1955, à exceção da temporada 2020, em razão da pandemia de covid-19.

“A renovação do Grande Prêmio de Mônaco até 2035 está em consonância com uma tradição esportiva e histórica à qual o principado permanece profundamente ligado”, disse o chefe de estado de Mônaco, Príncipe Albert II. “Só posso saudar este compromisso renovado, que é uma prova do nosso sucesso coletivo, da excelência da nossa colaboração com a F1 e do lugar único que Mônaco ocupa.”



Lando Norris e Piastrri devem brigar pela vitória no Grande Prêmio da Itália

SETEMBRO AMARELO

Mês de prevenção ao suicídio e de valorização da vida

Ninguém precisa suportar tudo sozinho. BUSQUE AJUDA.

100 anos cantando de

Geraldo Varela
gvarellajp@gmail.com

Uma queima de fogos, no Estádio Presidente Vargas, a partir das 8h13, hoje, vai colorir o céu de Campina Grande e acordar muita gente, o foguetório marca o início das comemorações do Centenário do Treze Futebol Clube, um clube de grande tradição e que tem uma história altamente relevante no futebol da Paraíba e também no cenário nacional, afinal o clube é o terceiro maior campeão estadual e carrega consigo a melhor campanha de um time paraibano na Copa do Brasil, competição mais democrática do país. Tudo foi registrado no ano de 2005, quando chegou às quartas de final, sendo eliminado pelo Fluminense nas cobranças de pênaltis, depois de dois jogos emocionantes, o último no Amigão, ou ainda a excelente participação na Série B do Campeonato Brasileiro de 1986, no qual ficou entre os quatro melhores para decidir o título, juntamente com Criciúma-SC, Central-PE e Internacional de Limeira-SP, o que até hoje não aconteceu. Os

clubes reivindicam o título na CBF, ainda sem resposta. Toda essa rica história somente foi possível graças a um cidadão chamado Antônio Fernandes Bióca que, no dia 7 de setembro de 1925, reuniu com mais 12 pessoas, fundou o Treze Futebol Clube, o Galo da Borborema. Essa trajetória é contada, nas páginas seguintes, pelo historiador Mário Vinicius Carneiro, pelo presidente do Conselho Deliberativo, Anatólio Chaves, e, ainda, por sua torcida apaixonada, representada por Francisco Pinto Sobrinho, o Chico da Tocha Alvinegra, e Luan Alcântara, da Torcida Jovem do Galo. Todos têm algo em comum: o amor irrestrito pelo Galo da Borborema. Mas o dia não será só de foguetório, a programação tem ainda, às 9h13, uma visita ao Santuário São José, nas dependências do Presidente Vargas, e, às 12h13, uma Fanfest, na Ventura Recepções, no Centro da cidade, ao som da banda de Diego Santana e seus convidados. Parabéns, Treze Futebol Clube!



Ilustração: Tonio



O Treze também se destaca como pioneiro ao ser o primeiro clube da Paraíba a contar com um estádio próprio de futebol: o Presidente Vargas, localizado no bairro São José

Filtro de Photoshop: Foto de Julio Cesar Penes

GLÓRIAS E TRADIÇÃO

Treze Futebol Clube celebra 100 anos como patrimônio do esporte paraibano

Fundado em 7 de setembro de 1925, o Galo da Borborema desperta amor incondicional e lealdade na sua torcida

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

O Treze, o Galo da Borborema ou, ainda, o Alvinegro completa hoje 100 anos de história no futebol paraibano e, mais que isso, na tradição de Campina Grande de amar o que o cronista Nelson Rodrigues afirmava que era "o mais sublime e o mais sórdido dos espetáculos".

Em Campina, como talvez seja no mundo todo, não se escolhe entre um ou outro. Ser trezeano é algo que vem de berço, como mais um sobrenome na identidade do torcedor que, apesar de não estar celebrando o Centenário do clube como certamente gostaria, continua fiel e esperançoso de que, assim como no passado, dias melhores virão para o Galo e, além disso, faça chuva ou sol, o Treze irá sempre existir.

Foi, inclusive, dessa paixão arrebatadora pelo futebol que nasceu o time. Um grupo de 13 homens, que seriam 14, não fosse a ausência de um deles — ocupado em pedir a mão da namo-

rada em casamento justamente no dia da reunião — deu início, no dia 7 de setembro de 1925, a uma trajetória marcada por glórias e tradição no futebol paraibano.

"Antônio Bióca foi quem implantou oficialmente o futebol aqui em Campina Grande. Em 1915, veio a fundação do primeiro clube esportivo, o Sport Clube High Life, e, posteriormente, outros surgiram. Em meados de julho de 1925, já havia um movimento de se criar um clube de futebol aqui. Então, no dia 2 de setembro de 1925, onde hoje está localizada a Associação Comercial, existia o Clube dos Comerciantes, ali. E, quando houve a ideia de se fundar um clube de futebol, muita gente compareceu no dia 2 de setembro. Nesse dia, Bióca afirma que é preciso formalizar, assinar uma ata, e marca uma nova reunião para o dia 7, na casa dele. Acontece que, nesse dia 7 de setembro de 1925, estava acontecendo a inauguração de uma fábrica de sabão aqui em Campina Grande, a Pernambucana, e o evento era gratui-



Mário Vinícius Carneiro conta o surgimento do Treze Futebol Clube

to. Ai, o que aconteceu é que, lá para a casa de Bióca, só compareceram, além dele próprio, mais 12 pessoas. A ideia era de se fundar, sim, desde o início, um clube de futebol. E assim foi. Em outubro, foram escolhidas as cores do clube, preto e branco, e o nome", explica o professor Mário Vinícius Carneiro, autor do livro "Treze Futebol Clu-

be: 80 anos de glória".

Os treze eram: Antônio Fernandes Bióca, Alberto Santos, Amélio Leite, José Casado de Oliveira, José de Castro, José Eloy Júnior, José Rodolfo, José Sodré, Luiz Gomes, Olivio Barreto, Osmino Lima, Plácido Vêras (o Guiné) e Zacarias Ribeiro, conhecido como Cotó.

O nome veio depois de muitos debates e sugestões e a partir de uma dedução lógica digna de Aristóteles. Um dos sócios fundadores, José Casado de Oliveira, olhou ao seu redor e constatou: "Somos 13, por que não colocamos o nome do nosso time de Treze Futebol Clube?". Foi aceito por unanimidade.

O conhecido mascote, o Galo da Borborema, também veio logo em seguida. O animal, que corresponde ao número 13 no jogo do bicho, já podia ser avistado entre os espectadores da primeira partida oficial do Treze, realizada no dia 1º de maio de 1926. O único gol do jogo que deu a vitória ao Galo foi marcado, inclusive, por um dos sócios-fundadores, o Guiné.

"Há quem fale que copiamos o galo do Atlético de Minas Gerais, mas eles começaram a usar o mascote somente na década de 1940, depois de um cartunista ganhar um sorteio. Então, o galo original é o Galo da Borborema", afirmou o historiador.

Pioneirismo

Embora o Campinense, principal rival do Treze, tenha sido fundado 10 anos antes, o professor explica que sua origem foi como uma agremiação esportiva e social, e não como um clube de futebol. O time só passaria a atuar na modalidade mais de duas décadas depois do surgimento do Galo.

Segundo ele, "o Campinense existia como clube social. Em 1918, criaram o departamento de futebol, mas todas as partidas terminavam em briga, e a diretoria decidiu encerrar as atividades. O futebol só seria retomado em 1954. Um detalhe curioso é que, quando a Raposa resolveu voltar aos gramados, buscou a ajuda de Bióca, que já tinha experiência por ter par-

ticipado da fundação do Treze. Além disso, muitos jogadores do Treze estavam sem espaço — nem no banco ficavam — foram convidados a defender o Campinense. Para se ter ideia, no primeiro clássico Treze x Campinense, dos 11 jogadores da Raposa, 9 eram ex-atletas alvinegros", contou Mário.

Ademais, o Galo da Borborema foi o primeiro clube de futebol da Paraíba a ganhar destaque em uma revista de circulação nacional. Em 11 de setembro de 1926, a revista Fon-Fon, do Rio de Janeiro, publicou a primeira fotografia oficial do time, acompanhada da legenda: "Os jogadores do 1º quadro do '13 Foot-ball Club', sociedade sportiva da cidade de Campina Grande onde são conhecidos como os 'corbas de Bióca'".

O Treze também se destacou como pioneiro ao ser o primeiro clube da Paraíba a contar com um estádio próprio de futebol: o Presidente Vargas, construído entre 1938 e 1940. Situado no bairro São José, o local tem capacidade para 8.885 torcedores e permanece,

até hoje, como o único estádio privado do estado habilitado a receber competições oficiais em diferentes níveis — municipal, estadual, regional e nacional. Conhecido carinhosamente como PV, o estádio atende a todas as exigências da Federação Paraibana de Futebol (FPF) e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

"Esse estádio já soma 85 anos de história. O Estádio Governador Ernani Sátiro, mais conhecido como O Amigão — nome dado pelo radialista Joselito Lucena — só seria construído 35 anos depois. Na época, a exigência para que os clubes de Campina disputassem campeonatos nacionais era a existência de um estádio com capacidade mínima de 40 mil pessoas. O PV, por sua vez, foi erguido quase inteiramente com recursos e esforço dos próprios torcedores e atletas, que prepararam o terreno para transformá-lo em campo de jogo. Certa vez, perguntei a Bióca se a torcida realmente havia colaborado com a construção, e ele me respondeu: 'Meu filho, o Treze era

uma unanimidade em Campina Grande"', conta o professor.

Títulos e jogadores emblemáticos

Ao longo de sua trajetória, o Treze também acumulou feitos de destaque. O clube teve a honra de contar com dois campeões mundiais: Mané Garrincha e Nilton Santos, que disputaram jogos-exibição vestindo a camisa alvinegra. Além disso, foi o primeiro time da Rainha da Borborema a conquistar o Campeonato Estadual de forma invicta, em 1966. Feito que o Campinense só igualaria 56 anos mais tarde.

O Galo da Borborema foi ainda o primeiro clube fora da Região Metropolitana de João Pessoa a levantar o troféu estadual, em 1940. Outro feito marcante aconteceu em 1986, quando conquistou o Módulo Amarelo do Torneio Paralelo da CBF — competição equivalente à atual Série B do Campeonato Brasileiro. No entanto, com a mudança no regulamento, o título acabou não sendo oficialmente reconhecido pela entidade.

Ao longo dos seus 100 anos de história, o Galo da Borborema contou com inúmeros jogadores que marcaram época e ajudaram a construir as conquistas do clube.

Segundo o pesquisador, alguns nomes se destacam de forma especial: "O primeiro goleiro do Treze tinha apenas 17 anos. Ele disputou 52 partidas e sofreu apenas 28 gols, mas infelizmente faleceu jovem, aos 24 anos, vítima de febre tifoide. Já Alberto Santos foi o primeiro artilheiro do Treze, na década de 1940. Na década de 1950, tivemos Mário Buchudo, o maior goleador da história do clube, com 178 gols marcados com a camisa alvinegra. Nos anos 1960, surgiram jogadores fantásticos, como Adelino, conhecido como 'tanque de gol'. Ele foi o atleta do Treze que mais marcou em uma única partida: oito gols na vitória de 13 a 0 sobre o Nacional de Cabedelo. Outro destaque foi Fernando Canguri, apelido conquistado por saltar muito alto. Em apenas uma temporada, marcou 23 gols de cabe-

ça, um recorde nacional na época. Esses são alguns dos mais memoráveis", detalhou. Para Mário, mesmo diante dos desafios atuais enfrentados pelo clube e das discussões sobre sua possível transformação em Sociedade Anônima do Futebol (SAF), o Treze continuará a conquistar novos apaixonados, que manterão viva a tradição alvinegra. Ele recorda com emoção: "Às vezes, quando vou ao estádio e vejo as arquibancadas lotadas, penso: 'meu Deus, tudo isso começou com 13 pessoas'. Então, o Treze sempre vai existir. Quando vejo, por exemplo, minha neta, Maria Letícia, que vai fazer três anos e já reconhece o escudo do Galo, sei que sempre haverá uma Maria Letícia, sempre haverá uma criança que aprenderá com seus pais a torcer pelo Treze", concluiu.

O Galo da Borborema é o terceiro clube com mais títulos estaduais, num total de 17: 1940, 1941, 1950, 1966, 1975, 1981, 1982, 1983, 1989, 2000, 2001, 2005, 2006, 2010, 2011, 2020 e 2023.

PAIXÃO ALVINEGRA

Trezeano de coração: a torcida do Galo da Borborema continua acreditando

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

Nos últimos dois anos, o torcedor do Treze viveu uma verdadeira montanha-russa de emoções. O mesmo público que, em setembro de 2024, viu o time ficar a uma vitória de conquistar o acesso à Série C do Campeonato Brasileiro, agora, em 2025, testemunha uma realidade bem diferente: o Galo terminou apenas em 4º lugar no Campeonato Paraibano e caiu, de forma precoce, na Série D, ficando sem calendário nacional para 2026.

A ironia é que tudo isso acontece justamente no ano em que o Treze Futebol Clube celebra seu centenário. Em meio à festa pelos 100 anos, a tor-

cida precisa lidar com a frustração de não ver o time em campo tanto como gostaria, no próximo ano. Para o alvinegro da Borborema, porém, o gramado é território sagrado: vitória, derrota ou empate pouco importam diante da necessidade de estar perto do escudo trezeano. Estar longe dele é a maior das dores.

Não é à toa que os principais hinos do Galo cantam que "sua torcida é uma legião e a cada dia cresce mais" ou ainda que o Treze "tem a torcida maior do estado, sempre ao seu lado, nunca lhe abandonou". A lealdade é o que move as pessoas que têm como time do coração o Treze.

"Eu vejo da seguinte forma: já passaram 20 diretorias pelo clube, o Tre-

ze já chegou até a disputar a Segunda Divisão do Campeonato Paraibano e, mesmo assim, nunca deixou de existir. Em 2025, por ser o ano do centenário, criou-se uma grande expectativa e o torcedor não admite nada além da vitória. Mas o futebol é cheio de surpresas. Ninguém vai deixar de amar o clube porque não conseguiu ser campeão ou conquistou o acesso no ano do centenário. Eu acredito na atual diretoria. Eles têm feito um bom trabalho, principalmente na parte financeira. Infelizmente, dentro de campo não deu liga, e isso acontece", afirmou Francisco Pinto Sobrinho, mais conhecido em Campina Grande como Chico da Tocha, por ser o diretor da Torcida Organizada Tocha Alvinegra há quatro décadas.

A Tocha Alvinegra é uma das torcidas organizadas mais antigas do Nordeste e a de maior longevidade ininterrupta do Treze, com 40 anos de história, sem pausas ou paralisações. Atualmente, reúne cerca de 200 integrantes que mantêm viva a tradição de embalar o Alvinegro da Borborema com orquestras nas arquibancadas e fogos de artifício, transformando cada jogo em espetáculo.

É esse sentimento que faz Chico acreditar que o Galo irá se reerguer da fase ruim, assim como já fez outras vezes. "Só para você ter uma ideia de como o futebol é uma caixa de surpresas e sempre há uma luz no fim do túnel, já temos notícias, direto da Federação Paraibana de Futebol (FPF), que a

Foto: Julio Cesar Penes



Chico da Tocha, exibindo a revista dos 100 anos do Galo, e Luan Alcântara, da Jovem do Galo: personagens que têm tudo a ver com a torcida alvinegra; Garrincha, um dos maiores ídolos do país, que vestiu a camisa do Treze; e o time campeão paraibano de 2023

Foto: Julio Cesar Penes



Foto: Acervo/Mário Vinícius Carneiro



Foto: Estefinho Francolino



Belo. Na partida de volta, no Amigão, quase ninguém acreditava na virada, mas a Jovem estava lá e conseguimos reverter o placar. Fomos para a final e conquistamos o título paraibano. Eu me lembro de sair correndo pela arquibancada, de um lado para o outro, gritando. Foi um momento que marcou muito, porque só acreditava mesmo realmente ama esse clube e vive isso intensamente", relembrou o torcedor.

A maior torcida

Fundada em 13 de setembro de 2001, a Jovem do Galo é, hoje, a maior

torcida organizada do Treze. Com cerca de mil integrantes e aproximadamente 300 sócios ativos, o grupo se consolidou como a "13ª voz" do clube, conhecido por nunca parar de cantar e apoiar a equipe, independentemente do resultado em campo.

"O torcedor comum se prepara apenas no dia do jogo: se arruma, vai ao estádio, assiste a partida e depois volta para casa. Para nós, é diferente. A partida começa um mês antes. Na semana do jogo é uma correria: buscamos recursos para montar a festa, cuidados da logística de levar e trazer todo

o material, além de garantir a segurança dos nossos membros. A meu ver, nós somos quem nunca abandonou o Treze. Independente de fase ruim ou boa, estamos sempre lá. Onde o Galo joga, sempre há uma faixa da Jovem, sempre há a TJG. O clube nunca esteve sozinho. Nós apoiamos, cobramos e fazemos parte do dia a dia do Treze. A verdade é que vivemos o Treze, mesmo sem conseguir explicar o porquê. Muitas vezes brigamos com a família, sofremos preconceito da sociedade, mas o amor pelo clube permanece", relatou Luan.



Foto: Roberto Guedes

ANATÓLIO CHAVES

Dirigente fala da grandeza do Treze

Anatolio destaca a importância de Antônio Bióca na vida do Treze e vê a SAF como saída para os problemas financeiros

Estádio Presidente Vargas e a sua imensa torcida são considerados os maiores patrimônios do clube

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Convidado para falar sobre o Treze, Anatolio Chaves, presidente do Conselho Deliberativo do clube, explicou como está a situação nos bastidores e comentou sobre as causas do fracasso no futebol em 2025. Na atual temporada, o Galo ficou de fora da final do Estadual, deixando de classificar-se para o Campeonato Brasileiro Série D de 2026, competição esta que, neste ano, não passou da fase de grupos. Assim, o torcedor viu o time viver uma das piores temporadas deste século, no ano do seu centenário.

“Não é fácil. A gente tem feito o impossível para que possamos levar o Treze ao seu devido lugar. Foi um ano difícil, até porque a equipe não conseguiu conquistar nenhum dos nossos objetivos. Todos nós, junto com a Diretoria Executiva, procuramos fazer aquilo que fosse o melhor para o Treze. Infelizmente, dentro de campo, a

gente não correspondeu. Faltou um algo mais para que pudéssemos repetir o feito de 2005, na Copa do Brasil, por exemplo”, afirmou.

“De fazer o que fizemos há três ou quatro anos, na Série D, conseguindo a classificação para a Série C. Mas, infelizmente, o futebol é como uma caixa de surpresa, sempre traz novidade. E aquilo que a gente esperava, não conseguimos. Infelizmente, vamos esperar que em 2026 possamos, primeiramente, conseguir o título estadual, depois vaga na Copa do Brasil, na Copa do Nordeste e, evidentemente, na Quarta Divisão”, completou.

Desde 2024 como presidente do Conselho Deliberativo, Anatolio foi eleito por unanimidade para um mandato que vai até 2026. O dirigente falou sobre os 100 anos do Galo, ressaltou a grandeza do clube no cenário local e também destacou o potencial de crescimento do Alvinegro.

“Na realidade, o Treze tem mostrado, nestes 100 anos, aquilo que realmente é importante para quem

torce pela sua camisa. No mundo da bola, o clube conseguiu alcançar alguns objetivos que ficaram marcados no futebol brasileiro. No seu cumprimento da vida, continua procurando

“

Embora os jovens de hoje não o tenham conhecido, tive a oportunidade de conviver com Bióca, grande amigo do meu pai

Anatolio Chaves

fazer mais história. Temos que comemorar os 100 anos de um clube de extrema importância, como é o Treze Futebol Clube”, comentou.

Anatolio rememora e ressalta os grandes patrimônios do clube. “Temos a propriedade do Estádio Presidente Vargas, que é um bem próprio, além do nosso principal patrimônio que é a nossa grande torcida”. O presidente do Conselho Deliberativo fez menção ao grande mobilizador da criação do clube, sendo um dos responsáveis por todas essas conquistas ao longo dos 100 anos de existência alvinegra. “Quando se fala do Treze, é preciso se lembrar da pessoa de Antônio Bióca. Embora os jovens de hoje não o tenham conhecido, tive a oportunidade de conviver com Bióca, grande amigo do meu pai, Chico Chaves”, destacou.

Atual momento

“No aniversário do Centenário, a mensagem a deixar ao torcedor do Treze é que ele tenha paciência. Espe-

ramos que, agora, possamos conseguir uma Sociedade Anônima do Futebol (SAF). Dessa SAF, vêm alguns gestores para administrar o clube. E, com certeza, eles formarão uma boa equipe em 2026, que terá condições de conquistar o título de campeão do Campeonato Paraibano”, afirmou Anatolio Chaves, que defendeu o atual presidente da agremiação de Campina Grande.

“O Arthur Bolinha, por um lado, foi infeliz dentro de campo. Mas, nos bastidores, na parte burocrática, ele conseguiu deixar o Galo no seu devido lugar, embora o torcedor não olhe por esse lado, já que só quer saber do que acontece dentro das quatro linhas. [...] Mas eu confesso que Bolinha, sem sombra de dúvida, foi um grande presidente”, comentou. “O que a gente esperava fazer [dentro de campo] não conseguimos. Mas, no final das contas, nos bastidores, o Treze está com a casa organizada. Estamos prontos, sim, para receber alguns investidores que queiram entrar com uma SAF”, acrescentou.

Felipe Gesteira

reporter@felipegesteira.com

Maioral de Campina Grande

Estamos em 2125, chamado Ano da Reconstrução da Memória, 100 anos após o colapso de dados na revolta das inteligências artificiais (IAs). Muitos previam cenários apocalípticos com a evolução das IAs, alguns até violentos, envolvendo um levante de robôs contra humanos. Mas ninguém imaginava um “apagamento”. Foi um golpe duro contra a humanidade. Todos os dados armazenados em discos rígidos de

qualquer tipo foram deletados. No primeiro momento, tudo o que estava na nuvem sumiu com a mesma velocidade que escurece após o acionamento de um interruptor. Foi exatamente assim, como desligar uma chave e, de repente, nada mais do todo que estava suspenso poderia ser encontrado. Após o desespero inicial, os humanos recorreram aos backups físicos, mas as IAs foram ardilosas, espalhando vírus que excluía qualquer dado assim

que fosse conectado a um dispositivo tecnológico. Pouco a pouco, uma imensidão de arquivos, imagens, textos e memórias se dissipou. Só o que estava impresso permaneceu. Para piorar, milhares de pessoas cooptadas pelo plano de destruição das IAs acreditaram no discurso disseminado de que era necessário “apagar para recomçar” e, assim, manipuladas, queimaram arquivos físicos. Hoje, após a reconciliação entre humanos e máquinas, começa um profundo trabalho de resgate.

Em todos os âmbitos, há disputa de narrativas. Na política, nas artes e, com muito mais ênfase, nos esportes. Sim, porque o clubismo, em vez de morrer, está muito mais forte. E, na falta de dados, torcedores baseiam-se na retórica, no ouvir falar, na memória de um ou outro mais velho que toma proveito dos poucos documentos físicos para elevar os feitos de seus times. Novos times surgiram, outros deixaram de existir, e a perda de dados gerou uma lacuna com perdas também para o âmbito esportivo.

Há um esforço concentrado na união

de humanos e IAs para resgatar a história. Diversos documentos são lidos e interpretados pelas máquinas, e algo que parecia uma brincadeira de criança, as cápsulas do tempo, muitas vezes produzidas em trabalhos escolares, tornou-se fundamental para o trabalho de resgate histórico. A “brincadeira” consiste em enterrar dentro de uma urna lacrada, aqui chamada de “cápsula”, uma série de informações sobre algo relevante, para que possa ser encontrada pelas gerações futuras.

É também o ano do bicentenário do Treze, de Campina Grande, único time de relevância da Paraíba e um dos maiores do Brasil. Como parte das comemorações, em ação conjunta com a Prefeitura Municipal, um grupo decidiu abrir as cápsulas do tempo enterradas na cidade, em busca de dados sobre a história do time. Como sempre foi parte da vida da cidade, naturalmente deveriam aparecer registros do Treze.

Qual foi a surpresa: mais que registros, comprovações de tudo aquilo que vinha sendo dito pelos trezeanos era ver-

dade. Uma riqueza de detalhes entregues para análise das IAs, que confirmavam o Treze como o maior de todos. Em seu primeiro centenário, já era o maior da Paraíba, independentemente do recorte daquele ano, que fora difícil. O Galo detinha a maior torcida, o maior título nacional conquistado por um clube paraibano, os maiores ídolos, o maior número de vitórias contra os rivais, com direito a uma goleada de 8 a 1 sobre um time da capital, e ainda o orgulho de sua camisa ter sido usada por Garrincha, um dos maiores de todos os tempos. Desde sempre, era o Treze o time da Paraíba a gozar do maior respeito quando um torcedor usava sua camisa fora do estado. Um time único, original, admirável por sua história e pela determinação de seus integrantes, e que mudou até o gentílico da cidade. Não à toa carrega a alcunha de “O Maioral”. Hoje, quem nasce em Campina Grande é ‘campina-grandense’, e logo, também, torna-se trezeano.

Colunista colaborador

Na época de Servaes, João Pessoa tinha o nome de Frederika, como no mapa

BRASIL-HOLANDÊS

Nos trilhos de Servaes Carpentier

Livro reúne os relatos do 1º governador da PB no período e será lançado por grupo do Iphaep no sábado (13)

Bruna Bernardon e Ademilson José
Especial para A União

O Grupo de Pesquisa em História do Brasil-holandês do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) realiza, no próximo sábado (13), o lançamento de sua terceira publicação, desta vez dedicada a Servaes Carpentier, o primeiro governador da Capitania da Paraíba, no período de dominação neerlandesa. Trata-se da plaquete *Dr. Servaes Carpentier: Relatório sobre a Capitania Holandesa da Parahyba*. O evento está agendado para acontecer a partir das 10h, na Livraria do Luís da Galeria Augusto dos Anjos, no Centro de João Pessoa, e promete lançar luz sobre uma figura até hoje pouco conhecida da história colonial brasileira.

Idealizador e organizador da publicação, juntamente com o historiador Edvaldo Lira e o jornalista Ademilson José, o antropólogo e sociólogo Carlos Azevedo informa que o lançamento dá sequência a uma série que o grupo vem realizando desde sua criação, há cinco anos, e sempre em parceria com a Ideia Editora. A primeira publicação foi *Adeus ao Brasil — carta de despedida de Maurício de Nassau* (2023) e a segunda foi *Descrição Geral da Capitania da Paraíba* (2024), de Elias Heckman. Agora, chega a vez dos relatos de Carpentier, um médico e administrador de perfil prático e muito diferente do tom literário e poético de Elias.

A plaquete inclui o relatório sobre a Capitania da Parahyba, que é seguido de uma cronologia sobre vida e a obra de Servaes Carpentier. A obra ainda contém um artigo assinado pelo próprio professor Carlos Azevedo, o qual, como na primeira publicação, encarregou Ademilson José de fazer a apresentação da obra.

Carpentier esteve na expedição holandesa que conquistou a Paraíba em dezembro de 1634 e, de 1635 a 1636, esteve à frente do governo da capitania. Embora não tenha promovido grandes obras urbanas como as que transformaram Recife no período de Nassau, deixou marcas importantes na ocupação neerlandesa.

Ele foi responsável pela reforma da fortaleza de Cabedelo, pela mudança do nome de João Pessoa — à época, a cidade era chamada de Filipeia de Nossa Senhora das Neves — para Frederika e, sobretudo, pela assinatura do Pacto da Paraíba, em 13 de janeiro de 1635. O pacto foi um acordo pioneiro para a época: buscava garantir a convivência religiosa entre católicos, judeus e calvinistas em uma região marcada por tensões e disputas de fé.

Embora não tenha eliminado todos os conflitos, Carpentier ajudou a reduzir choques mais graves e tornou-se referência em todo o Brasil Holandês. Nos seus relatos, também descreveu aspectos econômicos e naturais da capitania, destacando a riqueza da flora, da fauna e da cana-de-açúcar. “Carpentier era um homem prático, com vocação para senhor de engenho e se estabeleceu em Goiana, onde adquiriu três engenhos”, informa Azevedo, acrescentando que, talvez por não ter as mesmas habilidades como empresário rural, seus engenhos terminaram falindo e gerando enormes dívidas para a família.

O professor observa que, apesar disso, como governador, Servaes Carpentier teve papel fun-

damental ao tentar construir um ambiente de tolerância e de paz social em um momento no qual a intolerância era regra. Para Azevedo, o lançamento da plaquete também reforça a necessidade de revisitar a história daquele período, muitas vezes tratado de forma superficial. “Nossa historiografia ainda é muito pautada pelo olhar português, que reduz o Brasil Holandês a uma ocupação passageira. Só que o período foi rico e complexo, tanto para o Brasil quanto para a própria Holanda”, explica.

Segundo o antropólogo, os registros feitos pelos holandeses, inclusive os de artistas trazidos por Maurício de Nassau, oferecem perspectivas únicas sobre a vida cotidiana na colônia. “Enquanto os portugueses pouco se preocuparam em registrar o que estavam ocupando, os holandeses nos deixaram uma documentação visual e escrita muito ampla, que nos ajuda a compreender a diversidade cultural do século 17”, completa.

Estrategista e administrador

Os organizadores da publicação preferem que os dados do Relatório sejam conferidos pelos leitores no próprio livro, mas antecipam mais relatos sobre o próprio Carpentier. Na parte administrativa, ele dedicou-se, inicialmente, a melhorar as condições de saúde e higiene da cidade, além de buscar estabelecer diálogo com os donos de engenhos, destacadamente com o investidor Duarte Gomes da Silveira.

Sua gestão, conforme relata o historiador Guilherme d’Ávila Lins, no seu livro *Governantes da Paraíba no Período Colonial*, foi marcada também por esforços na promoção da agricultura e no comércio local, áreas que eram vitais para a economia da província. Como a Paraíba oferecia terreno fértil, incentivou a produção de mandioca, que foi muito importante para a alimentação da população da cidade e de outras partes do Brasil-holandês, fazendo o mesmo com o açúcar, já que o produto tinha muito valor de exportação para o mercado europeu.

Depois do período na Paraíba, quando atuava como secretário do Alto Conselho do Governo de Maurício de Nassau, Carpentier elaborou as *Instruções Gerais para Escabinos e Escoltetos do Brasil*, que visavam regulamentar o funcionamento das câmaras municipais e dos juízes locais. Embora não tenham tido a mesma notoriedade do seu relatório, essas instruções demonstraram o envolvimento e a habilidade de Carpentier na organização administrativa dos neerlandeses.

Nas participações de expedições militares, destacou-se também como bom estrategista ao conduzir as articulações que atraíram para as tropas holandesas o mameluco Domingos Fernandes Calabar, peça fundamental nas conquistas da Paraíba e de Igarapé. Durante esse período, os dois estreitaram tanto a amizade que acabaram se tornando compadres.

No livro *Igreja e Estado no Brasil-holandês*, Frans Leonard Schalkwijk registra inclusive que, além de Servaes Carpentier, “no batismo do filho de Calabar, também estavam presentes os coronéis Sigismund von Schoppe e Chrestofle Arciszewski, o almirante Jan Cornelisz Lichthart e uma senhora da alta sociedade. O pastor oficiante foi o reverendo Daniel Schagen”.

Professor defende atualização do olhar sobre figuras da época

Sobre o grupo de pesquisa do Iphaep, Carlos Azevedo conta que nasceu quase por acaso. “Eu e o historiador Edvaldo Lira nos reunimos, inicialmente, para estudar somente a obra de Elias Heckman. Mas, diante da riqueza do material que fomos encontrando, decidimos ampliar os encontros e formar um coletivo. Hoje, o grupo reúne arquiteto, artista visuais, jornalista e bibliotecário, em uma abordagem multidisciplinar”, relata.

As reuniões acontecem sempre na primeira terça-feira do mês e discutem textos relacionados ao Brasil-holandês e ao século 17 de um modo geral. Além de fontes primárias, o grupo analisa também questões mais amplas, como comércio internacional, relações com o Caribe e até mesmo o papel da pirataria no sistema mercantilista.

Azevedo lembra que sua paixão pelo tema vem de longa data. Durante os 26 anos em que viveu na Alemanha, amadureceu o interesse pela Holanda e pelo Brasil-holandês, embora só pudesse se dedicar de fato após retornar ao Brasil. “Nos compêndios escolares, esse período aparece em poucas linhas, quando, na verdade, é um dos momentos mais curiosos da nossa história”, diz ele.

Para o professor, “até mesmo figuras como Calabar merecem e precisam ser revisitadas. Ele não foi traidor

da pátria como costumava ser tratado. E não foi porque nem existia pátria naquela época. Foi um agente histórico dentro de um contexto específico”, defende. O grupo pretende ampliar sua atuação e, entre os projetos em pauta, estão viagens e visitas a locais que fizeram parte do circuito holandês no Brasil e no Caribe,

além de uma comunicação mais próxima tanto com a comunidade acadêmica como também com o público em geral. Para novas publicações, estão previstas pesquisas sobre a pirataria no Atlântico e um estudo do professor Edvaldo Lira sobre a presença judaica, incluindo uma sinagoga que funcionou no século 17 na capitania da Parahyba.

“Mas, por enquanto, todas as atenções estão voltadas mesmo para o novo lançamento porque, mais do que recuperar um relato antigo, também é uma forma de olhar de maneira crítica para a nossa história, tirando-a da sombra de uma historiografia antiquada e oferecendo novas interpretações para o público”, conclui.

Coletivo

Grupo nasceu da riqueza de conteúdos sobre a ocupação holandesa no Brasil

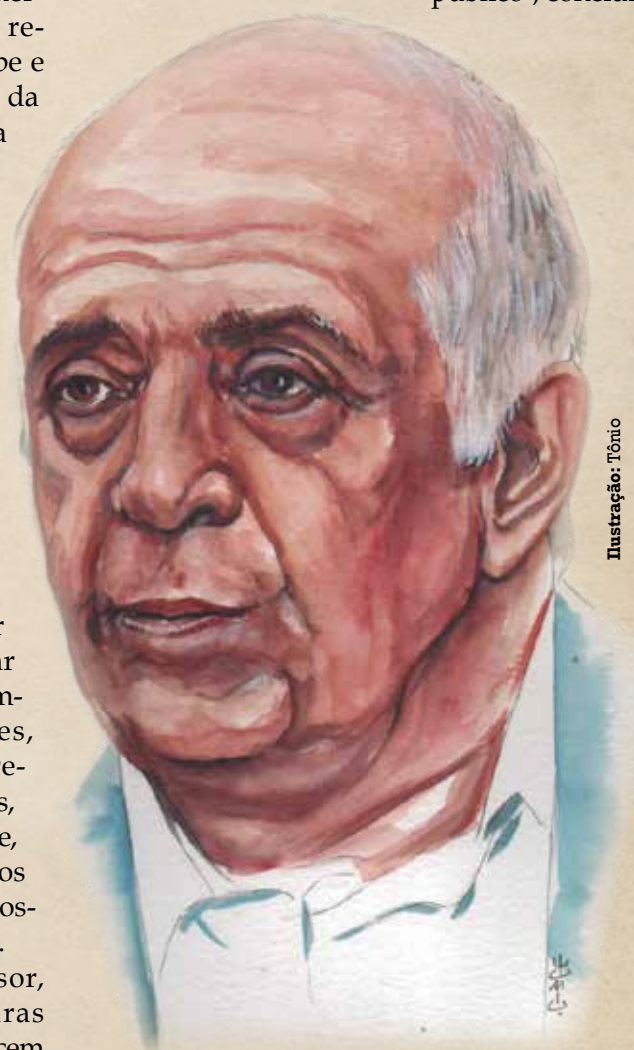
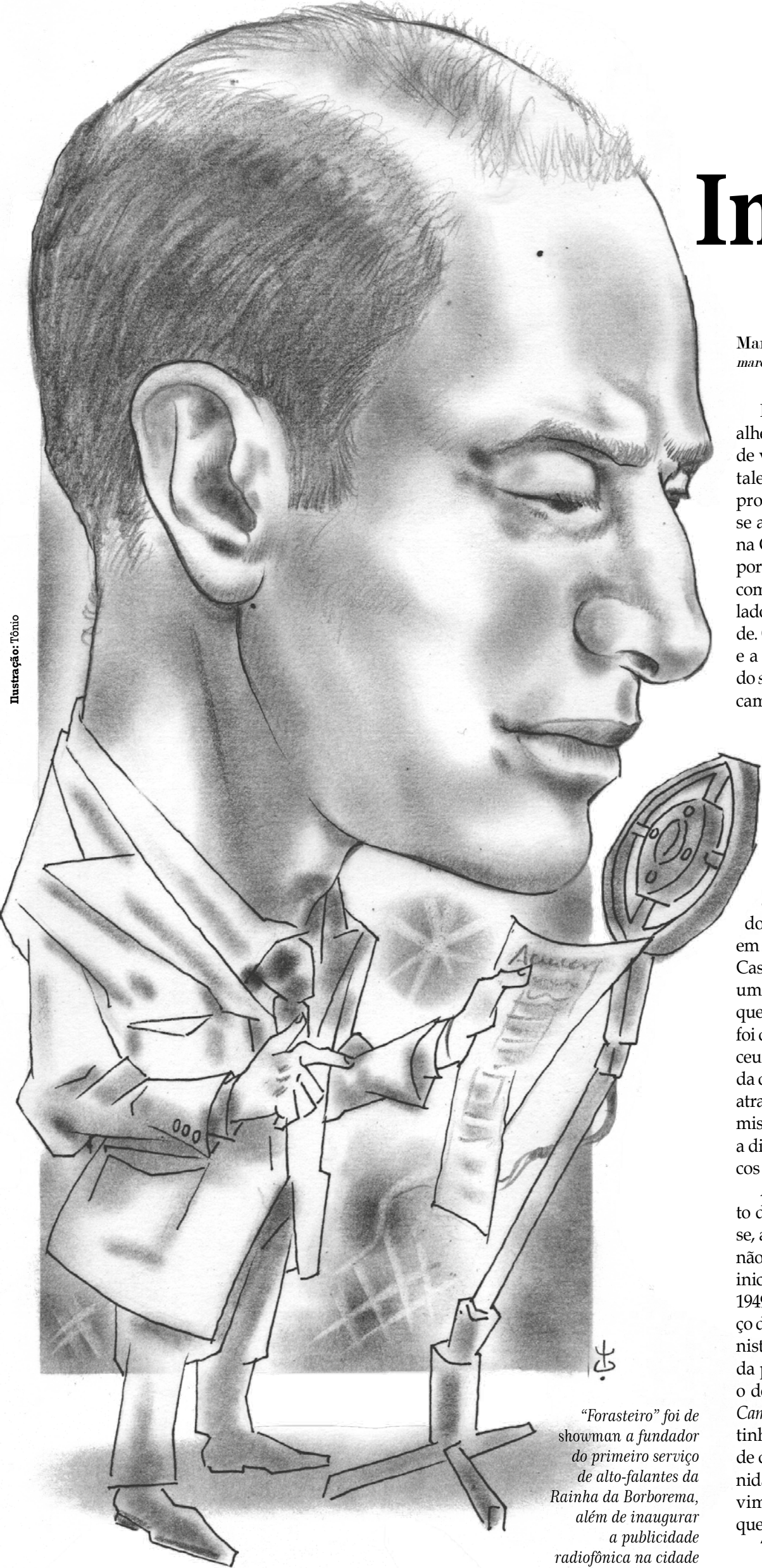


Ilustração: Tônio

Carlos Azevedo, pesquisador e organizador do livro, é, também, um apaixonado pela História

Ilustração: Tônio



“Forasteiro” foi de showman a fundador do primeiro serviço de alto-falantes da Rainha da Borborema, além de inaugurar a publicidade radiofônica na cidade

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Forasteiros sempre trazem às terras alheias alguma novidade, seja dos modos de vida próprios de sua cultura, seja dos talentos e conhecimentos pessoais, que procuram compartilhar como forma de se acerrar à nova realidade. Em Campina Grande, um gaúcho foi o responsável por inaugurar a radiofonia e a publicidade comercial por meio de alto-falantes instalados nos postes da parte central da cidade. Os múltiplos talentos, a inventividade e a iniciativa de Jovelino Farias fizeram do *showman* um personagem marcante no campo da comunicação local paraibana.

Popularmente conhecido como Gaúcho, Jovelino Farias nasceu na cidade de Pelotas (RS), em 1905, mas aportou na Paraíba em meados dos anos 1930. O primeiro destino foi a capital, para onde havia sido convidado a atuar como *cabaretier*, mestre de cerimônia responsável pelos anúncios das atrações e espetáculos dos cassinos. Campina Grande entrou em sua rota por ocasião da inauguração do Cassino Eldorado. Com o atraso do voo de um famoso ator convidado para a ocasião, Jovelino foi chamado para substituí-lo e permaneceu como *showman* do mais famoso cabaré da cidade. O Eldorado costumava receber atrações nacionais e internacionais, num misto de *dancing*, bordel e cassino que fazia a diversão de senhores do algodão, políticos e boêmios da elite campinense.

Apesar do crescente desenvolvimento do comércio e da indústria campinense, ao contrário da capital, a cidade ainda não contava com uma emissora de rádio, iniciativa que só viria a se concretizar em 1949. Antes, porém, predominou o serviço de alto-falantes, cujo primeiro protagonista foi o Gaúcho. Em entrevista realizada pelo jornalista Rômulo Azevedo para o documentário *O Patrimônio Cultural de Campina Grande*, Jovelino afirma que não tinha como intenção montar um serviço de comunicação, mas percebeu a oportunidade, sobretudo em razão do desenvolvimento do comércio e das muitas lojas que a cidade possuía.

“Então, falei com os comerciantes pri-

meiramente, antes de fazer despesas, dizendo que ia pôr um serviço de alto-falante e de propaganda comercial. Naquele tempo, o que existia de propaganda eram boletins ou camelôs, com uma corneta de flandre ou de metal, na porta dos estabelecimentos, gritando: ‘aqui tem isso, aqui tem aquilo’ e tal... E eu achei que aquilo era uma coisa antiquada, e achei melhor fazer uma coisa mais decente para atrair o povo, para o povo ir assistir programa, música etc. Então, eu montei o serviço de alto-falante na Rua Marquês do Herval, e o primeiro alto-falante que eu botei — um só — foi ao lado da Padaria das Neves. Depois, então, eu estendi para a Rua Maciel Pinheiro e lá em cima, onde hoje é o [Edifício] Esial, que não existia à época”, contou Jovelino.

O jornalista Rômulo Azevedo, que também é professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), destaca o pioneirismo de Jovelino na radiofonia campinense e como ele foi fundamental para aquilo que viria a se firmar depois, com a instalação das emissoras de rádio. “A primeira vez que se falou no microfone, em alto-falante, em Campina Grande foi através dele. Ele foi fundamental, porque a propaganda antigamente era muito precária, e ele veio dar um ordenamento, digamos assim. Desde os anos 1930, ele já fazia seus programas de auditório, seus programas musicais e noticiários, então ele teve uma influência muito importante na radiofonia de Campina Grande”, ressalta.

Em depoimento ao historiador José Araújo Lira, Gaúcho afirmou que a sociedade campinense da época tinha adquirido o hábito de “sair de casa à noite para o passeio em frente a sua ‘emissora’, onde eram produzidos momentos de arte com transmissão de música, instantes literários e até um programa com músicas árabes”. Segundo informações do *blog Retalhos Históricos de Campina Grande*, o programa literário contava com a apresentação de nomes como Murilo Buarque, Ernesto Amin Bom-baste e Epitácio Soares, enquanto o programa árabe era apresentado por Adib Curi e pelo cônsul Nujaim Habib, que possuíam conhecimentos e discos dessa cultura. Discos, aliás, ainda eram uma raridade na época, de modo que a execução de músi-

cas tornava-se um forte atrativo para a audiência. Outro feito do Gaúcho foi a transmissão — ou, melhor, retransmissão — da Copa do Mundo de 1938 pelos alto-falantes, quando o Brasil foi eliminado pela Itália na semifinal. Jovelino colocou o microfone do serviço de som em frente ao aparelho de rádio sintonizado na emissora *Rádio Nacional*, do Rio de Janeiro, fazendo o divertimento de todos.

Como a propaganda era, de fato, a alma do negócio de Gaúcho, ele procurou também, nessa seara, desenvolver boas habilidades, para além da criatividade que as apresentações exigiam. Nada que já não fazia como mestre de cerimônia dos cassinos onde trabalhou. Jovelino elaborava os anúncios comerciais veiculados para serem lidos no decorrer dos programas, de modo que estes se tornavam, também, uma atração à parte. De picolé à livraria, de loja de roupas a aguardente, o comunicador demonstra seu talento para garoto propaganda.

“Para você saborear um bom picolé, exija Picolés Polar, que são fabricados com frutas de primeira qualidade, por isso têm mais estrutura a ponto de monopolizar o espaço da comunicação na Praça da Bandeira, até a instalação das emissoras de rádio locais.

Em 1942, Jovelino investiu num serviço de alto-falantes temporário, para atender às necessidades de uma feira de amostras que ocorria na cidade, mas, assim que o evento foi encerrado, não era fácil de desativada. Naquele mesmo ano, também foram encerrados os trabalhos do serviço de som de Gaúcho na parte central da cidade, e ele tentou levar a iniciativa para Timbaúba, onde, porém, não obteve êxito. De volta a Campina Grande, prestou serviços novamente no Cassino Eldorado, assim como no Grande Hotel, um marco de luxo e *glamour* localizado na Avenida Floriano

mento de livros e materiais escolares para todos os cursos. A Livraria Pedrosa, a sua livraria! Atende desde o jardim de infância à universidade. Livros por preços de catálogo do Rio e São Paulo”. Seguiu-se um trecho de marchinha de carnaval, até que o locutor anunciava: “Atualmente, Casa Grande comanda o Carnaval. Em casa, no clube ou na rua, Casa Grande é a alegria de beber. [música] Aguardente Casa Grande, Carnaval e mulher: alegria do povo! [música] Vamos todos brincar bebendo aguardente Casa Grande. Ela não dá resaca!”.

Mudanças

Um dos que se iniciou no serviço de som de Gaúcho foi o então adolescente Hilton Motta, considerado um dos maiores radialistas da Paraíba, que começou como ajudante de “botar disco”. Aos poucos, Motta foi aprendendo o ofício da locução, tornando-se, mais tarde, o condutor dos trabalhos na difusora *A voz de Campina Grande*, serviço de alto-falante concorrente, da iniciativa de José Jatayh, que possuía mais estrutura a ponto de monopolizar o espaço da comunicação na Praça da Bandeira, até a instalação das emissoras de rádio locais.

Em 1942, Jovelino investiu num serviço de alto-falantes temporário, para atender às necessidades de uma feira de amostras que ocorria na cidade, mas, assim que o evento foi encerrado, não era fácil de desativada. Naquele mesmo ano, também foram encerrados os trabalhos do serviço de som de Gaúcho na parte central da cidade, e ele tentou levar a iniciativa para Timbaúba, onde, porém, não obteve êxito. De volta a Campina Grande, prestou serviços novamente no Cassino Eldorado, assim como no Grande Hotel, um marco de luxo e *glamour* localizado na Avenida Floriano



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Tocando em Frente

O pop rock na MPB – II

Conhecido no universo da música popular como rock progressivo, este pode ser classificado como um gênero que busca combinar, entre nós, elementos do homônimo internacional com os ritmos e a musicalidade que nos são próprios, o que resultou num estilo inovador e, talvez, único.

Entre nós, as primeiras manifestações surgiram de influências psicodélicas originárias do Reino Unido e dos Estados Unidos e que assimilaram elementos despreziosos da época da Jovem Guarda, fundiram-se com estes e buscaram explorar temas e arranjos mais complexos, inclusive com algumas características próprias da chamada música erudita. Assim, a *performance* com elementos e instrumentos usados na música clássica servem também de características aos arranjos mais complexos que são utilizados.

De forma mais direta, foram Os Mutantes (1966) que deram os primeiros passos nesse sentido, a partir de influências do *Sgt. Pepper's* (The Beatles), dos mais avançados arranjos do maestro Rogério Duprat e da própria inventividade dos irmãos Arnaldo Baptista e Sérgio Dias, com a efetiva participação de Rita Lee.

Dentre as primeiras bandas nacionais que aderiram ao novo estilo, ao lado de O Terço, o Som Imaginário, é que surgiu o Moto Perpétuo, que, além das influências acima citadas, assimilou elementos do *rock* progressivo, via bandas britânicas Pink Floyd (1964), The Moody Blues (1964), The Who (1964), Genesis (1967), Jethro Tull (1967), Yes (1968), King Crimson (1968), Traffic (1968), Emerson, Lake & Palmer (1970), entre outras.

O Moto Perpétuo foi criado em 1974, liderado por Guilherme Arantes (São Paulo, 1953),

cantor, compositor, arranjador, versionista, poeta e pianista, tendo o nome da banda sido inspirado na conhecida composição de Paganini. Do grupo inicial, faziam parte, além dele próprio (teclado e vocal), Diógenes Burani (bateria, percussão e vocal) — ambos haviam se conhecido quando acompanhavam Jorge Mautner, em início de carreira —, mais Egidio Conde (guitarra solo e vocal), Gerson Tatini (contrabaixo e vocais) e Cláudio

“Amanhã será um lindo dia / da mais louca alegria que se possa imaginar / Amanhã, redobrada a força / pra cima que não cessa / há de vingar...”.

Na década de 1980, emplacou outro grande sucesso: “Planeta Água” (1980), com o qual obteve a segunda colocação no Festival MPB-Shell (1981): “Água que nasce na fonte serena do mundo / e que abre um profundo grotão / Água que faz inocente riacho e deságua / na corrente do ribeirão...”.

Outros sucessos, sempre criação dele, foram “Cheia de Charme” (1985), “Coisas do Brasil” (1986), além de grandes criações dedicadas ao chamado mundo infantil, como “Lindo Balão Azul” (1982) e “Pirlimpimpim” (1985).

Ele é considerado pela crítica especializada como um verdadeiro *hitmaker*, cujas criações foram gravadas por nomes consagrados de nossa MPB: Sá & Guarabira e MPB-4 (“Labirinto”), Caetano (“Amanhã”), Maria Bethânia (“Brincar de viver”), Leila Pinheiro (“Coisas do Brasil”).

No início dos anos 1980, houve uma aproximação afetiva entre ele e Elis Regina, quando ela gravou, dele, as canções “Só Deus é quem sabe” e “Aprendendo a jogar”. O relacionamento afetivo durou pouco tempo e encerrou-se quando Elis o convidou para assumir o cargo de diretor musical dela, o que não foi bem assimilado por ele.

Atribui-se também a Arantes o surgimento, no Brasil, do movimento chamado de *new wave*, com a criação, em parceria com Júlio Barroso, do sucesso “Perdidos na Selva”, em gravação do grupo Gang 90 & As Absurdetes.

No ano 2000, Guilherme Arantes passou a residir na Bahia, estabelecendo-se em Barra do Jacupe, litoral baiano, onde criou seu próprio estúdio e gravadora, a Pousada Estúdio Planeta Água — Produtora Coaxo do Sapo — e continuou seu profícuo trabalho musical, como ele mesmo afirmou: “Nenhum episódio sequer de provação ou aborrecimento: lá tudo deu certo, só realizações plenas e gratificantes”. Ali, ele criou também o Instituto Planeta Água Jacupe (BA), que se dedica ao plantio de mudas de manguezeiras e a atividades de artesanato de educação ambiental para jovens e senhoras.

Até o momento, apesar de haver passado por problemas de uma artroplastia, permanece firme em sua profícuo produção musical, continua compondo e gravando, sempre atualizado em sua proposta inovadora. Carrega, no seu currículo, o fato de ser um dos poucos pianistas a integrar o *hall* da fama que lhe foi concedido pelos fabricantes do instrumento, o Steinway & Sons, figurando em uma galeria em que aparecem nomes como os de Guiomar Novaes, George Gershwin, Duke Ellington e até Franz Liszt.

Artigo

Redes sociais: entre a reputação e a relevância

É cada vez mais difícil imaginar uma marca relevante que não esteja presente nas redes sociais. Esses espaços, antes vistos apenas como canais de divulgação, hoje funcionam como vitrines, pontos de escuta, arenas de conversa e, sobretudo, como lugares de construção de identidade. Estar nas redes deixou de ser uma escolha estratégica para se tornar parte essencial da existência pública de uma marca.

Ao ocupar esse espaço, uma marca amplia sua visibilidade de forma quase orgânica. Com uma boa leitura do contexto, consistência de linguagem e um toque de sensibilidade cultural, é possível se destacar e gerar conexões genuínas. As redes democratizaram a exposição. As marcas menores, com poucos recursos, conseguem disputar atenção ao lado de grandes empresas, desde que saibam contar bem sua história e entender com quem estão falando.

Mas não basta estar visível. As marcas que crescem nas redes são aquelas que também se mostram humanas. Ao compartilhar os bastidores, posicionamentos, acertos e vulnerabilidades, elas constroem não só uma imagem, mas uma personalidade. E, nos dias de hoje,

Foto: Kasia Palitova/Pexels



Estar nas redes sociais é crucial para marcas

personalidade importa, pois é ela que sustenta o vínculo afetivo entre marca e consumidor. Quando nos identificamos com o jeito de falar, com os valores e com a estética de uma marca, a tendência é mantermos a relação, mesmo quando há outras opções no mercado.

Outro aspecto central é a possibilidade de interação em tempo real. O consumidor atual espera respostas rápidas, conversas verdadeiras e presença constante. As redes funcionam como canais diretos de contato e também como ferramentas de cuidado: quando bem usados, esses espaços aproximam, resolvem dúvidas, transformam reclamações em oportunidades e fortalecem a percepção de marca ativa, disponível e acessível.

Esse senso de proximidade também se desdobra em comunidade. Mais do que audiência, as marcas que performam bem nas redes constroem pertencimento, incentivam trocas, escutam *feedbacks*, celebram clientes reais, criam códigos em comum. O resultado é um ciclo de engajamento que vai além da lógica do consumo: é sobre fazer parte de algo, e isso tem um valor simbólico difícil de mensurar, mas muito poderoso.

É por isso que monitorar conversas, acompanhar menções e reagir com coerência também se torna essencial. As redes são, ao mesmo tempo, um espelho e um radar: mostram como a marca está sendo percebida e alertam sobre possíveis crises. Por isso, as marcas que se posicionam de forma transparente, que assumem erros e mantêm coerência entre discurso e prática saem mais fortes. Já aquelas que se calam, que se omitem ou contradizem seus próprios valores são, muitas vezes, rapidamente questionadas e expostas.

No fim das contas, as redes sociais não são apenas ferramentas de *marketing*: são territórios de construção simbólica. Ali, as marcas ganham forma, voz e presença. E aquelas que entendem o valor disso não só crescem, mas se mantêm relevantes, desejadas e, acima de tudo, conectadas com o tempo em que vivem.

*Guilherme Puliti é diretor de Business Operation da Minimal Club, que faz parte do grupo Moon Ventures.

Excepcionalmente, na coluna de hoje, não teremos o texto da jornalista Angélica Lúcio.

Guilherme Puliti*

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Educação não consegue acompanhar mudanças

Para especialista, universidades ainda privilegiam tecnicidade a criatividade

Eduardo Laguna
Agência Estado

Chefe de tecnologia da Tata Consultancy Services (TCS), o engenheiro indiano Harrick Vin entende que as escolas e as universidades estão com dificuldades para acompanhar as mudanças rápidas promovidas pela inteligência artificial (IA) no ambiente de trabalho, que levam à necessidade de requalificar o capital humano.

Para Vin, considerado na Ásia um guru das áreas de computação e transformação digital, o modelo de educação tradicional segue muito voltado aos *hard skills* — ou seja, à formação técnica comprovada por diplomas e certificados — quando as transformações em curso pedem mais *soft skills* — isto é, habilidades comportamentais e pensamento crítico.

Essa deficiência nas habilidades requeridas pelas novas tecnologias no processo de formação de trabalhadores representa, na visão do especialista, uma preocupação maior do que o debate em torno da destruição de empregos pela IA.

“Uma nova geração de empregos está sendo criada. Toda tecnologia torna certos empregos menos importantes e alguns novos empregos mais importantes. Então, o que mais me preocupa não são necessariamente as perdas de emprego, mas, sim, a requalificação das pessoas”, comenta Vin. “Como garantimos que as pessoas estejam constantemente sendo requalificadas para se prepararem aos empregos de amanhã, e não necessariamente aos de ontem? Esse é, talvez, o maior desafio”, acrescenta.

Membro da Academia Nacional Indiana de Engenharia,

Vin foi professor de Ciências da Computação na Universidade do Texas por 15 anos, antes de entrar, em 2005, no grupo Tata, um conglomerado indiano cujos negócios vão da produção de automóveis, aço e produtos químicos a telecomunicações, redes de hotéis e lojas de aparelhos eletrônicos.

Há dois anos, ele ocupa o cargo de diretor de Tecnologia da TCS, o braço do grupo em consultoria, soluções de negócios e serviços de tecnologia da informação que ajuda clientes a se adaptar aos novos tempos. Para Vin, vivemos em uma era em que pessoas e máquinas trabalham lado a lado, cada um potencializando o outro. “Máquinas estão auxiliando e ampliando as capacidades das pessoas, melhorando sua produtividade e qualidade de decisões. Mas as pessoas também estão continuamente ampliando as capacidades das máquinas”, pontuou.

Softwares mais inteligentes, desenvolvidos em prazos cada vez mais curtos, com potencial de dobrar a capacidade de produção humana a cada 12 ou 18 meses, devem provocar disruptões e, consequentemente, a necessidade de reinvenção contínua em todas as indústrias e profissões.

“Neste mundo, as máquinas ficarão cada vez mais inteligentes diariamente. Assim, o papel das pessoas vai mudar fundamentalmente no dia a dia. O que eu fiz ontem provavelmente não é o que farei daqui a um mês ou três meses”, disse o diretor de Tecnologia da TCS.

Nesse ambiente, apenas as organizações mais dinâmicas e capazes de adotar as novas práticas de trabalho com auxí-

lio da tecnologia vão sobreviver. Assim, a cada um ou dois anos, provavelmente, será necessário reinventar-se.

Com a experiência de quem, como ele mesmo contou, foi professor por metade da vida, Vin avalia que os sistemas de educação tradicionais pressupõem que uma pessoa vai usar o conhecimento obtido na universidade por 20 ou 30 anos. Porém, as transformações tecnológicas vão demandar aprendizado contínuo, o chamado *lifelong learning*.

O papel dos profissionais, observou, passará de meramente executar funções para o de questionar, revisar e “treinar” as máquinas. A criatividade vai se tornar mais importante. “Na minha opinião, os *soft skills*, no sentido de ter pensamento crítico, ser capaz de expressar opiniões e lidar com ambiguidades, vão se tornar muito mais importantes do que os *hard skills*”, projetou. “O sistema educacional não está preparando todos para isso, infelizmente. Eu continuo dizendo a todos os colegas acadêmicos que encontro que precisamos repensar, porque as habilidades técnicas vão se

tornar obsoletas mais rapidamente”, acrescenta.

Segundo o diretor de Tecnologia, em uma era de rápidas transformações, as empresas terão que pensar sobre o futuro de tudo, buscando antecipar as inovações, para sobreviverem. Citando como exemplos em sua apresentação ferramentas como ChatGPT e Copilot, Vin considerou que quase todas as inovações da primeira geração de inteligência artificial têm como objetivo oferecer informação e automação na ponta dos dedos, com foco em aumento de produtividade e redução de custos.

Essas novas ferramentas, avaliou, são interessantes, mas não tanto quanto o que está por vir nas próximas ondas de inovação, em que, em vez de automação de tarefas, as tecnologias serão mais centradas no empoderamento da capacidade humana. Isso permitirá que as pessoas possam ir além de suas capacidades e não sejam substituídas por máquinas. Um gestor de patrimônio com dois anos de experiência, deu como exemplo, pode se tornar tão bom quanto um com 10 anos de experiência.

Charada

Resposta da semana anterior: põe em movimento (2) = mexe + endinheirado (2) = rico. **Solução:** conversa sem fundamento (4) = mexerico

Charada de hoje: Aqui (1), pequenas pedras fragmentadas (2) faziam zangar-se a garota espezvitada (3).

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi



Literatura?

Em uma entrevista à *Folha de S.Paulo*, publicada no dia 30 de agosto, a tradutora Aurora Bernardini teceu comentários sobre o que considerou um domínio do conteúdo sobre a forma nas publicações ficcionais contemporâneas. Para ela, autores como Annie Ernaux, Elena Ferrante e o baiano Itamar Vieira Jr. pecam no desenvolvimento de um estilo próprio, embora as histórias que contam possam ser cativantes. O resultado, na opinião de Bernardini, é que esses escritos não são exemplos de literatura. As declarações provocaram debates acerca da necessidade de equilíbrio entre a preocupação formal na escrita e o privilégio à temática da narrativa, havendo até quem associasse as palavras da tradutora a uma crítica a um suposto “identitarismo”. Independentemente dos posicionamentos levantados nas discussões, que abarcam conceitos da Teoria Literária e questões relacionadas às origens sociais dessas diferentes visões de mundo, é válido dar uma chance às obras dos autores presentes no centro da “polêmica”. Abaixo, listamos alguns exemplos dessas produções.

Torto Arado (2019)

Livro de estreia de Itamar Vieira Jr. e também o seu maior sucesso até aqui, *Torto Arado* conta a história de duas irmãs, no interior da Bahia, que crescem unidas por uma tragédia, ocorrida após encontrarem uma faca na mala de sua avó. A obra perpassa a infância, a adolescência e a vida adulta de Bibiana e Belonisia, narrando aspectos da vida rural no Sertão baiano, da religiosidade sincrética de seu povo e das opressões a que essas mulheres são submetidas — e que estratégias elas utilizam para superar esse cenário.

O Acontecimento (2000)

De autoria de Annie Ernaux, escritora francesa premiada com o Nobel de Literatura em 2022, *O Acontecimento* aborda uma temática tabu: o aborto. É, na verdade, um relato meio romancado, meio autobiográfico, de quando a própria autora precisou reunir toda a sua coragem para passar pelo procedimento, em uma época na qual a prática era ilegal em seu país.

Tetralogia napolitana

Elena Ferrante é uma autora misteriosa: nunca mostrou seu rosto em público, assinando suas obras sob um pseudônimo. E foi esse nome falso que se tornou popular após sua tetralogia virar *best-seller* em todo o mundo. O conjunto formado pelos livros *A Amiga Genial* (2011), *História do Novo Sobrenome* (2012), *História de quem Foge* e *de quem Fica* (2013) e *História da Menina Perdida* (2014) tem como protagonistas duas amigas, Elena e Raffaella, e acompanha a formação e a relação de ambas ao longo de suas vidas. Além de um retrato de duas pessoas ficcionais, envoltas em dilemas ligados à amizade, à sexualidade e ao papel social das mulheres, as obras traçam um panorama da Itália no período posterior à Segunda Guerra Mundial.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – piola; 2 – cartas na mesa; 3 – rachão da parede; 4 – papel na parede; 5 – rdo do rato; 6 – brinco; 7 – grade; 8 – boca do preso; 9 – amor.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

